



Foto 1

**EFEITO TAMBURELLO: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO
SOBRE AS IMAGENS DE/EM AYRTON SENNA**

Adiléia Aparecida Bernardo
Orientadora: Prof. Dr. Carmen Silvia Rial

Efeito Tamburello: um estudo antropológico sobre as imagens de/em Ayrton Senna

Adiléia Aparecida Bernardo

Orientadora: Prof^a Dr.^a Carmen Sílvia Rial

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, agosto de 1998.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“EFEITO TAMBURELLO: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS IMAGENS
DE/EM AYRTON SENNA”**

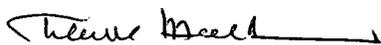
ADILÉIA APARECIDA BERNARDO

Orientadora: Dra. Carmen Silvia Rial

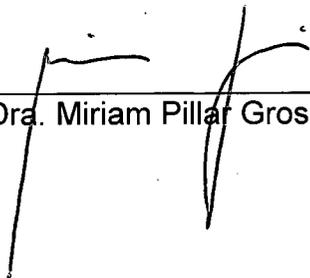
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



Dra. Carmen Silvia Rial (UFSC-Orientadora)



Dr. Etienne Samain (UNICAMP)



Dra. Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Florianópolis, 16 de outubro de 1998.

Efeito Tamburello: um estudo antropológico sobre as imagens de/em Ayrton Senna

Adiléia Aparecida Bernardo

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores

Prof^o Dr^o Etienne Samain

Prof^a Dr^a Miriam Pillar Grossi

Prof^a Dr^a Carmen S. Rial (orientadora)

Prof^o Dr^o Theophilos Rifiotis (suplente)

Florianópolis, agosto de 1998.

A meus pais

A Cherry (em memória)

A minha pequena e doce família

Agradecimentos

A meus pais Arlindo e Andília por suas orações e bênçãos.

A Aglair e a Luís, minha irmã e meu cunhado, por suas leituras, sugestões e críticas construtivas e pela amizade de plantão.

A Almir, meu irmão, pelo carinho.

A Cherry, onde estiver, por tudo.

A Ingrid e a Abigail, meus “*anjinhos-da-guarda*”, por seu carinho e compreensão e por estarem sempre comigo.

A Bob e a Cosme, onde estiverem, que estejam bem e sejam felizes, estarão sempre no meu coração.

A Rodolfo, que de 3-8-6 foi a 4-8-6, amigo de todas as horas e ele bem sabe o que isso quer dizer.

A Marcelo, meu primeiro interlocutor especial.

Aos colegas do mestrado pelas trocas.

Aos amigos Fabiana e Alessandro, Flávio, Cal, Maurício, Luís Pereira e outros que por ventura tenha esquecido, pela amizade e por seus ouvidos pacientes.

A Iolanda e a Miguel meus “*tios*” em São Paulo, por me adotarem em sua casa.

A Vera I. Teixeira, pela generosidade.

A Cristiano e a Roger, pelo profissionalismo e competência na relação com as imagens.

Ao PPGAS, pela oportunidade.

A CAPES, pela bolsa de financiamento.

Aos professores do mestrado, interlocutores fundamentais na trajetória acadêmica.

Aos colaboradores Gilka, Gatti, Ana Maria, Ana Luíza Rocha, Maria José, Luís Festel, Ângela e alguns outros, pela lembrança e por terem me passado material.

A Senna, meu “*objeto*”/interlocutor principal, que descansa em paz.

A meus informantes/interlocutores, sem os quais nada disso seria possível.

A professora Dr^a Carmen S. Rial, orientadora, por acreditar em meu projeto; minha admiração e respeito.

Resumo

Trata-se de um estudo sobre Senna, sobre as imagens de/em Senna, principalmente aquelas evidenciadas com a sua morte. Pretende oferecer pistas para se pensar a produção dessas imagens e a de outras semelhantes a elas na contemporaneidade e algumas das relações possíveis de se construir com ou a partir delas.

O encontro com Senna permite pensar sobre as múltiplas possibilidades de interpretação de um mesmo acontecimento, mesmo que este esteja relacionado a um universo objetivo e estrategicamente trabalhado, contribuindo para se pensar sobre a dinâmica dialógica desse processo e a complexidade e positividade das imagens hoje.

A espetacularização, estetização, sensibilização do mundo. A experiência estética estendida, coletivizada. A intensificação das relações via imagens. O encontro imaginal de grandes proporções. Várias e múltiplas imagens: construídas, fabricadas; fragmentadas, multiplicadas, potencializadas,...

É sobre Senna, é sobre as imagens, é sobre outros encontros além do de Senna com a curva Tamburello - outros Sennas, outros encontros, outras curvas - e ainda sobre o pensar o pensar aquela complexidade.

Abstract

It is a heed about Ayrton Senna, about Senna's similarities, mainly those ones evidenced with his death. It has a purpose to offer clues in order to think about how these images and other similarities had been produced in the contemporary, and the possible relations to build with them and from them.

The contact with Senna allows us to think about the complex possibilities of an interpretation from an invariable occasion, that helps to understand the dynamism of this process and the complexity and confidence of the images, nowadays, even if it is related to an objectively and strategically done world.

The amazement, the feeling, the sensibility of the world. The experience is increased and clustered. The intenseness of the relations through images. The fantastic contact of great parts. Many and complex images: built, produced, fragmented, enlarged, potentiated,...

This dissertation is about Senna, the images, other contacts moreover Senna's in the Tamburello curve - other Sennas, other contacts, other curves - in addition it is to think the thought of that complexity.

“A transposição da fotografia para a memória empresta-lhe um movimento contínuo do pensamento, que é o que se torna necessário fazer para que a foto isolada exprima o seu conteúdo latente e não explícito.”

Marcel Proust, *“Em busca do tempo perdido”*

Índice

Top 1	1
Top 2	2
Senna inicial	
Introdução	5
Senna 1	
Construindo o objeto	10
Imagens-mídia. Imagens-representação	20
Efeito Tamburello	24
Senna 2	
Abordagem teórico-metodológica	32
Senna 3	
A morte espetáculo	47
Ensenação	58
<i>“Circo da F-1”</i>	59
O homem espetáculo	67
O corpo espetáculo	68
Esporte espetáculo	80
<i>“O show deve continuar”</i>	81
Os gêneros do espetáculo	83
Senna 4	
Morte “real”/“morte virtual”	93
<i>“Santo Senna”</i>	100

<i>“Circo dos horrores”</i>	106
Mística sênica	109
Poder/imagens	113
Senna 5	
Senna não morreu	125
Transfiguração sênica	130
<i>“Acelera Galisteu”</i>	133
Senna ou super-Senna	137
<i>“Produced under licensed from Ayrton Senna Foundation”</i>	142
Barriche(nna)llo	144
Mamonas em Senna	147
Cenas finais, reais e imaginais	148
Senna final	
Considerações finais	150
Relação de fotos	158
Referências bibliográficas	159
Bibliografia citada	159
Bibliografia consultada	162

TOP* 1

...

Imagem aérea em movimento. Um fórmula 1 parado, atravessado junto à pista. Dentro, um capacete inerte.

...

Um fórmula 1 se aproxima de uma curva em altíssima velocidade. De outro ângulo, segue uma trajetória reta e encontra um muro. Um pneu salta para o ar. Com o impacto, o carro, semidestruído, volta numa força inercial, já sem controle, para a borda da pista.

...

Um helicóptero pousa na pista. Um corpo é retirado dos destroços do fórmula 1 e estendido no chão. Não se vê seu rosto. Há sangue. O corpo é socorrido e introduzido no helicóptero, que novamente decola.

...

Em câmara lenta, o carro se aproxima novamente. Devido a angulação, não se vê exatamente o choque. O pneu voa. O carro, com a parte frontal direita retorcida, volta até à margem da pista. Imagem aérea: o capacete faz um pequeno movimento. O socorro não é imediato. O tom do locutor é grave, emocionado.

...

1994. 1º de maio. Autódromo Enzo e Dino Ferrari. Circuito de Imola, San Marino, Itália. Carro: Williams número 2. Corpo: piloto brasileiro Ayrton Senna.

* Em linguagem de mídia, contagem regressiva, geralmente de oito segundos, que antecede um programa.

TOP 2

*

*“Ayrton Senna vem liderando a prova na primeira volta agora. Ele bateu!!!... ele bateu... o Ayrton bateu (silêncio).”*¹

*

Blumenau, SC. Brasil. Manhã de domingo. Eu bebia tranqüilamente meu café na companhia de minha irmã. Visitávamos nossos pais. Chegáramos da capital, Florianópolis, no dia anterior. Conversávamos mãe, minha irmã e eu. Ao fundo, um aparelho de TV transmitia, em volume baixo, a 3ª prova do Campeonato Mundial de Fórmula 1, sem que nenhuma de nós reparasse na corrida. Aos poucos, imagens de um acidente na pista vão se prolongando na tela. A conversa prossegue normalmente até que começa a ser invadida pelo tom de preocupação do locutor. As atenções começam a se dividir. Minha irmã resolve prestar atenção. Eu continuo meu café. Ela descobre que o acidente é com Senna. Procuramos, então, acompanhar melhor de outro aparelho na sala. Senna entra para a pauta de nossa conversa.

Almoço em família. Meu pai fizera aniversário no sábado. Meu irmão, que mora na cidade, também viera com a esposa. A TV ligada. Conversávamos e então: *“Ayrton Senna da Silva sofreu morte cerebral”*². Segue a programação. Cafezinho e retornamos à sala. *“Morreu Ayrton Senna da Silva. Esta é a notícia que nós nunca gostaríamos de dar”*.³

¹ Galvão Bueno, durante a transmissão do Grande Prêmio de San Marino de Fórmula 1, *Rede Globo*, 01/04/94.

² Renato Cabrini anuncia sua condição irreversível no *Plantão da Globo*.

Retorno no mesmo dia. No ônibus, encontro um amigo, “fã” de Senna, desconcertado, inconformado⁴.

Em casa, a TV é uma companhia constante⁵. Ligada, volume quase sempre baixo, observo que a morte de Senna ocupa grande parte da programação. “...nas ruas e na frente dos televisores...”⁶. Durante dias, a qualquer hora, nos vários canais⁷, Senna é uma das atrações, um dos temas principais.

³ Renato Cabrini, em novo *Plantão*.

⁴ “Acordei de manhã, tomei chocolate quente com torradas e doce-de-leite. A gente subiu para o mezanino, colocou uma TV lá em cima e ficamos: eu, meu pai e meu tio; assistindo a corrida. Começaram a correr e nós ficamos conversando sobre o campeonato e eu estava comentando e apostei que ele levaria este campeonato de novo (...) Ai simplesmente: o Senna bateu! Eu olhei, não estava olhando para a tela na hora. Quando bateu eu olhei, o carro bateu no muro e aí ele não se mexeu. A hora que ele não se mexeu eu levantei e fiquei perto da tela. Então, eu comecei a pensar que eu queria que ele se mexesse. E nada! Meu pai falou assim: - ‘Ele mexeu a cabeça, ele mexeu a cabeça’. Eu falei: - ‘Não, não ele não tá legal’. Daí eu fiquei descontrolado. Desci as escadarias e falei que não queria mais ouvir. Fiquei na frente de casa sentado na mureta e fiquei indignado. Comecei a rezar. Pedi ajuda pros ‘meus amiguinhos’ (sua formação religiosa é o espiritismo). Quando eu subi estava aquele bafafá todo, foi quando colocaram ele num helicóptero e o meu pai estava comentando que não iria ter jeito. E eu dizia que não acreditava. Minhas lágrimas começaram a correr e eu fiquei mal. Muito mal (...) Eu comecei a chorar e a ficar indignado. Não é justo. Não cabe na minha cabeça (...) Fiquei o resto do dia acompanhando a TV, vendo os resultados.”

Marcelo Ricardo Santos Silva (22 anos), publicitário, ex-piloto de rali de regularidade, em entrevista à autora em 04/10/94, em Florianópolis, estava em Brusque, SC, com a família no dia do acidente com Senna. O “Silva” no nome garante-lhe um certo sentimento de familiaridade com Ayrton Senna da Silva.

⁵ Sinto como se tivesse sido socializada através das imagens da TV. Lembro de tardes de domingo com a garotada da vizinhança na casa de uma das primeiras TVs da rua. Acho que a nossa, de minha família, foi a segunda ou terceira: pouso do homem à Lua; Copa de 70... Zorro foi uma de minhas primeiras paixões...; *Perdidos no espaço*; *Terra de gigantes*, *Rin Tin Tin*, *Lassie*; os desenhos de Hanna Barbera, *Tarzan*, *Batman* (ainda hoje)... Os musicais da Broadway marcaram as minhas *Sessões da tarde* na Globo. *Jornal Nacional e Fantástico* eram programas “sérios”, “de família”. *Chacrinha*, *Silvio Santos* e futebol quase sempre fugia para as brincadeiras na rua... Assim também, pela TV, conheci a Fórmula-1 e corri pela primeira vez num autorama Emerson Fittipaldi, da Estrela. Revivals depois, as imagens ainda iluminam a casa, nem que na nova versão de abajur, nos *Corujões*, da Globo de sábado para domingo.

⁶ Rede Bandeirantes, 05/05/94.

⁷ **Globo**: Aeroporto Internacional de Guarulhos (SP). 4 de maio. 5h30: O MD-11 da Varig pousa. Sob uma suave luminosidade, o caixão com o corpo de Senna é recepcionado... **Band**: Brasil 3x0 Islândia, Estádio da Ressacada, Florianópolis (SC). 4 de maio. Jogo de despedida da Seleção Brasileira de Futebol em direção à Copa do Mundo de 94. Flashes da Assembléia Legislativa de São Paulo, onde Senna está sendo velado; um minuto de silêncio antes do início da partida; leitura de um salmo da Bíblia acompanhada do “*Tema da Vitória*”, com que eram festejadas as vitórias de Senna pela Globo; “*Saudades...valeu Senna, Natal (RN)*”: homenagens de torcedores nas arquibancadas... **Globo**: 5 de maio. Durante toda a manhã, transmissão ao vivo do funeral de Senna, traslado e sepultamento do corpo no cemitério do Morumbi: “*Este é o espetáculo preparado por São Paulo*” (William Bonner)... **SBT**: *Aqui Agora*. 5 de maio. Pessoas fazem vigília e outras, emocionadas, são carregadas pela segurança durante o velório de Senna na Assembléia Legislativa... **Globo**: 6 de maio. *Globo Repórter Especial* conta a história e a trajetória de Senna...

“*Magic Senna pour toujours*”. “*Ayrton Senna muere en Imola atras chocar a 300 por hora*”. “*Death of a champion*”. “*Formule 1: la mort au tournant*”⁸. “*Espanha está perplexa*”⁹. “*Tristeza na Inglaterra*”¹⁰. A morte de Senna marcou não apenas pela forma inesperada e violenta (instantânea, a quase 300Km/h) com que se deu, mas também pelo modo como pode ser assistida, experienciada (ao vivo pela televisão¹¹) e pelas proporções que assumiu (acompanhada, durante dias, por milhões de pessoas em todo o mundo)¹². As imagens do choque da Williams contra o muro da curva Tamburello, ao vivo, via satélite, repetidas vezes, em tempo real, câmara lenta, congelada... ultrapassaram fronteiras, repercutindo internacionalmente¹³. Resultou na maior cobertura do gênero¹⁴. Do acidente ao funeral, a morte de Senna se transformou de flagrante trágico, fato jornalístico, a espetáculo, ultrapassando os limites dos noticiários e avançando sobre outros espaços da mídia¹⁵.

⁸ Manchetes de jornais como *Le Matin*, da Suíça; *El Pais*, da Espanha; *Daily Mail*, da Grã-Bretanha, *Libération*, da França, respectivamente, reproduzidas na *Folha de S. Paulo*, 03/05/94, cad. 4/Esporte, p. 3-6.

⁹ *Jornal do Brasil*, 02/05/94, cad. Esportes, p. 13.

¹⁰ *JB. Op. cit.* p. 13.

¹¹ Lembraria a morte, por assassinato, do presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy, diante das câmaras, em Dallas, Texas (EUA), em 1963; considerada, segundo *Folha de S. Paulo* (20/05/94, cad. 2, p. 14), uma das imagens mais famosas da história.

¹² Semelhante ao que aconteceria posteriormente, em agosto de 1997, com a morte da princesa Diana, rapidamente tocado no último capítulo.

¹³ Paulo Scardueli (*Ayrton Senna: herói da mídia*, 1995) destaca que no exterior, a cobertura da morte de Senna foi tema de crítica aos organizadores da F-1 pelo *L'Osservatore Romano*, do Vaticano; responsável por 30 pontos de audiência da TV Fuji, do Japão e seu enterro foi transmitido para as TVs de 45 países. Francisco Santos (*Ayrton Senna do Brasil*, 1994) acrescenta que a morte de Senna foi destaque em periódicos de vários países, como Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Suíça e EUA.

¹⁴ Dados de *Veja* (11/05/94, p. 42), dizem que, seguida por outras emissoras, a *Globo* dedicou 48 horas ao vivo, envolvendo 150 profissionais na cobertura do enterro.

¹⁵ Scardueli (op. cit.) destaca alterações na rotina da mídia decorrentes da morte de Senna. No Brasil, suspensão por uma semana da estréia da novela *Éramos Seis*, do *Serviço Brasileiro de Televisão* (SBT); substituição, na segunda-feira seguinte à morte, da música *O Guarani*, de Villa-Lobos, da abertura do noticiário *A voz do Brasil*, pelo *Tema da Vitória*; índice de 73% de aparelhos de TV sintonizados no assunto, em São Paulo; publicação de 2 milhões de exemplares extras sobre o piloto e a ocupação de 195 das páginas de 6 jornais pesquisados pelo autor (*FSP* e *O Estado de S. Paulo* (SP), *O Globo* e *JB* (RJ), *O Povo* (CE) e *Diário Catarinense* (SC)), de 2 a 6 de maio de 1994.

SENNÁ INICIAL

Introdução

*

Na carona do olhar da câmara instalada no carro, a curva, o muro, o fragmento de Senna pelo retrovisor... A imagem da capa, assim, congelada, tremida pelo movimento do veículo. A curva, o muro, os quais, sabe-se, não serão vencidos, mas que, assim imobilizados, ainda que em velocidade, não chegam nunca.

*

A carona, aqui, é a do texto e a opção é navegar nessa e noutras imagens que, ainda que não conclusivas, sinalizem outros e diferentes finais.

*

Esta preliminar/*warm up* para quem lê, é antes, para mim, uma bandeirada, se não final, de chegada, pois ela possibilita outras largadas, pelo menos o roteiro de um percurso para algumas leituras possíveis de Senna.

Não linear, este trabalho começa por um fim, ou seja, pela morte, mas que se revela enquanto um começo, do que digo, de um outro tipo de vida para Senna e (por que não) também para mim, de um trabalho que espero não se esgote aqui.

Começo/início com Senna, falando de sua morte para terminar falando de sua vida, de sua(s) outra(s) vida(s) possível(is).

A tentativa, que se apresentou ao longo desta produção, são de imagens para serem lidas e pensadas e de um texto para ser visto ou imaginado. Não se trata de uma etnografia nos moldes tradicionais (as coisas nem sempre parecem estar no lugar onde “*deveriam*”), onde o antropólogo descreve um grupo relativamente homogêneo, suas práticas e representações em capítulos mais ou menos previsíveis; organização social, religião, parentesco, economia etc.

Abordagem teórica, metodológica, campo, análise e redação aqui caminham juntas como exercícios realizados simultaneamente. As notas de rodapé se revelaram um universo paralelo para outras vozes, para um diálogo mais explícito e para se emitir sentimentos, opiniões mais pessoais, subjetivas; não considerado, portanto, um espaço inferior ou subalterno do texto.

Enquanto era confeccionado, percebia que o texto demonstrava uma dinâmica e uma autonomia próprias. Por momentos a tentativa de um movimento diferente, a imposição de um ritmo não funcionava e algo mais ou menos extraordinário reorientava-o.

Sua aparência/estilo meio de artigo (longo artigo), sua linguagem rápida, às vezes meio telegráfica, não pretendem abreviar a importância ou omitir certas discussões, mas sim encontram inspiração na própria linguagem fluida e rápida encontrada no meio midiático e na tentativa de aproveitar a abundância dos dados aí disponíveis. De qualquer modo, esse procedimento não foi previamente ou objetivamente planejado, mas se deu concomitantemente à sua produção.

*

Pensar e escrever sobre Senna inicialmente me inibiu um pouco, na medida em que se trata de um tema atual, próximo, sobre o qual ainda versam ou surgem vários comentários/opiniões. Escrever sobre ele implica escrever para um público familiarizado com este objeto, mesmo que seu olhar não seja sistemático, o que, por outro lado, é extremamente positivo, porquanto tenta explicitar alguns aspectos que normalmente passariam despercebidos, anestesiados/naturalizados por essa mesma familiaridade.

Questionamentos, a princípio, sobre porque pesquisar algo que após dois, três, quatro anos, tempo para se realizar a pesquisa e defender a dissertação de mestrado, “ninguém mais vai estar falando de Senna” não ameaçaram minha opção, ao contrário, me estimularam a continuar nela. Por entender que Senna não se extingue, não se esvazia nele só, costumava responder que o meu interesse não era propriamente Senna, mas de que modo um estudo sobre um fenômeno específico poderia contribuir para o entendimento de outros semelhantes a ele, ou de simplesmente tentar oferecer pistas para se tentar compreendê-lo melhor.

Outra alegação, desencorajadora, de certo modo, sugeria tratar-se de um certo oportunismo, como eram creditadas certas iniciativas posteriores à morte de Senna; da escolha de um tema da “moda”; se meu objetivo era a publicação de um livro e, mais tarde, algo irônico como, “olha, a namorada dele posando para a Playboy, e você, cuidado”, dentre outros. Indagava sobre o imaginário, as reservas e resistências e os *pré*-conceitos com relação ao estudo/envolvimento com certos temas, de determinados universos de experiências culturais contemporâneas e, inclusive, o poder de constrangimento de meus próprios *pré*-conceitos.

Senna foi meu companheiro “*imaginário*” por quatro anos. Período suficiente para perceber que a suposição acima não se deu. Senna continua sendo comentado, em

menores proporções, mas ainda assim, comentado ou citado, senão direta, mas indiretamente. Sobre tratar-se de um modismo, vivemos contemporaneamente sob o signo de certos modismos, transitoriedades, efemeridades, e pensar qualquer objeto que se enquadre nesse terreno me parece pertinente e oportuno se quisermos entender melhor a(s) nossa(s) própria(s) cultura(s), o que também responde a alegação de um possível oportunismo. Senna se revelou generoso e algumas vezes estressante em sua abundante presença. Confirmou, mas também superou algumas expectativas e pré-julgamentos iniciais, quanto às possíveis dificuldades ou facilidades que poderiam se apresentar.

*

Por uma questão de um certo ordenamento, o trabalho foi dividido em cinco partes-capítulos principais. A seguir, Sennas dos próximos capítulos.

Senna 1: construindo o objeto: aqui Senna é uma interrogação, uma perturbação. É a expressão do primeiro contato, das primeiras reações, emoções, imagens. A subjetividade; como se colocar diante de uma opção e a relação pessoal com ela. Senna precisava de contornos, definições que o justificassem/defendessem como escolha de objeto. Inspirava-me em outras leituras e estilos. Senna foi se delineando, oferecendo pistas, trajetos, cursos. Sob o argumento de Senna e suas imagens, suas vultosas imagens, Senna, a pesquisa, a dissertação, se configurou como um objeto/projeto possível/realizável e instigador.

Senna 2: abordagem teórico-metodológica. Esse não foi um capítulo exclusivo, se expandiu/espalhou para/por outros capítulos, contudo, aqui essa discussão se situa formalmente, enquanto suporte, sustentação, para a sua própria continuidade. Aos poucos, ficam mais evidentes as intenções do projeto Senna. Eu persigo Senna ou é

ele quem me persegue? Pensá-lo antropológicamente reservava uma experiência caseira, doméstica; um olhar por sobre o próprio ombro, o que exigiria esforços no sentido de descobrir/construir um jeito de penetrar ou re-penetrar um universo que ultrapassa ou transpassa(?) aquela experiência. A condição de gênero, mesmo que não se possa estabelecer um limite concreto entre um olhar feminino e outro masculino, permitiu a exploração de um ângulo diferenciado de um tema decorrente de um território tido como predominantemente masculino.

Senna 3: a morte espetáculo. O efeito Tamburello. É onde e quando tudo, ou quase tudo, acontece. É o início propriamente dito da análise/interpretação da pesquisa. De repente, no meio do caminho havia um muro... teso, coeso. Senna, multi-fragmentado, potencializado, nunca mais será o mesmo...

Senna 4: morte “*real*”/morte “*virtual*”. Misturadas, ficção e realidade se confundem, inexistem. Tudo é realidade e tudo é criação ou criações. A morte, o morto:... sério, santo, trágico, cômico, ambíguo... Sugado, tragado, sorvido. Transcorrido o embate, Senna jaz, para em seguida ser extraído, abortado de sua agora carcaça abandonada sobre a pista, alçando vôo pelas mãos do intrépido socorro aéreo, tele-transportado imageticamente para outros e distintos horizontes.... Revelações de uma *caixa(-preta)* quase mágica, conectadora de mundos - numa relação cúmplice: lente-imagem-tela -, de olhares. As imagens pousadas na lâmina da lente servem de antecâmara; passagem para “*outro*” mundo...

Senna 5: Senna não morreu. Senna circula transformado, transmutado, com a naturalidade própria/comum aos imortais, incorporado à memória coletiva; aquela que anima, individualiza e personaliza lugares e coisas com nomes célebres, que ilustra/decora paisagens, inspira e comove sentimentos.

SENNÁ 1

Construindo o objeto

Desde o acidente, deparava-me com a minha ausência de emoção diante daquela morte. Experienciara perdas recentes cujos sentimentos considerava incomparavelmente mais fortes. Além disso, conforme me habituei a me distinguir dos seus “fãs”/”amantes”/”simpatizantes”, nunca gostei de Senna. Reconhecia seus méritos como piloto, mas achava-o exageradamente “*perfeccionista*”, “*irresponsável*”, “*esganado*”, “*antipático*”. Preferia Nelson Piquet, Alain Prost, que considerava “*falíveis*” e, portanto, mais “*humanos*”. Também, raramente assistia à Fórmula 1; se quer qualquer prova de automobilismo. Faltava-me paciência. Além do mais, a velocidade, apesar de considerá-la excitante, causa-me pânico.

Ao mesmo tempo, percebia ser impossível permanecer totalmente indiferente àquela morte. “*A qualquer instante novas e reveladoras informações sobre o caso Senna*”, anunciavam os locutores nos diferentes canais de TV. Também sentia-me insatisfeita com os comentários sobre as reações/manifestações em torno da sua morte. Comentários/opiniões que se dividiam, tratando-as ora como um fenômeno homogêneo, uma “*comoção nacional*” e Senna como uma unanimidade¹; ora afirmavam ser resultado de uma característica particular, de uma necessidade dos brasileiros, por heróis; de uma carência por símbolos, modelos; devido, em parte, a sua condição de país subdesenvolvido². Outra versão, ainda, atribuía a

¹ Eu não me sentia pertencendo nem a essa “*homogeneidade*”, nem a essa “*unanimidade*”; assim como identificava que outras pessoas também não. Observava, sim, uma pluralidade e uma diversidade de reações e opiniões.

² Senna é considerado herói também em outros países como, por exemplo, no Japão. Scarduelli, citado antes, diz em seu livro que pesquisa realizada em outubro de 1994, naquele país, revelou que Senna só perdia em popularidade para o imperador. Depois, “... ele tem ainda fã-clubes, aí, espalhados pelo mundo (...) Tem na Austrália um grande fã-clubes, tem no Japão, tem na Bélgica, na França (...) O maior é no Brasil, mas em cada país onde existe F-1 sempre tem um fã-clubes (...) pelo número de pessoas que já passaram por aqui, vindos de partes mais diferentes do planeta, pessoas da China, pessoas do Afeganistão, de um outro país,

responsabilidade à mídia, ou à Rede Globo, que detém os direitos de exclusividade sobre as transmissões dos Prêmios de F-1 no Brasil³.

Aos poucos comecei a me interessar, a querer entender melhor a minha “insensibilidade”, a tentar outras respostas/explicações, considerando, inclusive, as leituras já realizadas⁴.

deixa eu ver, não lembro agora, mas são lugares onde não existe tradição nenhuma de F-1 e ele conquistou uma admiração desses fãs”. Agora é Adilson Carvalho de Almeida (33 anos), advogado, presidente da Torcida Ayrton Senna, em entrevista à autora, na sede da TAS, 17/01/96, quem complementa. “... há oito anos eu estou à frente da Torcida Ayrton Senna. O meu interesse (...) veio da admiração que eu tinha pelo Ayrton que despontava naquele ano de 1988, em maio de 1988, quando nós criamos a Torcida Ayrton Senna, como um dos melhores pilotos que já passou pelo automobilismo (...) Eu já tinha tido um contato com o Ayrton dois anos antes aqui mesmo nessa casa, onde era o escritório dele”. Contribuindo para relativizar a noção de heroísmo relacionado ao fracasso, Antônio Callado, na FSP (28/05/94, cad. 5, p. 6), chama a atenção para outra morte seguida a de Senna. Destaca em artigo, “EUA choram a morte de ídolo reciclado”, que Jacqueline Kennedy Onassis, morta em 19/05/94, foi enterrada ao lado do primeiro marido no reservado Cemitério Nacional de Arlington, com honras e alçada a categoria de monumento nacional, mesmo após ter sido severamente criticada, em vida, por seu relacionamento, já viúva, com o multimilionário Aristóteles Onassis. Observa sobre os EUA serem o “... país mais importante do mundo, que vive, desde a Primeira Guerra Mundial, uma espécie de superprodução crônica de heróis” e finaliza falando sobre a morte de Jackie, como era chamada, “se isto não é precisar de heróis ou heroínas me digam o que seja. Vale até, nos Estados Unidos, a reciclagem de heroínas avariadas”.

³ A cobertura da morte de Senna não se limitou à Globo, nem ao Brasil e a própria mídia parece ter sido surpreendida com a sua repercussão. *Veja* (op. cit.), diz que a cobertura da morte de Senna “foi se impondo de baixo para cima, na medida em que se conferiam os índices de audiência. A Globo reprisou várias vezes o acidente com Senna. O ibope subia sempre. ‘Os números eram de tal porte que algumas emissoras ficaram confusas e ligavam perguntando se o sistema havia quebrado’”, diz o diretor técnico do Ibope, Luís P. Montenegro à revista. Inicialmente, por ausentar-se da cobertura, a audiência do *Aqui Agora*, do SBT, caiu de 20 para 8 pontos. Posteriormente, aliada a outras emissoras (*Gazeta*, *Cultura*, *Record* e *TVA*), recuperou-se. Já a cobertura da *Rede Manchete* fez elevarem-se de 3 para 13, seus pontos, durante a mesma cobertura. *FSP* de 31/05/94 publica dados do Datalbope que, só enquanto a *Globo* exibia o GP de San Marino e dava notícias sobre o acidente com Senna o índice de audiência da emissora em São Paulo manteve-se em 31 pontos ou 1.233.490 domicílios ligados na emissora. Se se considerar a base de cálculos usada pelo mesmo jornal, em outra ocasião (28/03/95), de 2,5 telespectadores por domicílio, a estimativa é de 3.083.725 telespectadores na considerada grande São Paulo.

⁴ Dentre elas, as de: COELHO, Marcelo, jornalista, (“*Negra é a cor do nacionalismo brasileiro*”, *FSP*, 04/05/94); DAMATTA, Roberto, antropólogo (“*Senna para presidente*”. *Veja*, 11/05/94); VELHO, Gilberto, antropólogo, (“*Fim trágico acaba por conferir grandeza paradoxal ao campeão individualista*”. *OESP*, 08/05/94); SHIRTS, Matthew, jornalista e antropólogo (“*Enquanto o povo prestou uma homenagem minimalista, a elite tentou transformar o tricampeão num herói chato e oficial*”. *OESP*, 08/05/94); FREITAS, Jânio de, jornalista (“*O defeito que matou Senna*”. *FSP*, 03/05/94); RIBEIRO, Renato Janine, cientista político (“*Mito é uma mistura de Aquiles e gladiador*”. *OESP, Especial*, 08/05/94); COELHO, Teixeira, professor de Política Cultural (“*Uma máquina sem controle conduz o País*”. *OESP, Especial*, 08/05/94); MOTA, Carlos Guilherme, historiador (“*Tragédia revela o vazio nacional*”. *OESP, Especial*, 08/05/94); CALLADO, Antônio, escritor (“*Touros tecnológicos concorrem na F-1*”. *FSP*, 14/05/94); JABOR, Arnaldo, cineasta (“*Enterro de Senna foi carnaval*”. *FSP*, 17/05/94); Costa, Jurandir Freire,

“Não sabíamos que te amávamos tanto, Ayrton”: dizia a faixa no meio da multidão, que se espremia na tela. Não sabíamos? Amávamos? Não amávamos? Passei a considerar a possibilidade de sistematizar minhas reflexões, de modo a transformá-las em Projeto de Pesquisa para a Dissertação de Mestrado, confirmando a influência do aspecto subjetivo, da experiência pessoal, sobre a escolha e construção do objeto de pesquisa⁵. Tomada a decisão cabia estabelecer uma problemática, proceder/executar um recorte, especificar o objeto, o que seria possível e facilitado através de uma pesquisa exploratória e pela recorrência do tema.

Televisão⁶, jornais, revistas⁷, vídeos, biografias, entrevistas; “fãs”⁸, F-1⁹, kart¹⁰, namorada, “rivais”,... O estranhamento inicial cedia¹¹. Senna foi se tornando

psicanalista (“*Desiguais na vida e na morte*”. *FSP*, 22/05/94); BAUZÁ, Hugo, ensaísta (“*Las sociedades siguen fabricando mitos*”. *Clarín*, 19/06/94) e outros.

⁵ GROSSI, Miriam. *Devaneios íntimos, teorias explícitas: gênero e subjetividade na Antropologia* (mimeo). 1992, GROSSI, Miriam. “*Na busca do ‘outro’ encontra-se a ‘si mesmo’*”. In: *Trabalho de campo e subjetividade*. 1992. ROSALDO, Renato. *Cultura y verdad*. 1989.

⁶ Nelson Piquet (piloto) fala de sua carreira e analisa o acidente com Senna no *Cara a Cara*, na *Band...*; Viviane Senna (irmã de Senna) fala da criação da Fundação Ayrton Senna, na *Hebe*, no *SBT...*; Rubens Barrichello (piloto) fala de sua carreira e de Senna no *Cara a Cara*, *Programa Livre*, no *SBT*, *Roda Viva*, na *Cultura...*; Senna é rerepresentado no *Sucesso*, na *CNT*, *Video Show*, na *Globo...*; Adriane Galisteu (modelo, ex-namorada de Senna), fala de sua relação com Senna no *Globo Repórter* na *Globo*, *Gugu*, no *SBT*, *Video Show*, *Programa 10*, na *Band*, *Walking Show*, na *CNT*, *Perfil*, no *SBT*, *Jô Soares 11 1/2*, no *SBT*, *Sucesso*, *Programa Livre*, *Hebe*;...

⁷ Passei a me deter e a adquirir publicações as mais variadas, em função das citações diretas ou indiretas a Senna: *Veja*: Edição Extra (03/05/94)/“*A tragédia dobrou o Brasil*” (14/05/94); *IstoÉ*: “*O Funeral do herói*” (11/05/94); *Manchete*: “*O Brasil chora Senna*” (05/94); *Grid*: “*Dossiê Senna*” (07/94)/“*Caso Senna: as revelações do capacete*” (12/94); *Quatro Rodas*: “*Ayrton Senna: o herói de corpo e alma*” (05/95); *Autoesporte*: “*Ayrton Senna: vencer sempre foi pouco*” (05/94); *Super Sport*: “*Ayrton Senna: nas ruas, nas pistas e no mundo*” (n. 04/94); *In Foco*: “*Especial Ayrton Senna*” (n. 2/94); *Caras*: “*O casamento de Ayrton Senna*”/“*Por que Xuxa foi considerada a viúva oficial no enterro do tricampeão*” (13/05/94)/“*A mãe de Ayrton volta a sorrir*”/“*A bela atriz Carol Alt revela: ‘Eu mantive um romance secreto com Senna até a sua morte’*”/“*Adriane Galisteu assume seu novo namorado na festa dos pilotos*” (31/03/95)/“*Xuxa reencontra família de Ayrton Senna e assistem a show de Caetano*”/“*Adriane Galisteu faz compras em Nova York: ela viaja com Júlio Lopes, que atende a todos os seus desejos*” (22/09/95)/“*Jacques Villeneuve se prepara para o GP do Brasil na casa de Senna em Angra dos Reis*” (29/03/96)/“*Viviane Senna confirma filme sobre a vida de seu irmão: ‘Antônio Banderas vai emocionar no papel de Ayrton no cinema’*” (14/06/96); *Interview*: “*Marcela Praddo: a mãe da modelo garante: ‘Senna é o pai da criança’*” (n. 182/95), *Vip Exame*: “*Exclusivo Schumacher: ‘Senna é meu ídolo’*” (04/95); *Viver Psicologia*: “*Ayrton Senna: sua irmã fala do sonho de um herói*” (06-07/95); *Senninha*: edição especial: “*1. aniversário*” (03/95); *Trip*: “*Adriane Galisteu: a inveja feminina e o desejo masculino*” (n. 42/95); *Nova*: “*Cinderela, viuvinha alegre, aproveitadora? Adriane Galisteu dá a sua versão*” (07/95); *Playboy*: “*Adriane Galisteu: a deusa brasileira nua na Grécia*” (08/95); *Principal*: “*Adriane Galisteu: o pulo da Gata*” (02/96); *Boa Forma*: “*Adriane Galisteu conta seus segredos...*” (01/96); *Vogue*: “*Adriane Galisteu e o sex-appeal da*

moda noite” (n. 225/96);... No início, comprar algumas dessas revistas, me causava um certo constrangimento, pela imagem de “*pouca qualidade*”, associada há algumas delas, consideradas de “*fofocas*”, de “*boatos*”, “*sensacionalistas*”, “*fúteis*” ou “*machistas*”, “*revistas de sala de espera de consultórios médicos*” ou de “*salão de beleza*”. Montava estratégias para comprá-las. Primeiro mapeava a banca, localizava a publicação; às vezes voltava num outro momento de menor movimento. Chegava a sair da banca com três, quatro publicações sobre o mesmo assunto.

⁸ Num primeiro momento pude identificar alguns tipos de “*fãs*”: os de Senna; os de Fórmula 1; os de seus considerados “*rivais*” (Piquet era o principal) e os novos “*fãs*”, ou aqueles que assim se tornaram com a sua morte. “*O fã é uma pessoa que quer ser tão vitoriosa quanto o seu ídolo na sua atividade profissional (...), na sua vida (...)* Eu acho que seria uma estupidez tentar imitar uma pessoa, mas (...) eu procuro colocar na minha profissão, no meu dia-a-dia, algumas lições que o Senna passou. O que ele deixou. E eu sou extremamente perseverante na busca da justiça. Eu procuro sempre o melhor (...), procuro sempre a melhor defesa, ou seja, quando eu estou fazendo um trabalho, eu tento, enquanto não estiver excelente eu não me satisfaço. Então, eu busco jurisprudências, doutrinas. Na minha profissão eu tento fazer o melhor possível. Na minha vida, no meu dia-a-dia também. Procurar ser uma pessoa íntegra como ele foi. Esse mesmo conceito que ele tinha, pôxa, eu faço o possível para ter também como advogado (...) não basta você ser um bom advogado, você tem que ser o melhor. Então, não sei se isso não é um defeito, porque você ser tão perfeccionista isso pode atrapalhar um pouco, mas eu procuro ser o melhor na minha atividade profissional e graças a Deus eu tenho conseguido isso”, define-se Adilson, em entrevista citada antes. Essa relação do fã com o ídolo, enquanto um modelo, aparece igualmente em uma das falas de Marcelo Ricardo Santos Silva, também citado antes, quando ele diz que, ao estar ao volante de um automóvel ele sempre procura pensar em como Senna procederia na mesma situação.

⁹ A caminho do Grande Prêmio Brasil de F-1/95 (com o objetivo de observar o universo de origem do meu objeto), em Interlagos, São Paulo; num comboio de dois ônibus de excursão, sendo eu e a guia (que permanecia na cabine com o motorista) as únicas mulheres a bordo, acompanhadas de mais de 30 homens em cada um deles (no outro ônibus, apenas a esposa do proprietário da agência): assumidamente tímida, senti a necessidade de me apresentar como pesquisadora já no início da viagem, imaginando, assim, evitar qualquer tipo de desconforto, tanto para mim, quanto para os meus prováveis “*informantes*”. Pensei o que estava eu fazendo ali: (Novamente) não gostava de Senna, nem de F-1, nem de viagens longas; cheia de pânico com relação à São Paulo, que eu praticamente desconhecia, assim como a alguém para uma referência eventual. A noite inteira praticamente acordada, a chegada no sábado pela manhã, a garoa fina, os treinos: o vruummm, vruummmmm acelerado dos carros é ouvido do lado de fora dos portões, ficando mais forte com a aproximação; a explosão dos motores vai tomando conta, emocionando, arrepiando, excitando. “*Animal, cara, animal!*”, diria na volta, brincando, numa linguagem mais “*radical*”. “*Você sente a adrenalina subindo*”. Ligo o gravador e registro os roncões e as falas de alguns de meus (agora um pouco mais entrosada) companheiros de viagem: “... *mais lá prá baixo (...)* vamos lá na placa de 100m, lá em baixo, na placa de 100m... Não se esqueça de olhar a frenagem...”; sugeria J., um veterano de GP do Brasil e ex-piloto de kart, indicando a “*melhor*” localização na arquibancada e a observação que lhe chamava a atenção: a freada antes da curva da chamada reta oposta, em que a traseira do carro chega a ficar incandescente. Duas impressões se destacam: a de um “*circo*”, realmente, com “*feras*” rugindo aterradoramente, com cercas e grades protetoras, só que o público é que é isolado e não o contrário. A outra impressão é a de um parque de diversões (“*sofisticado*”, dependendo dos setores, onde estão distribuídas as arquibancadas) com uma única atração, cujo acesso aos brinquedos é limitado.

¹⁰ O terreno é arenoso, o que indica que se está próximo à praia. A paisagem é meio rural, com vacas pastando, aparentemente indiferentes ao ruído estridente dos motores e ao cheiro intenso de pneu queimado. Kartódromo Ronaldo C. Daux, Ingleses, Florianópolis, abril/95. O kart é hoje, segundo várias fontes, um dos um dos considerados, “*berços*”/“*ninhos*” de origem de “*pretensos futuros*” pilotos de F-1. Garotos e, menos frequentemente, mas não menos competentemente, garotas (“*Elas vão bem nos treinos, mas nas competições são diferentes*”, diz José Luís Spricigo, ex-piloto da categoria e que treina ali seu filho todos os finais de semana), iniciam aos três, quatro anos de idade (a questão de gênero nesse universo será abordada mais adiante). Diante da possibilidade de experimentar um desses “*carrinhos*”, que, guiados convenientemente, segundo informações colhidas à margem da pista, chegam a alcançar 140km/h e do risco de não ser bem sucedida, “*amarelei*”. “*Amarelar*” foi também a reação do primeiro filho de Spricigo,

“familiar”, conquistando um olhar privilegiado sobre a TV, nas bancas¹²; ocupando espaço na agenda, nas conversas, na estante, dia e noite¹³, nos sonhos, sob o travesseiro¹⁴ (recuperando-me de uma separação recente pensei alto: “o homem da minha vida, hoje, é um homem morto”), coabitando intimamente.

Senna. Ayrton. Ayrton Senna. Ayrton Senna da Silva. Ayrton Senna do Brasil.

Béco...¹⁵. A “marca”, o “homem”, o “herói”, o “mito”, o “símbolo”, a “pessoa”...

adolescente, ao sofrer um acidente e desistir das competições. O medo, o trauma de um desastre, penso agora, não só físico, já que os olhares sobre um simples passeio menos performático é motivo de risos ou de várias atitudes provocativas da platéia. Logo descobri que o kart é uma modalidade do automobilismo, cujo veículo, um monoposto, ou seja, com lugar apenas para o piloto, é caracterizado pela ausência de suspensão e caixa de câmbio, apresenta apenas dois pedais, um acelerador e outro freio e que é ligado suspendendo-se as suas rodas traseiras.

¹¹ Revendo minhas primeiras anotações lembro que até a grafia de seu nome me era estranha. Escrevia “Airton” e não “Ayrton”.

¹² Sempre tive por hábito freqüentar bancas de revistas e jornais, mas isso se tornou de tal modo rotineiro, tamanho o volume (não contabilizado por mim) de material publicado com relação a Senna, que essa rotina foi rápida e obrigatoriamente incorporada ao roteiro de campo.

¹³ 3h da madrugada, TV ligada, acordo com o nome de Senna sendo pronunciado: uma entrevista com Leonardo Senna (irmão de Senna) a Amaury Júnior, no *Flash*, na *Band*. Sento-me na cama e esforço-me para prestar atenção: algo sobre a inauguração de mais uma concessionária dos carros Audi, negociados pela Senna Import, e a continuidade do trabalho iniciado por Senna. O “quando” exatamente, o ano, que isso se deu, não foi registrado, mas a lembrança dessa situação, na fase inicial da pesquisa, busca ilustrar um pouco mais a presença constante de Senna e a qualidade/intensidade da relação construída com o objeto da pesquisa.

¹⁴ Revelada minha “nova atração” fui presenteada com *Ayrton Senna: a face do gênio*, de Christopher Hilton (biografia de 1992, pela qual manifestara interesse). A primeira vez que “fui para a cama com Senna”, achei meio estranho e hesitei um pouco em colocá-lo debaixo do travesseiro. Depois, ao longo dos meses que se seguiram; essa e outras leituras sobre o tema tornaram-se freqüentes antes de dormir e Senna inundou a cama, o quarto, a casa...

¹⁵ “O apelido dele era Béco. E isso foi uma sobrinha minha que colocou. Ela era 10 meses mais velha do que ele. Então, ela não sabia falar e acabou, não sei como, chamando ele de Béco e ficou Béco...” Neide Senna da Silva, (60 anos), mãe de Senna, em entrevista concedida à autora em 22/04/96, em seu escritório, na sede da Fundação Ayrton Senna, bairro de Santana, zona Norte de São Paulo. O prédio, Condomínio Vari, com paredes de vidro, num tom que oscila de um azul para um verde, se destaca na paisagem meio cinza dos prédios em volta. Identificação na portaria, fotos, autorização para subir somente até ao 10º andar (no total são 12, sendo cinco ocupados pelos Senna). Penso: ‘Quantas vezes Senna terá subido por aquele elevador panorâmico? ou terá sempre descido de helicóptero no heliporto em cima?’ A conversa começou meio tímida. Dona Neide pediu para ver o meu roteiro de questões antes de iniciarmos. Sua emoção, ao falar do filho morto, fez de alguns momentos da entrevista um encontro delicado e comovente. Água, cafezinho e uma vista privilegiada da cidade. Fotos de Senna, capacete de Senna, caneta de Senna, Senna nas xicarazinhas... Presença predominantemente institucional. A imagem maternal de Dona Neide pesquisou gavetas, arquivos, cedeu botons, adesivos... Comentei mais tarde que se aquela conversa fosse em sua casa talvez ela estaria me mostrando fotos e objetos de Senna garoto. Na saída do prédio, uma parada para fotografar o prédio é seguida de uma proibição, um tanto constrangedora, pela cuidadosa segurança: - “Só do outro lado da rua”. Cruzamos. Duas fotos. O segurança, no rádio-comunicador acena. Voltamos. Então,

Personagens dinâmicos, que se atraem, repelem, combinam, recombina. Um objeto complexo, múltiplo, ímpar. Uma espécie de caleidoscópio, formando e reformando, configurando e reconfigurando novas e distintas figuras; enfim, **imagens, Sennas**.

Peter Burke¹⁶ (“*A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*”) serviu de inspiração. O “*Rei Sol*”. França, séc. XVII e XVIII: Luís XIV (1639-1715) ascende ao poder aos quatro anos de idade. Com ele todo um “*sistema de comunicação*”, formado por seus ministros, conselheiros e mais tarde pelo próprio Luís XIV, preocupados com a imagem real.

Pinturas, tapeçarias, gravuras, moedas, medalhas, estátuas, esculturas, monumentos, palácios; peças teatrais, balés, óperas, poemas, jornais, histórias oficiais... Uma espécie de inventário iconográfico, em que Luís XIV é retratado; o autor, preocupado com as representações de Luís XIV, com sua imagem - visual ou metafórica - em seu próprio tempo, realiza um estudo sobre o que chama de “*fabricação de um grande homem*”.

Fabricação não opondo imagens artificiais à “*naturais*”, pois para ele todas as imagens são construídas, mas se referindo aos suportes específicos relacionados a esse processo de construção. Argumenta sua opção através de duas razões. Uma é que, segundo ele, fabricação designa um processo que perdura, que é, portanto, dinâmico, que tem um sentido de continuidade. A outra é que destaca a importância

nos liberou as fotos, já que confirmara com Dona Neide, que estivéramos com ela a pouco. Agradecemos, mas as fotos já haviam sido feitas mesmo do outro lado da rua. Voltando ao Béco, “... *era o apelido de infância e ele se manifestava em casa, ou dentro de um carro, ou sozinho, ou com um amigo, ou com pessoas chegadas. O Béco era maravilhoso e por isso toda vez que eu vejo uma foto dele piloto, eu tenho um sentimento; quando eu vejo uma foto dele do meu lado, ou uma foto dele sozinho, com roupa normal, roupa de trabalho, eu sofro muito, porque lembro muito mais do Béco. Ayrton era um nome que as pessoas chamavam formalmente e Senna era só para a Fórmula 1 e para os fãs.*” (Adriane Galisteu, em entrevista à autora, em 09/12/94).

¹⁶ BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. 1994.

dos efeitos desse processo construtivo, ou seja, a eficácia do objeto dessa construção.

“... a Ayrton Senna Promoções e Empreendimentos. Essa empresa é que sempre procurou resguardar o Ayrton de situações difíceis (...) Tenho certeza, que o grande responsável por essa imagem que foi construída, foi o Seu Milton Guirado Theodoro da Silva, que é o pai do Ayrton e que teve sempre essa preocupação de proteger o Ayrton Senna de situações não favoráveis a um ídolo... tipo pessoas que se aproximavam (...) A Ayrton Senna Promoções sempre cuidou dessa parte da imagem, ou seja, (...) Eu não sei se foi 83 que ela foi criada, mas o Ayrton iniciou na F-1 em 84 e desde então um empresário, Armando Botelho, acompanhou o Senna nessa, sendo o seu manager. Ele cuidava de toda essa parte. Viajava com o Ayrton. É como se fosse um relações públicas. Então, ele viajou com o Ayrton até 1988, quando ele faleceu. Faleceu, repentinamente de um câncer que o levou em poucos meses e então, a partir daí, foi o Fábio Machado, que é o primo do Ayrton Senna, que assumiu a direção da Ayrton Senna Promoções e fez esse papel. Esse prestígio todo, evidente, vem com o trabalho, vem com essa dedicação, mas tinha essa empresa a Ayrton Senna Promoções, que evitava que pessoas se aproveitassem da fama dele, pseudo-amigos se aproveitassem para tirar proveito dessa situação. Então eu acho que aí se explica bem esse sucesso todo. Não foi jamais um sucesso forjado pela mídia ou por um bom marketing. Isso tanto é que hoje a Ayrton Senna Promoções foi considerada a melhor empresa do mundo, especializada em imagem. Ela está prestando assessoria ao filho do Gilles Villeneuve o Jacques Villeneuve¹⁷ e isso já é público, todas as pessoas sabem (...), mas é uma empresa que tem um ‘know-how’ muito bom nessa área.”¹⁸

¹⁷ Sobre o trabalho da agência de Senna com Villeneuve, Dona Neide diz: “... É que tem um escritório na Inglaterra, em Londres (...) esse escritório é nosso e o rapaz que trabalha lá estava trabalhando só com o Ayrton. No momento em que aconteceu isso (se referindo ao acidente com Senna), o meu marido achou por bem que ele devesse começar a buscar outras (...) mas não se despede uma pessoa assim, nem se termina a coisa assim de uma hora para outra. Ele tem uma família. Ele tem uma estrutura. Então, ele está se programando de um forma que daqui a pouco fique auto-sustentável e a gente sai”. Mas, enquanto isso, a aproximação entre as imagens de Villeneuve e Senna passa por vários pontos. Villeneuve (24 anos, em 1996) tem a mesma idade de Senna quando este começou na F-1, vem de uma trajetória de vitórias em outra categoria, no caso a Indy, e tem no seu currículo familiar a herança de um nome já consagrado: Villeneuve-pai correu entre 70-80 e, assim como também se comenta de Senna na mídia, “despertava paixões, em doses iguais de amor e ódio, por sua maneira arrojada e perigosa de dirigir” (Veja, 03/05/94). Considerado também um dos melhores na sua atividade, como Senna, morreu tragicamente, durante um treino para o GP da Bélgica, em 1982, no auge de sua carreira; a morte “mais dramática” até então. Num indicativo dessa aproximação, Senna disse em 1984 (e publicado em *Super Sport, Especial Ayrton Senna*, n. 3, p. 7): “Meus ídolos como pilotos sempre foram Niki Lauda e Gilles Villeneuve. O primeiro pela sua frieza e seu profissionalismo, e Villeneuve pela sua agressividade”. Outra questão ainda, que reforça essa aproximação, é que Jacques Villeneuve herdou o lugar de Senna na Williams e era anunciado como um dos favoritos no campeonato de 96, ano de sua estréia. No Brasil, para o seu primeiro GP no País, é na casa de Senna, em Angra dos Reis, litoral do Rio de Janeiro, que Villeneuve é revelado por *Caras* (29/03/96).

¹⁸ Adilson Carvalho de Almeida (na mesma entrevista citada antes), não informa a fonte que considera a ASP a melhor empresa de imagem do mundo. Adilson, enquanto advogado, se revela atento à questão do

*“Talvez tivesse tomado a liderança e batido cinco voltas depois e acabasse com nada, mas creio que teríamos ganho. Pensando melhor, penso que talvez tenhamos conseguido mais publicidade desta forma do que se tivesse ganho. Foi fantástico”*¹⁹

*“O homem que seria rei”*²⁰. Brasil. Séc. XX. Senna (1960-1994): semelhantemente, a imagem pública de Senna está vinculada a uma trajetória que também tem início aos quatro anos de idade²¹, no kart; segue aos 21 com a F-Ford 1600cc, aos 22 com a F-Ford 2000cc, aos 23 com a F-3, e aos 24 com a F-1, a sua consagração aí, com os três campeonatos (1988, 1990, 1991)²² e imortaliza-se com o desastre fatal. Ainda em Senna, a ele são conferidos ou reconhecidos autoridade e poder de diferentes ordens e em diferentes domínios/esferas²³.

direito de imagem contemplado no artigo 5º, inciso 10, da Constituição Federal de 1988, que garante a qualquer pessoa a inviolabilidade de sua privacidade e de sua imagem, se diz responsável pela conquista, em 1993, da *“maior indenização conseguida no Brasil por danos morais, por uso indevido de imagem. Um processo contra a TVS (movido pela família) de uma garota que se atirou de um prédio no centro da cidade e a TVS, aquele programa Aqui Agora explorou muito esse caso”* Não cabe, aqui, uma discussão sobre as interpretações da lei, contudo, convém um questionamento sobre como lidar com uma perspectiva exclusivista da imagem em contraposição ao seu caráter relacional, de existir a partir da interação com o outro e essa interação não ser estática ou neutra e dos plenos direitos àquele que se outorgar o portador de uma imagem? ou ainda, quem define os seus limites?

¹⁹ Ayrton Senna, em 1984, após sua segunda colocação no GP de Mônaco (*Super Sport, Especial Ayrton Senna*, n. 3, p. 15).

²⁰ HENRY, Alan. *Recordando Ayrton Senna*. 1994. p. 17.

²¹ *“Eu lembro (...), eu ainda, então, era noiva, e passeando na cidade com o meu marido, ele, na ocasião, noivo ele viu um carrinho, assim, que dava para entrar uma criança, (...) - ‘Quando eu tiver um filho eu vou fazer um carro com motor’. E passou-se os anos. Eu tive primeiro a Viviane, depois o Ayrton (...) Bom, ele já começou desde pequeno com carrinho na mão. Carrinho de brinquedo. Era a preferência dele. Quase todas as fotografias ele estava sempre com carrinho. Ele teve uns karts na ocasião, mas não eram de motor não (...) Com quatro anos o meu marido resolveu fazer um kart para ele com motor (...) o meu marido tinha, nessa ocasião, uma metalúrgica. Então, fez o motor e fez o kart e colocou. Daí ele começou a andar de kart. Nessa época estavam fazendo a Marginal e, então, o meu marido levava aos sábados, aos domingos, aos feriados, para andar naqueles trechos que estavam prontos, mas que ainda estavam interditados. E também lá na fábrica mesmo, que tinha espaço, ele andava ali também. E começou assim a andar de kart. Quatro anos, ele tinha...”* (Neide Senna da Silva, em entrevista citada antes).

²² HILTON, Christopher. *Ayrton Senna: a face do gênio*. 1992. Idem. *Ayrton Senna*. 1994.

²³ Como o político e o místico: *“(presidente) Itamar decreta luto oficial pela morte de Ayrton”* (JB, 02/05/94, cad. Esportes, p. 9), *“Piloto tem honras de chefe de Estado”* (FSP, 06/05/94, cad. Especial, p. 3), *“Romaria ao túmulo de Senna:...”* (Vale dos Sinos, 09/05/94, p. 10), *“Os médicos, sabendo que ela era fã de Ayrton Senna, pediram ao piloto que gravasse uma fita de estímulo à criança. A fita, com a voz do ídolo, era colocada todo dia para o garoto ouvir. Ele saiu do coma e, aos poucos, vai se recuperando”* (In Foco, Especial Ayrton Senna, n. 2, 1994, p. 32). *“Exatos seis meses após a morte de Ayrton Senna, o túmulo do piloto no cemitério do Morumbi, na zona sul de São Paulo, não tem recebido apenas centenas de admiradores todos os dias: o local já virou ponto de pagamento de promessas por parte de devotos do tricampeão mundial de F-1 (...) Ontem pela manhã, o comerciante João dos Santos Ribas Gomes, de 53*

TVs, jornais, revistas; citações, homenagens; *merchandising*, *souvenirs*, *gadgets*; histórias, família, amigos, inimigos, últimas ou ex-namoradas/“*viúvas*”²⁴, herdeiros; vestígios, uma seqüência de pistas; um mapeamento, uma visualização a partir do rastro deixado pela colisão de Senna.

“*Produto da mídia*”, “*da Rede Globo*” ou “*necessidade do povo*”. Erwin Goffmann, e depois Burke, reconheceriam aí uma tensão entre duas visões sobre o mesmo fenômeno. A “*cínica*”, ou aquela que, segundo a moderna análise das comunicações, entende a imagem como uma “*criação de ‘pseudo-eventos’ e da transformação de eventos que contrariam a imagem em ‘não-eventos’, realizados por especialistas nos meios de comunicação que não acreditam no que fazem*”²⁵; uma forma de “*ideologia*”, resultando na manipulação do público receptor, expressando uma condição de passividade desse. A visão “*inocente*” acredita que se tratam de respostas a necessidades psicológicas²⁶.

Burke propõe uma síntese entre ambas, reconhecendo a possibilidade de manipulação na comunicação de uma imagem, mas considerando que os objetivos e os métodos para isso são extraídos do próprio contexto cultural. Assim, Senna pode ser entendido como um fenômeno de mídia se se entender mídia aqui como inserida num contexto amplo e dinâmico de cultura; como algo que constrói e é construída; num diálogo, uma troca constante e permanente. Implica a relativização e

anos, levou a mulher, Valdez, a nora, Luciene, e a prima, Joana, para pagar uma promessa. ‘Na semana passada, Valdez, em dificuldades, lembrou-se de Ayrton e fez um pedido. Eu estava meio descrente, mas a graça foi obtida pouco tempo depois’, explicou o comerciante” (DC. 01/11/94, p. 32).

²⁴ Marjorie Andrade, Marcella Prado, Patrícia Machado, Virginia Novicki, Cristina Ferracciu, Adriana Yasmin, Elle MacPherson, Cindy Crawford, Maria da Graça (Xuxa) Meneghel, Carol Alt, Adriane Galisteu. *Interview* (n. 182, 1995) e *IstoÉ* (11/05/94, n. 1284, p. 57) mapeiam a agenda amorosa oficial de Senna. Prado teria tido uma filha com Senna, de nome sugestivo, chamada Victoria. Galisteu e Xuxa dividem a posição de viúvas, a primeira oficial enquanto Xuxa fica na informalidade por conta de uma atenção dada a mais a ela e a menos a Galisteu pela família Senna, durante o velório do piloto, conforme divulgado pela imprensa. Já com Carol Alt (*Caras*, 31/03/95, n. 13) o romance teria sido secreto. A modelo e atriz era casada.

²⁵ BURKE, Peter. Op. cit. p. 23-24.

²⁶ BURKE, Peter. Op. cit. p. 24.

desabsolutização de Senna; a consideração de sua ligação a um determinado contexto, a um conjunto de referências mais amplas; a percepção de como dialogam entre si suas várias imagens.

“*Cínica*” ou “*inocente*”. “*Apocalíptica*” ou “*integrada*”²⁷, na perspectiva de Umberto Eco, para aqueles que entendem o produto da “*cultura de massa*” - para ele esse já um conceito ambíguo, por sua indistinção e não oposição à “*cultura*” como algo extremo, restrito, de compreensão limitada - em dois momentos distintos. Para Eco, num primeiro momento está se falando de uma resposta pessimista, no sentido de uma negação que entenderia a expansão, multiplicação e conseqüente grande abrangência dos bens culturais via meios de comunicação, ou dos chamados fenômenos de mídia, enquanto decadência, desintegração, resultado de um interesse de dominação. Num segundo momento, se perceberia aí uma resposta otimista, no sentido da crença na democratização dos mesmos bens culturais com a sua maior disponibilidade e acessibilidade.

A noção prévia homogeneizante, indefinida de “*massa*”, desprezaria os seus conteúdos originais diferenciados e diferenciadores. Ou seja, há propriedades distintas numa interação que podem resultar em experiências imprevisíveis, mesmo quando repetidas/reproduzidas sob aparentes mesmas condições. Além disso há toda uma colocação da comunicação em termos de uma polarização emissor-receptor, quando seria mais conveniente imaginá-la sob um entrecruzamento de mensagens. A discussão abre questão para o aspecto dos contextos, criativos e receptivos, interpretativos e reinterpretativos, de experiências e subjetividades envolvidos no processo de comunicação, numa dinâmica em que mensagens/imagens são criadas, trocadas, recriadas, questionadas, transformadas sem um ponto único, fixo/rígido inicial de partida/origem ou de chegada/destino.

²⁷ ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 1993.

Contextos, experiências, subjetividades... mensagens, imagens. Multiplicação dos mídias, mídia de mídia²⁸, o ponto irradiador de mensagens-imagens é indireto, difuso. O poder da imagem não existe mais sozinho, não pode ser apreendido, nem é exterior.

Imagens-mídia. Imagens-representação

“Tento desenhar um cenário - um cenário autêntico - para o Grande Prêmio de Mônaco de 3 de junho de 1984. Senna estava novamente na sétima fila após os treinos de classificação (...) Chovia. Isso é pior em Mônaco porque as paredes de água que espirram em cima de você vêm por corredores, entre as grades de proteção, e são corredores desgraçadamente estreitos: são de fato, exatamente da largura de uma rua comum, mas você não está limitado a 45 quilômetros por hora, espera-se que sua média (se o tempo estiver seco) seja de 144, 242 km/h, que é o que Alain Prost fez na ‘pole position’ com a McLaren. Para apreciar a diferença, multiplique aquele limite de 45 km/h, numa área cheia de construções, acrescente esquinas, um túnel, e dois grampos ultrajadadamente fechados, depois cubra tudo com chuva, chuva de verdade, pesada, e se você for menos do que perfeito em seu torque irá virar sanduíche contra a proteção antes sequer de vê-la (...) Prost assumiu a liderança, Mansell ultrapassou-o na décima volta e liderou um Grande Prêmio pela primeira vez na vida. Isso durou cinco voltas. Ele bateu na proteção, e bateu forte (...) Foi nessas circunstâncias - e a memória preserva ainda hoje cada carro emergindo do túnel, descendo a inclinação aguda até a chicane e depois a Curva da Tabacaria, e cuspidando sua bola de água - Senna atacou o circuito (...) Volta 1: nono (...) Volta 3: oitavo (...) Volta 7: sétimo (...) Volta 9: sexto (...) Volta 12: quinto (...) Volta 14: quarto (...) Volta 16: terceiro (...) Volta 19: segundo (...) Jacky Ickx, o diretor da prova, resolveu interromper a corrida (...) Todo mundo que estava presente compartilhou o sentimento, acho, de que Ayrton foi roubado em sua primeira vitória num Grande Prêmio. Ele levou a coisa na mais completa calma, ele não estava (visivelmente) chateado. Tenho certeza de que estava desapontado, mas não mostrou em absoluto emoções descontroladas (...) A partir desse momento a percepção de Senna se alterou. Ele havia se lançado ao grande palco e quase assumido o papel principal. Estava claro que um dia isso iria acontecer, talvez amanhã.”²⁹

“Cenário”, “atuação”, “performance”, expressões recorrentes no automobilismo e em Senna, remetem-no ao universo dramático das representações. Daí que o palco onde Senna foi revelado e onde atua sua grande peça é o profissional, mais

²⁸ ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 1984. p. 179.

²⁹ HILTON, Christopher. Op. cit. p. 101-102.

precisamente o da F-1. Contudo, esse cenário está articulado a outros cenários, como o familiar, o político, o religioso, o amoroso, o sexual...; num diálogo entre público e privado e onde Senna exercita e expressa suas múltiplas faces.

Público/privado aqui se refere a relação entre esses dois domínios, mas a nível do primeiro, numa espécie de invasão, ou seria uma atração, de um sobre ou pelo outro, afinal as imagens das quais está se falando são construídas publicamente. Imagens que não permitem também se falar em um *Senna* único ou “*verdadeiro*”³⁰, por se considerar que esse Senna não existe; tampouco se dar conta de toda a sua diversidade/multiplicidade, mas sim, de algum modo, evidenciá-las em suas potencialidades.

Emprestando, assim, a perspectiva dramaturgica de Goffman³¹, que entende o social enquanto palco de representações, onde interagem inúmeros e diferentes atores, preocupados cada qual com o desempenho de suas personagens e com a incorporação de seus papéis; a percepção de uma pluralidade/diversidade de Sennas faz pensar que se está diante de um ator extremamente versátil em relação à ação, ou atuação, de diferentes personagens, em diferentes palcos, para diferentes platéias. Atuações, representações que não são independentes. Atores/espectadores, personagens/platéias, enredos/expectativas. A peça (ou peças) é interativa, a assistência é ativa, de quando em vez, ascende ao palco, rouba a cena.

Entendida como “*toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de*

³⁰ “*Quem é o homem por trás do morcego*”, pergunta a Mulher-Gato a Batman, no filme “*Batman: o retorno*” (Tim Burton, 1992). Quem é o homem por trás do “*piloto-herói*”, dentro do macacão, debaixo do capacete que lhe serve de elmo, mas também de máscara: as faces de Senna, faces dramáticas, representativas. Qual a identidade secreta de Senna? Mais adiante, Senna se revelará ou se transformará nas suas próprias imagens?

³¹ GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 1985.

observadores e que tem sobre estes alguma influência”³², na(s) representação(ões) em Senna(s) essa presença não é apenas física.

*“Ayrton Senna é uma presa esquiva. Sua vida profissional é vivida na frente de uma audiência global, seu rosto freqüentemente melancólico e modelado em massa é tão familiar em São Paulo quanto em Suzuka, Sydney ou Spa; mas é, exceto em momentos raros e inesperados - sempre o mesmo rosto, sempre pressionado sob o peso do que ele julga que “O Rosto” deva retratar. Invariavelmente isso quer dizer: nada.”*³³

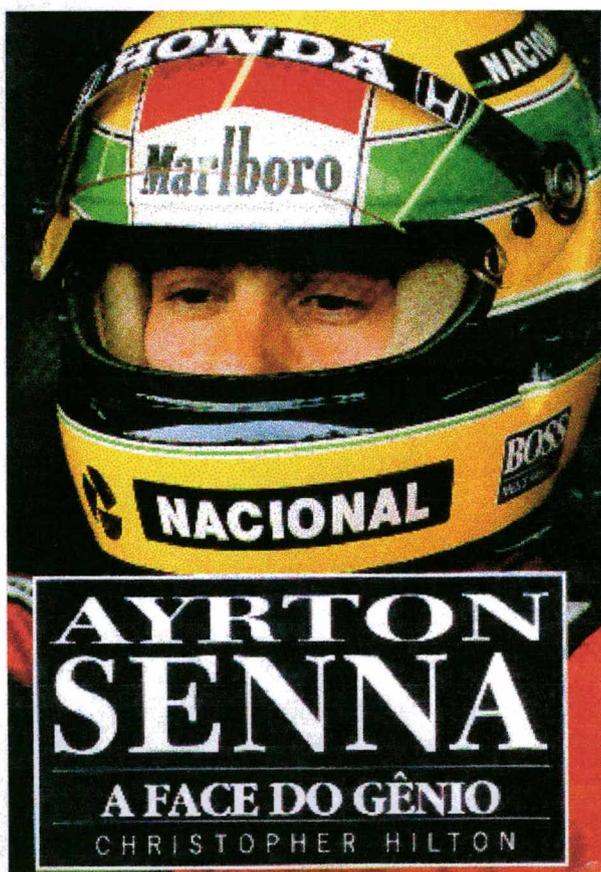


Foto 2

“...valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um

³² GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Op. cit. p. 29.

³³ HILTON, Christopher. *Ayrton Senna: a face do gênio*. 1992. p. 3. Capa, o referido rosto, a face: Senna: viseira aberta, olhos meio baixos; *Honda, Marlboro, Nacional, Boss* (seus patrocinadores), se distribuem sobre o verde-amarelo do capacete.

contato específico”³⁴, a face, para Goffman, tem a ver com “um padrão de atos verbais e não-verbais através dos quais expressa sua visão da situação e, através disso, sua avaliação dos participantes especialmente de si mesma”³⁵.

*“Não existia uma rivalidade entre ele e eu, existia uma briga entre ele e todo mundo que escrevia alguma coisa favorável a mim ou contra ele. Senna era uma pessoa que controlava todos os jornalistas, diretamente com os donos dos jornais. Ele fazia questão de fazer amizade (...) se por acaso alguém falasse alguma coisa (...) ele não dava entrevista, não falava mais com essa pessoa, isolava a pessoa até ela conseguir sair do ambiente. Aconteceu com várias pessoas... O Senna, ele não só lia todas as entrevistas, todas as reportagens e se alguém tivesse a audácia de escrever alguma coisa que não seja favorável a ele (...) já não passava mais a falar com essa pessoa. Então ele criou um ambiente que, ... lógico, para o público ele sempre foi muito querido, porque pelos resultados, isso, aquilo, aquilo outro, mas entre o grupo de trabalho, o grupo de jornalista (...) era um problema muito sério, porque nesse ponto ele tentava dominar tudo que se falasse, ou não se falasse dele. Para você ver, fotografia nenhuma podia ser tirada do Senna, profissionalmente, sem a permissão dele. Tem que ter um fotógrafo especial para tirar fotografia, para vender as fotografias (...) Têm muitas pessoas, hoje, jornalistas que eu conheço que largaram a F-1, porque não poderiam escrever o que queriam escrever, porque perderiam o lugar no jornal.”*³⁶

*“O Senna não era uma pessoa carismática para nós, jornalistas. Era uma pessoa de difícil acesso, complicada. Ele chegava no Brasil, dava entrevista no aeroporto. Depois disso, ninguém mais conseguia falar com Senna. Era difícil para burro entrevistá-lo. Isso deixava a gente irritada. Para mim, era uma pessoa antipática. Acho que toda redação pensava um pouco isso.”*³⁷

Imagem do “eu”, auto-imagem. Construto social, resultante da combinação de determinados padrões, da imagem de si, da interpretação e da avaliação que dela se faz, a face independe da simples vontade/intenção e ação individual do sujeito que lhe é portador, podendo fugir-lhe ao controle, sobrevivendo mesmo na sua ausência.

³⁴ GOFFMAN, Erving. “A elaboração da face”. In: FIGUEIRA, Sérvulo (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. 1980. p. 76-77.

³⁵ GOFFMAN, Erving. “A elaboração da face”. Op. cit. p. 76.

³⁶ Entrevista com Nelson Piquet, em 08/07/95, durante o 30º Campeonato Brasileiro de Kart, no Kartódromo Ronaldo Couto Daux, em Ingleses, Florianópolis, enquanto acompanhava seu filho Nelson (Nelsinho) A. Piquet (9 anos), na categoria cadete.

³⁷ Josemar Gimenez (30 anos), jornalista de *O Globo* em SCARDUELLI, Paulo. *Ayrton Senna: herói da mídia*. Op. cit. p. 133.

Esse caráter relacional, circunstancial permite falar em faces, imagens, no plural, em Sennas. Imagens que são construídas dinamicamente, em contextos que são articulados, onde interagem entre si campos de interação de forças complexos, orientados por padrões/atributos estabelecidos social e culturalmente; que em Senna, sobrevivem, mantêm-se e se renovam mesmo após a sua morte.

Efeito Tamburello

O choque fatal de Senna provocou o que chamo de *efeito Tamburello*³⁸, ou seja, o choque do piloto contra o referido paredão de concreto, funcionou como um disparador, acionando/detonando um mecanismo, cujas conseqüências ainda podem ser observadas quatro anos depois da sua morte. A metáfora do impacto impulsionou as imagens que se fragmentaram, multiplicaram e potencializaram e foram arremessadas para pontos cada vez mais distantes.

Imagens. Uma profusão delas. Incapturáveis e irreprimíveis Sennas. Um objeto sem limites ou fronteiras aparentes; sem uma delimitação geográfica formal definida. Senna é seu próprio limite, sua própria referência. Como a F-1, seu universo³⁹ de origem, Senna é um objeto móvel, que se desloca rapidamente, com referências tanto no Brasil quanto no exterior⁴⁰.

³⁸ Versão sintetizada dessa problemática pode ser encontrada em ensaio desta autora: *Imagens em Senna*, apresentado no GT de Antropologia Visual e da Imagem, na V Reunião da ABA(Merco)Sul, 1995.

³⁹ O "Circo da F-1", como também é chamado, percorre diferentes países ao longo de um ano de campeonato, deslocando-se a cada prova, envolvendo pilotos, equipes e patrocinadores... de diferentes procedências e interesses diversos. *FSP* (24/03/95, cad. 4, p. 4) dedica meia página às "predileções" dos pilotos por namoradas loiras (Michael Schumacher (alemão), Johnny Herbert (inglês) e David Coulthard (escocês)) ou orientais (Jean Alesi (francês) e Mika Salo (finlandês)) ilustrando a presença de parcerias multiculturais também nas relações amorosas da F-1.

⁴⁰ "Ayrton Senna pode virar estrela (...) a revista italiana 'Auto&Sport' convida seus leitores a engrossarem a campanha (...) Amanhã (...) será inaugurada uma estátua de mármore, que representa a pista com o capacete e o nome do piloto brasileiro e a bandeira do Brasil" (*FSP*, 27/05/94, cad. 4, pág. 8); "O jornal italiano 'Corriere dello Sport' publicou em sua edição de ontem um suplemento especial de 16 páginas dedicado ao ex-piloto brasileiro Ayrton Senna" (*FSP*, 09/05/94, cad. 4, p. 9); "Um fã japonês de Ayrton Senna abaixa a cabeça ao lamentar a morte do tricampeão da F-1, na sede da Honda, em Tóquio" (*FSP*, 10/05/94, cad. 4, p. 5); "Barcelona homenageia Senna: (...) Uma estátua de mármore italiano com o rosto do tricampeão..." (*FSP*, 28/05/94); "Ayrton Senna será o nome de uma rua em Montmeló, a cidade onde fica o circuito, no subúrbio de Barcelona" (*FSP*, 30/05/94, cad. 4, p. 11); "Senna vira souvenir na

Um objeto inserido num contexto de globalização cultural; de uma “*intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa*”⁴¹. Senna não pode ser apreendido e compreendido, pois, isoladamente, sem se levar em conta sua inserção nesse contexto mais amplo.

Imagens em Senna. Senna explode em imagens - visuais ou não. Um “*complexo imagético*”⁴² que extrapola o filmico, o gráfico, o videográfico, o audiovisual, o visual; que remete a outras e distintas formas de representação.

O que dizer dessas imagens? Que imagens são essas? Características? Contextos? Meios? Objetivos? As diferentes versões, possibilidades de interpretações?

Imagens em cena. O mundo transformado em imagens. “*Mundo ‘imaginal’*”⁴³, das imagens, do simbólico, do imaginário, da imaginação.

“Eu não escrevi sobre a morte de Senna. Quando vi o desastre na TV, dezenas de vezes repetido, como se a câmara quisesse decifrar o mistério da vida e da morte, como se houvesse a esperança de, em uma das vezes, o carro magicamente sair flutuando no espaço, intacto, com Senna redivivo, fiquei muito triste.”

“Mas, quando a nação inteira começou a se mover, como uma onda inesperada, preparando os funerais, fiquei irritado. Comecei a falar da ‘mídia’, de ‘manipulação das emoções populares’, ou então, sobre o

Itália” (FSP, 11/09/94, cad. 5, p. 11); “*Alguns fãs de Senna mantêm tributos ao piloto na Internét*” (FSP, 02/05/95); “*Empresário italiano faz homenagem para Senna*” (FSP, 30/04/95, cad. 4, p. 12); “*... o ídolo ganhou uma homenagem na festa das flores da cidade de Holambra (SP). Um arranjo com mais de 1 milhão de crisântemos importados da Holanda formou um quadro que mostra o piloto junto com seu carro mais famoso*” (Notícias Populares, 21/09/95, cad. Esportes, p. 8); “*Londrina (PR): A penúltima etapa da Copa Petrobrás de Fórmula Uno será disputada (...) no autódromo Ayrton Senna*” (FSP, 03/11/95, cad. 4, p. 2); “*Interlagos (SP): O kartódromo Ayrton Senna abriga (...) as provas finais da F-Parilla*” (FSP, 16/12/95, cad. 4, p. 2); “*O piloto Ayrton Senna é retratado em painel colocado sob as arquibancadas do autódromo de Albert Park, em Melbourne, Austrália...*” (FSP, 06/03/96, cad. 3, p. 8)... (grifos meus).

⁴¹ GIDDENS, Anthony. “*As dimensões institucionais da modernidade*”. In: *As conseqüências da modernidade*. 1991. p. 69.

⁴² BERNARDO, Aglair M. *Sexualidade virtual*. 1995.

⁴³ MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. 1995. p. 89.

*nosso pobre 'homem simples carente de heróis'. A morte de Senna seria a tediosa 'confirmação' de minhas (nossas) teses sobre 'alienação', sobre desamparo do país, sobre 'atraso psicológico' etc."*⁴⁴

Maffesoli lembra a tendência à minimização e mesmo desconsideração do papel da imagem na vida social e a desconfiança dessa ao longo da história de tradição judaico-cristã e semita. Iconoclastas versus iconófilos ou iconolotras. Conflitos decorrentes do culto aos ídolos, às imagens, aos santos presentes no Velho Testamento, nas perseguições a Bizâncio, na Reforma, dentre outros. De qualquer modo, salienta, o “*mundo fenomenal*”, “*das imagens*”⁴⁵ sempre esteve separado de Deus.

Deus/mundo, perfeição/imperfeição; serviram de referência a outra relação: razão/desrazão. Associada à primeira relação, o que não está para o divino no humano - imaginação, sensibilidade - está para o não humano, para o sub-humano, à animalidade, para o Demônio.

Daí todo o temor, toda uma construção do medo sobre o universo das aparências, das superfícies, das imagens; uma resistência e mesmo rejeição aos sentidos, à beleza, à matéria; a encontrar-lhes aspectos positivos, a uma preocupação a um suposto investimento nas imagens, embutidas não apenas no discurso religioso, mas também no intelectual e em outros. Negação que prefigurou os projetos de Modernidade.

Modernidade que, no dizer de Jean Baudrillard⁴⁶, define um modo de civilização, que se manifesta e se fortalece entre o século XVI e XIX; de característica

⁴⁴ JABOR, Arnaldo. “*Enterro de Senna foi carnaval profundo: a comoção popular desmentiu a frieza do mundo e criticou as elites intelectuais que vêem a vida como um 'software'*”. *Folha de S. Paulo*. 17/05/94, cad. 05/Ilustrada, p. 6.

⁴⁵ MAFFESOLI, Michel. Op. cit. p. 90.

⁴⁶ BAUDRILLARD, Jean. “*Modernité*”. In: *Encyclopedia Universalis*. Paris, 1985, v. 12. p. 424-426.

homogeneizante e mundializante a partir do Ocidente, marcada por uma lógica centrada na racionalidade, no avanço científico e tecnológico, na intensificação dos meios e das relações de produção, no domínio sobre o mundo tido como natural e que se opõe às demais culturas e sistemas anteriores, ditos tradicionais. Inovadora e autoreflexiva encontra no indivíduo, então preservado pelo advento de seu mundo privado, um de seus condutores rumo a uma dimensão privilegiada de futuro.

“...com uma ponta de orgulho superior, eu lamentei a estupidez nacional, a emocionalidade simplória de nosso povo e, do alto de meu pódio espiritual, falei: ‘Não vou escrever...’⁴⁷

DeusXMundo. Estar no mundo: uma relação paradoxal. Certo/incerto, controle/descontrole, ordem/desordem... As imagens existem numa relação, com Deus, com os outros, com a natureza. Trata-se, portanto, de um conceito relacional. Imagens suspeitas, incertas, inseguras, abstratas... indefinidas, obscuras.

Versáteis, as imagens aproximam-se mais da ficção do que da Verdade. Contam histórias, ao invés de dizer a História. “*São*” ou “*podem ser*”, ao contrário do que “*deve ser*” a razão. No entanto, por sua analogia com o “*real*”, é sob o sinal de provas testemunhais, que serão tomadas, como sinônimo de uma verdade, de uma revelação. Sua flexibilidade, maleabilidade, depara-se, atualmente, com uma revolução das tecnologias de manipulação das imagens, como criadoras ou reinventoras de “*evidências*”, de “*ficção*”, de “*verdades*”.

Para Maffesoli, as imagens estabelecem uma estética emocional⁴⁸, relativa aos gostos, aos afetos... Em oposição à razão foram estigmatizadas negativamente e de onde aparentemente decorrem as críticas à televisão e por extensão a toda a mídia, como fabricantes/produtores de imagens “*irreais*”, destituídas de conteúdo ou

⁴⁷ JABOR, Arnaldo. Op. cit.

⁴⁸ MAFFESOLI, Michel. Op. cit. p. 92.

excessivas. Como um vetor de comunhão⁴⁹, através do qual é possível compartilhar emoções: assim Maffesoli prefere entender o “vazio”, a “demasia” das imagens. Assim também podem ser entendidas as imagens das quais compartilharam e aparentemente comungaram milhões de pessoas em torno da morte de Senna.

Portadoras de uma racionalidade e lógica próprias, as imagens, inversamente às críticas que lhes são postas, prestam-se ao real cotidiano, mundano, ou hiper-real dos sonhos e das fantasias; constituidores do mundo contemporâneo/pós-moderno. Contemporaneidade caracterizada pelo “efêmero”, pelo “fragmentário”, pelo “descontínuo”, pelo “caótico”, nos dizeres de vários de seus intérpretes (LIPOVETSKY, Gilles, 1989, CONNOR, Steven, 1992, HARVEY, David, 1989...).

Contemporaneidade, que se apresenta ora como continuidade da modernidade, para Jürgen Habermas, um projeto vivo e inacabado; ora como crítica aos paradigmas ocidentais e às categorias iluministas (racionalidade e progresso científico e tecnológico), para Jean-François Lyotard, um momento de transição, de ruptura e de construção de um novo pensamento e de um novo modo de vida.

Maffesoli entende o pós-moderno como sendo “*el conjunto de categorías y de sensibilidades alternativas a las que prevalecieron durante la modernidad*”⁵⁰.

Autônomas, as imagens permitem perceber as coisas do mundo tal como se apresentam, ou como são por elas representadas.

“De noite ela foi em silêncio ao velório de Senna e chegou em casa com flores brancas e uma vela de sete dias.

⁴⁹ MAFFESOLI, Michel. Op. cit. p. 93.

⁵⁰ MAFFESOLI, Michel. “*La socialidad en la postmodernidad*”. In: VATTIMO, G y otros. *En torno a la posmodernidad anthropos*.

“Quando vi, tinha uma vela ardendo na sala, com um vaso florido de margaridas (...) Mas aquela vela ficou queimando em minhas noites. Pensei em escrever, mas só me batiam obviedades e eu, então, do alto de minha ‘grandeza’, optei pelo silêncio (...)

“Senna continuava a queimar em minha sala, na vela branca de Suzana, como um espírito obsessivo, e de noite, com insônia, cheguei a ter um calafrio olhando a chama trêmula, que parecia a alma do campeão (...)

“Nova e bela era a chama da vela de sete dias que minha mulher Suzana acendeu. Eu não vi o sinal e perdi a festa.”⁵¹

Segundo Maffesoli, estar no mundo significa ver, ser visto⁵². Eliminar essas condições, significa eliminar a si mesmo e ao social. Estar em cena, pois, condição para se existir⁵³. Existir socialmente. Senna parece ter a ver com o que o autor chama de um novo “*estar junto*”, a experiência estética compartilhada, resultado de uma ética estética, um estar junto na diversidade.

“... O Brasil não chorou apenas a morte do campeão. Chorou também a sua própria tragédia. A perda do seu herói diante de todos os outros fracassos. Houve uma identidade do povo brasileiro, só agora revelada, com aquele que apesar da valentia, obstinação e competência nas pistas, não perdeu a ternura, a singeleza e a humildade...”⁵⁴

“Insuportável e patética a histeria coletiva pela morte de Senna, vítima do culto insensato à máquina. Automobilismo não é esporte, Senna não é mártir. Parafraseando Brecht: triste do país que precisa inventar heróis.”⁵⁵

⁵¹ JABOR, Arnaldo. Op. cit.

⁵² MAFFESOLI, Michel. Op. cit. p. 97.

⁵³ Apesar da resistência, de ter perdido a festa, numa citação a análise de DaMatta, referida aqui no início, em que o antropólogo entende o fenômeno da morte de Senna como uma carnavalesco da dor, ainda assim Jabor se rendeu e, em meio a uma espécie de “ressaca”, o articulista da *Folha* publicou seu artigo expressando sua visão e inserindo-se também ele em cena.

⁵⁴ Lillian Nabuco (RJ). *JB*. (Coluna do leitor). 08/05/94. p. 10.

⁵⁵ Alfredo Schechtman (DF). *FSP*. (Coluna do leitor). 04/05/94, cad. 1. p. 3.

“... há muitos que achavam o Senna um cara antipático e chato. Outros ainda não o consideram como ‘melhor piloto de todos os tempos’, preferindo Fittipaldi ou Piquet. Mas ninguém na imprensa ousou tocar nesse assunto. Com ele, morreram também seus defeitos.”⁵⁶

Estar no mundo, existir, interagir. A construção das imagens, um processo interativo; uma experiência ativa, heterogênea. Para Terry Eagleton, teórico da recepção, as nossas reações/respostas “*estão profundamente arraigadas no indivíduo social e histórico de que somos*”⁵⁷, não havendo uma leitura pura ou inocente da realidade social. Para Ondina Fachel Leal, tratam-se de “*leituras diferenciadas de um mesmo texto*”⁵⁸, ou seja, de que dado um mesmo conteúdo, encontram-se diferentes modos de recepção e assim novas e diferentes imagens do “*real*”.

Reconhecido em distintos países ou culturas, por diferentes grupos sociais, com diferentes formações, de diferentes faixas etárias⁵⁹ etc., localizados tanto nos mais diferentes e distantes pontos do planeta, quanto até bem próximos entre si, Senna se revela multiforme. Suas imagens executam diferentes movimentos, se articulando, cruzando, combinando, completando, sobrepondo, permeando ou mesmo, contradizendo, excluindo, negando.

“*Mais segura*”, “*mais lenta*”, “*mais curta*”⁶⁰, “*menos perigosa*”, “*maior área de escape*”, “*maior número de zebras*”⁶¹ *mais baixas e mais seguras*” - “*mudanças*”.

⁵⁶ Regina Belletato Fonseca (SP). *FSP*. (Coluna do leitor). 15/05/94, cad. 1. p. 6.

⁵⁷ EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 1994.

⁵⁸ LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. 1986. p. 27.

⁵⁹ Tratava-se de uma pequena reunião num dos cafés da Universidade. Quando cheguei, imediatamente o filho de um dos colegas do mestrado, que imagino não deveria ter mais de três anos, reconheceu um dos botons que eu tinha na jaqueta, o da McLaren (o outro era do Batman), perguntando onde eu havia conseguido e manifestando interesse por ele. Fiquei pensando que ele deveria ter um ano menos, ou seja, dois, quando Senna morreu e me perguntando qual deveria ser a lembrança, ou a imagem que guardava do piloto, ampliando, assim, o leque etário das imagens de Senna. Na ocasião, não pude me deter no garoto, mas a sua observação, chamou a atenção para a amplitude de meu objeto e renovou a importância de eu não circunscrevê-lo rigidamente. Mais adiante, na pesquisa, outras situações semelhantes se repetiram, orientando-me, assim, no detalhamento e na construção de, agora já, “*meus*” Sennas.

⁶⁰ Segundo o *Guia dos circuitos (Publifolha, 1995, p. 11)* de 5,040Km para 4,995Km.

⁶¹ Como são chamadas as faixas de segurança que servem de guias da pista.

Tamburello, a curva, sumiu; em seu lugar, uma curva em “S”. À sua frente, uma espécie de “*santuário*”, “*local de culto*”, de homenagens...⁶²

Numa situação parecida com a do local do acidente com Senna, José Guilherme Magnani comenta, à *FSP*, a preocupação com as mudanças na imagem de “*shopping da morte*” do Shopping de Osasco, de São Paulo, após a explosão de parte do prédio, que matou e feriu inúmeras pessoas, em 1996. Seus comentários cabem aqui.

“... as sociedades sempre buscaram formas de ‘exorcizar’ locais atingidos por alguma desgraça que parece escapar ao controle.

“Esses ‘exorcismos’ vão de rituais religiosos - como benzimentos - a mudanças nas cores ou formas do local atingido.

“... ‘o simbolismo é a única forma de se dar conta das coisas que não têm explicação’”⁶³

1996. 1º de maio. Circuito Enzo e Dino Ferrari. Autódromo de Ímola, San Marino, Itália. Aniversário de dois anos da morte de Ayrton Senna.

Dois anos (do momento do acidente até o seu segundo aniversário): o enquadramento temporal estratégico do foco desta pesquisa. Delimitação formal, haja visto a necessidade de recorrência tanto a períodos/contextos anteriores, de origem, quanto a posteriores, recentes, de atualização, a essa demarcação.

⁶² *FSP*. 25/05/95, cad. 4/Esporte. p. 4. *Guia dos circuitos*. Publifolha, 1995. p. 11. *DC*, 01/05/96. p. 46. *DC*. 30/04/95. p. 64. *FSP*. 02/05/95, cad. 4, p. 3.

⁶³ *FSP*. 16/06/96, cad. 3, p. 2.

SENNA 2

Abordagem teórico-metodológica

Boné, camiseta, botons; vela de aniversário, adesivo... Indumentária ou objetos familiares não tivessem a assinatura, marca, referência ou imagem de Ayrton Senna, ou simplesmente Senna, e não fossem/não se tratassem de *souvenirs*/recordações de campo.

Especificidades do objeto, do campo, do método. Objeto complexo, relações complexas.

Penso sobre as miçangas, cordões; músicas, rituais e estampas de meus colegas antropólogos estudando “*outras*” etnias, “*outros*” grupos, “*outras*” culturas; algumas nem tão “*distantes*”. Imagens de campo. Imagens históricas construídas no interior de uma disciplina.

“...não se trata mais de (...) delimitar as fronteiras da Antropologia partindo-se de uma tradição antropológica (...), nem de um suposto objeto (“sociedades primitivas”) dado a priori e congelado no tempo, e nem tampouco de um método (observação direta), mas de uma relação entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, uma relação de alteridade que subordina a própria metodologia”¹

Antropologia das sociedades contemporâneas, das culturas contemporâneas; uma (re)definição dos objetos antropológicos². Novos “*objetos*” invadem nossas gavetas, nossos armários, decoram nossas mesas de trabalho, paredes e estantes. Já não são espólios de culturas em extinção, mas artefatos/representantes de nossas próprias culturas. “*Culturas emergentes*”, que na expressão de Massimo Canevacci define

¹ RIAL, Carmen S. *Análise crítica do artigo de Alain Testart, ‘L’objet de l’Anthropologie Sociale’ em L’Homme n. 97-98, 1986.* Texto apresentado em concurso para professor do PPGAS, 1992.

² Como os estudos de temáticas urbanas desenvolvidos por VELHO, Gilberto (*A utopia urbana*, 1973), OLIVEN, Ruben (*A antropologia de grupos urbanos*, 1987), dentre outros.

*“os modelos culturais, os estilos de vida e as técnicas de comportamento inovadoras, restritas a grupos de minorias, mas não minoritárias, enquanto contêm no seu interior uma tendência a se tornarem majoritárias ao menos em relação aos respectivos referentes socioculturais”*³.

Novas imagens povoam nossos pensamentos, nossas mentes, nossa imaginação. Nossos campos têm mais vida, nossas vidas mais temores. Objetos “*incertos*” (não como dantes), campos (de força) “*movediços*”, pontes (de conhecimento) “*retráteis*”. Pesquisador/objeto, um exercício intersubjetivo, relativizador do saber científico. Rejeição às descrições holísticas, limites na composição do outro, auto-exposição,...⁴ O antropólogo contemporâneo é mais um intérprete, um construtor de imagens.

Movimento de mão-dupla; tornar o exótico em familiar e o familiar em exótico, encurtando/estreitando ou ampliando as distâncias, que agora já não são apenas físicas, que nos separam do “*outro*”. Antropologia do próprio lugar, doméstica; da própria cultura, das próprias diferenças; “*auto-antropologia*” ou “*antropologia do próximo*”⁵.

Complexos são nossos objetos, complexas nossas relações, complexas nossas sociedades. “*Sociedades complexas*” - não opondo-as a “*sociedades não complexas*”, por parecer discutível uma demarcação limítrofe precisa entre ambas - consideram-se aquelas sociedades identificadas com o processo decorrente da Revolução Industrial, caracterizadas por uma heterogeneidade social, um acelerado crescimento urbano e populacional, uma diversificação do modo de produção e pela divisão social do trabalho; que por não obedecerem às leis do capitalismo clássico, à primazia da produção industrial e à onipresença da luta de classes, passam a

³ CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. 1990. p. 7.

⁴ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “*A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*”. *Novos Estudos CEBRAP*. 1988. p. 133.

⁵ RIAL, Carmen S. *Análise crítica do...* Op. cit. p. 6.

designar-se também “*pós-industriais*”, “*sociedades de consumo*”, “*dos meios de comunicação de massa*”, “*da informática*”, “*sociedade eletrônica*”, “*da tecnologia sofisticada*” etc.⁶

O campo dentro de casa, através da tela da TV, via videocassete, linha ou extensão do telefone; o campo está nas compras periódicas da banca, no jornal do dia, na expectativa da capa da próxima revista, no último lançamento da mídia; numa espécie de disque interlocutor, o informante à domicílio, que concorda em dar uma entrevista, não no ambiente dele, mas no seu. O campo pode estar em qualquer lugar: durante ou entre as refeições, nos momentos íntimos, na parada ou no interior do ônibus, na carona..., num encontro aparentemente casual. Experiência insular, ou talvez melhor, continental, cercada de campo por todos os lados.

(Re)inventar procedimentos, estratégias⁷. Os manuais, para alguns, “*clássicos*”, viram leitura quase romântica. Paisagens quase extintas. A frase: “*o pesquisador tem que sujar a bota no campo*”⁸ provoca reações diversas. A dor desse campo, o sacrifício, ou cedem espaço ou já admitem o prazer, o deleite, simplesmente o conforto, ou mesmo outros sentimentos, emoções (alguns nem tão “*nobres*”).

⁶ JAMESON, Fredric. “*El posmodernismo como lógica cultural del capitalismo tardío*”. (*Pos modernism, or, the cultural logic of late capitalism*. 1984).

⁷ Em estudo realizado por Aglair M. Bernardo - “*Um novo tipo de ‘impulso’ na cidade: um estudo do serviço telefônico Disque Amizade de Florianópolis*” (1994) - a autora opta por realizar toda a sua pesquisa por telefone (com exceção de uma única entrevista e dos contatos com os responsáveis pelo sistema na cidade). A autora se justifica por se tratar de um estudo que está relacionado ao surgimento de novas tecnologias de comunicação e de seus efeitos sobre o imaginário contemporâneo. Bernardo também não considera fundamental o encontro face a face por entender que o “*objeto*” é sempre sujeito de si mesmo, que ele será sempre pouco claro, nebuloso e opaco aos ouvidos e às imagens construídas por ela, enquanto pesquisadora. Ela defende que a maior ou menor visibilidade que se tem de um objeto não é determinada por aqueles encontros e que, tampouco, eles vão garantir a objetivação de imagens mais ou menos verdadeiras.

⁸ Dita pelo professor Dr. Gustavo Lins Ribeiro (UnB) convidado para a banca de defesa de dissertação de mestrado de Lilian Regina Schmeil (“*Alquila-se una isla: turistas argentinos em Florianópolis*” (UFSC)), em 29/09/94.

Se, habitualmente, dormir de luz apagada me fazia suar frio e perder o sono, a presença imaginária de Senna impôs algumas sensações extras. Sobressaltos no meio da noite, aflição para enfrentar o corredor no escuro, tocar o interruptor, cruzar a sala de madrugada. Memórias de infância sobre assombrações noturnas; alternância entre um sentimento rápido, misto entre uma espécie de necrofilia e necrofobia. Mas, afinal (talvez aqui até me antecipando um pouco) para mim Senna não estava, ou está, morto. Então, porque sentir-me como uma invasora de cemitérios, sentimento meio sombrio, como se estivesse invadindo a sua privacidade sepulcral.

Relação sujeito/objeto; aspectos subjetivos não mensuráveis comprometidos com a produção do conhecimento combinado a um certo dimensionamento, proporcionalidade do objeto. Abordagem analítico-qualitativa associada, numa relação de não exclusão, a dados quantitativos resultantes de outras fontes de investigação.

Senna, um objeto versátil, fluído que transpôs a tela das TVs, contaminou e deixou-se contaminar (voluntária e involuntariamente) por diferentes espaços e contatos/olhares; construído e reconstruído cotidianamente e objeto de múltiplas e diferentes interpretações. Universo poroso, permeável, intercomunicável, sem um “*locus*” privilegiado. Apropriadamente aproximando-se/combinando-se do/ao conceito de “*comunidades imaginadas*”⁹ de Benedict Anderson, ou, na definição desse autor, a universos criados/constituídos por membros cuja convivência, afinidade e territorialidade são definidas a nível do imaginário, não necessariamente sabendo-se ou ouvindo-se falar uns dos outros, ou encontrando-se, conhecendo-se entre si.

⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. 1993. p. 23-25.

Senna, um objeto de amplo domínio, “*conhecido*”, implicando um volume correspondente de interpretações. Facilitador, dispensa maiores apresentações, introduz conversas, prolonga debates, revela interlocutores, favorece “*outros*” encontros; inibidor, impõe situações inconvenientes, indiscretas, inesperadas, desconcertantes, impróprias, flagrantes¹⁰.

Controlar a investigação, triar as fontes, os informantes, discriminar os dados, elegendo algumas interlocuções mais ou menos específicas, relevantes, sem contudo, perder de vista todo o espectro envolvente¹¹. Uma dispersão geográfica compensada pela intensidade/densidade temática.

Senna, um objeto multimídia. Ver TV, vídeo, ler jornais, revistas, biografias,... assistir a corridas, conversar,... gestos cotidianos, banais, não estivessem acometidos de um exercício interativo de observação participante, ainda que não nos moldes clássicos recomendados por Malinowski¹², do antropólogo que se ausenta de sua sociedade e se fixa no campo; contudo, acompanhando, mesmo que provisoriamente, o trânsito de Senna e em parte do automobilismo, seu universo gerador. Exercício dialógico, como quer Dennis Tedlock¹³, do encontro de horizontes, da criação de um mundo a partir das diferenças, que se pode estabelecer na interlocução direta com o informante, na observação esporádica e aparentemente solitária

¹⁰ ... “Ah! você está fazendo uma pesquisa sobre o Senna?”; “Mas o que você acha do Senna?”; “O que você acha que aconteceu durante a morte dele?”... Havia e há momentos em que o “*objeto de desejo*” é outro, ou se quer evitar um comentário considerado ainda prematuro, ainda em processo de amadurecimento. Um cinema, um cafezinho, um olhar superficialmente disperso...; até que a “*identidade secreta*” de pesquisadora seja revelada. Inversão da posição do pesquisador que pergunta/indaga. Refletir sobre o comportamento pessoal das próprias imagens; sobre a troca interativa e construtiva que garante visões apenas parciais e móveis/dinâmicas; assim como sobre a frequência e as próprias formulações em si.

¹¹ Carmen Rial (*Análise crítica do...* Op. cit.), em seu estudo sobre os *fast foods*, na França, combina dois procedimentos metodológicos sugestivos: um mais ou menos clássico, elegendo um grupo com referências mais ou menos fixas (estratégico) e outro mais ou menos aleatório.

¹² MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 1978.

¹³ TEDLOCK, Dennis. “*A tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica*”. *Anuário Antropológico/85*. 1986.

decorrente/proveniente de outras fontes, ou no processo exteriormente mecânico, acentuadamente reflexivo e prazerosamente criativo da inscrição redativa.

O campo submerso em imagens. Imagens vistas, pensadas, imaginadas; implícitas, explícitas. O olhar que olha, vê, pensa, sente, imagina. O olhar do momento pós-moderno¹⁴ da(o) antropóloga(o) é estetizante.

Imagens de perto, de não tão de perto, de longe; imagens próximas e distantes; imagens de antes e de depois (da curva/póstumas). Imagens(retratos) faladas(os), impressas, em movimento, fixadas... Entrevistas abertas e orientadas segundo um roteiro prévio de questões; diálogo, do qual é possível se participar na construção e/ou reorientação e inclusão de outras questões não previstas. Conversas gravadas ou não; informais... Diversas e múltiplas falas, vozes, discursos.

Viagens/deslocamentos de longa e de curta duração e percurso; locais, interestaduais; físicas e mentais/imaginárias, simbólicas¹⁵ ... Imagens silenciosas, sonoras, musicais; anônimas, públicas¹⁶...

¹⁴ Ver mais sobre os três momentos: colonial ou sartreano (em torno da relação objetivação/dominação), burocrático ou foucauldiano (olhar/saber) e pós-moderno (experiência perceptiva) dentro de uma teoria da visão, em JAMESON, Fredric. “*Transformações da imagem na pós-modernidade*”. In: *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. 1994. p. 115-143.

¹⁵ Um abraço caloroso e de repente me senti protegida. Assim, em seus braços, adormeci. Senna era Senna. O mesmo da televisão, dos jornais e revistas que eu acumulara nos dois anos de pesquisa. Podia sentir seu corpo e as suas proporções pareciam conferir com a imagem que tinha construído dele. Madrugada, meio do ano de 1996. Não parecia um sonho, mas uma agradável sensação de segurança. Minutos antes estava preocupada com esta dissertação, com um lugar para morar que oferecesse condições para realizá-la e um trabalho que me garantisse um final de bolsa tranquilo. Senna me apareceu, assim, nessa experiência, como já aparecera antes e ainda apareceria em outras; como um elemento tranquilizador, de cumplicidade. Na maioria das vezes, éramos somente eu e ele: eficiente em sua força simbólica, poderoso enquanto objeto.

¹⁶ Entrevistar Nelson Piquet, durante o Campeonato Brasileiro de Kart, em Florianópolis, em 1995, foi como uma espécie de aceite do mesmo universo do qual Senna também fazia parte. Aqui não apenas o do automobilismo, mas também o da mídia. Algo como passar para o outro lado das câmaras, ainda que o foco não estivesse sobre mim, mas sobre ele. Eu e ele estávamos ali, pessoalmente, conversando face a face. Ele um dos “mitos” do automobilismo mundial, em seu *motorhome*, depois no box, onde seu filho, piloto igual a ele, se preparava para a competição. Piquet se mostrou acessível, discreto, atencioso, irônico, despojado, contrariando algumas imagens suas desfavoráveis junto à mídia. Interessava não apenas a imagem dele de Senna, mas a sua própria, a partir de sua própria trajetória e construção também enquanto “herói”.

Assim, que o alvo sobre o qual apontaram-se as miras/objetivas dessa pesquisa são aqueles construídos midiaticamente. Canais abertos, lentes a postos: o campo, se confunde ao próprio percurso temporal ao qual tentou-se conformar o objeto e concomitante às aulas do mestrado. O que supostamente se tinha como pesquisa exploratório já se constituía no próprio campo, numa experiência antecipada pelo curso, ritmo e delineamento do objeto.

Sensibilidades alteradas, subjetividades à prova. O campo, agora transformado em pista, é de alta velocidade. Sentido único, mas retornável, reproduzível, como as imagens. Sensibilizar o olhar. Sintonizar as imagens. A visão chapada, panorâmica aos poucos se especializa: formas, contornos, nuances, sombras... Porosidades na convexidade da tela, na planitude do registro visual ou gráfico. Num efeito “*poltergeist*”¹⁷, transpassar a paisagem, penetrar as imagens e compor com elas.

“*Para Adiléia com carinho e saudades* (de Senna)...”¹⁸. Certamente que o lançamento de um livro não é um evento novo ou raro para mim, mas alguns meses antes não passaria pela cabeça me interessar pela biografia amorosa da namorada de Senna. *Forum Romanum*, boate no centro de Florianópolis. Noite de dezembro de 1994. Tapete vermelho, luzes, jornalistas. Mais ou menos duas horas depois do anunciado, Adriane Galisteu é recepcionada pelo “*Hino da vitória*”. O público, já visivelmente cansado pela espera, improvisa uma certa seqüência. Junto-me a eles. Sento-me ao seu lado¹⁹. Apresento-me, enquanto ela escreve na página de rosto de

Permitindo-me sucumbir ao seu poder de sedução/atração, também enquanto “ídolo”, após encerrarmos nossa conversa, solicitei-lhe um autógrafa.

¹⁷ Numa citação à “*Poltergeist: o fenômeno*” (Tobe Hooper, 1982), o filme, em que a garotinha é atraída para o interior da TV, caberia pensar sobre as inclusão das novas tecnológicas no nosso imaginário.

¹⁸ Adriane Galisteu (1994): autógrafa concedido à pesquisadora pela autora do *Caminho das borboletas: meus 405 dias ao lado de Ayrton Senna*, no dia do lançamento de seu livro.

¹⁹ A imagem que me vem é a de como estar/entrar nas páginas ou nos programas de variedades, do tipo *Ilustrada* (FSP), *Perfil*, *Flash* etc.

meu exemplar, e confirmo uma entrevista para o dia seguinte no *Florianópolis Palace Hotel*, onde ela estaria hospedada.

O público, na maioria jovens casais ou grupos de garotas adolescentes, têm seus livros²⁰ ou pôsteres de Senna autografados e fotografam ao lado de Adriane. Alguns dos primeiros me revelam emocionados estarem ali somente porque ela era namorada de Senna e “*coleccionavam tudo o que saía a respeito dele*”. Já, para algumas garotas com quem conversei, “*era um modo de apoiá-la, nas críticas de oportunismo que vinha recebendo*”, estavam ali “*pelo fato dela estar sendo mal interpretada pela imprensa*”, ou ainda, “*eu não me interessava pelo Senna antes, mas depois da sua morte passei a gostar dele*”. De algum modo, mas não pelos mesmos motivos, sentia-me compartilhar de seus enunciados, interessando-me por Senna apenas depois da sua morte, pelas anunciadas revelações de Galisteu sobre a relação de ambos e, assim, reunindo tudo que se referisse a ele.

Entrevista: palavra-chave, convite-chave. Recurso usual da mídia, do jornalismo. Contrário ao vivido por Hélio Silva em seu estudo sobre os “*meninos de rua*”, no Rio de Janeiro²¹, quando a familiaridade dos mesmos com este gênero dialógico remetia, à lembrança, técnicas investigativas controladoras de suas vidas, o mesmo sentimento aqui é positivizado no sentido de tratar-se de um ritual que subentende/prevê que o entrevistado tenha algo importante a dizer, conferindo-lhe autoridade sobre o que lhe possa ser indagado.

16h do dia seguinte, aguardo na recepção do hotel, enquanto Galisteu retorna do almoço e da praia. Ela chega acompanhada de sua secretária e, por sugestão dela, conversamos em seu quarto. Mais ou menos meia hora depois eu estava saindo do

²⁰ Observando e depois confirmando aquisições de até quatro ou cinco exemplares por vez, o livro para alguns se tornou alternativa de presente de natal ou das festividades daquele fim de ano.

²¹ SILVA, Hélio R. S. *Vozes do meio fio*. 1995. p. 166-188.

hotel. Pouco tempo? Sentia-me satisfeita. Fantasias sobre a resistência de algumas imagens, sobre o poder que determinados “*mitos*” (mesmo não sendo os nossos próprios, mas ainda assim reconhecidamente “*mitos*”) ou por extensão, seus coadjuvantes, exercem sobre nós, estavam momentaneamente vencidas. Galisteu, assim como outras personagens que perseguiria mais tarde, se mostrou acessível.

Galisteu vestia biquíni e saída de praia, comia um pedaço de maçã e me ofereceu alguma fruta. Agradei negativamente. Sua secretária nos deixara por um banho. Apresentei-me novamente, falei do meu projeto, sob um olhar quase impaciente do tipo: “*o que você quer saber?*”. Perguntas e respostas, o telefone toca, ela atende, desligo o gravador: outro compromisso. Ela retorna, retomamos: “*Você deixou o gravador desligado*”, me chama a atenção. “*Ah! sim*”, respondo, “*obrigada*”. O registro de seu depoimento também lhe é importante. E a sua privacidade com Senna? Sobre a publicação, em livro, de sua intimidade com Senna, por que acha que é importante para as pessoas conhecerem esse seu lado privado?

“... não é o lado privado dele, é o meu lado, também. O que eu conto é desde o dia que o conheci até o dia da tragédia; conto também um pouco da minha vida passada para as pessoas me conhecerem melhor. Acho que isso envolve muito as pessoas no meu livro, tem vários nomes, muitos personagens. E é uma história muito sincera e verdadeira. O mundo tem idéia dele como o grande gênio da Fórmula 1 e não, como um homem de caráter fenomenal”.

Galisteu sai do privado ou permite que se adentre a ele como um domínio, de sua relação com Senna, do qual faz parte ou o qual lhe pertence, com um sentido de complementaridade. Revelar-se, expor-se publicamente, representaria revelar um Senna então desconhecido. A “*verdade*” sobre Senna residiria, portanto, neste espaço, outrora reservado, espaço do privado, do feminino. Assim, que se pode pensar que, as imagens de ambos estão interligadas, numa relação de interdependência, contudo, conforme colocado antes, enquanto a imagem privada de Senna é construída a partir do público, a construção de Galisteu, apesar de também

se dar no público, tem como referência maior o privado, se construindo a partir dele²².

Agendas, compromissos; relação tempo-espço. A acessibilidade da imagem permanentemente relativizada pelo poder dessa relação. Aos poucos perceberia que os movimentos rítmicos, a fluência de parte de minha pesquisa eram marcados por essa relação. Galisteu retornara aparentemente sem pressa da praia, no entanto, justificava sua breve entrevista, listando, na continuidade, fotos para a imprensa, com fãs de Senna e o horário de vôo, de volta para São Paulo.

Relação de trocas. “*Falem de mim. E, de preferência falem maravilhas!*”²³, propõe a introdução de uma matéria sobre Galisteu como uma quase prosaica regra de sobrevivência da mídia. Alimentação de imagens. Prestamo-nos um favor. Galisteu me falou dela, de Senna, de ambos, do projeto do livro. “*Como é que foi, como é que ela é?*”, me perguntariam depois, quem antes nem sequer sabia que Senna tinha uma namorada.

*

- “*Nelson!*”²⁴, chamo-lhe pelo primeiro nome. Ele se volta. Apresento-me, explico-lhe rapidamente o objetivo de minha pesquisa. Pediu que aguardasse um pouco enquanto acompanhava um de seus filhos acho que até a lanchonete do kartódromo. Quando retorna, convida-me para conversar em seu *motorhome*.

Atravessamos um terreno molhado e enlameado pela chuva dos dias anteriores e pelos pneus dos veículos de outros envolvidos na competição. Esgueirou-se

²² Galisteu retorna no capítulo 5 desta dissertação.

²³ *Interview*. Dez., 1995. p. 66.

²⁴ Nelson Piquet, em entrevista citada antes.

facilmente entre dois automóveis estacionados bem próximos um do outro. (Penso que devia estar acostumado a fazer esse movimento em alta velocidade). Chamou-me a atenção. Não se tratava de um homem de grande estatura. Já sabia que a maioria dos pilotos de F-1 não excede muito a 1,70m. Segui-o. Observo que atende gentilmente a pedidos de autógrafos e a poses conjuntas para fotos.

Numa mesa, pacotes abertos de biscoitos. Sentamos. Começamos a conversar. Sua namorada entra e começa a recolher ruidosamente os pacotes. Olho-a rapidamente. Ela é jovem. Pareceu-me não gostar da minha presença. Aquele espaço talvez tenha lhe parecido íntimo demais. Transcorrido algum tempo, ela interrompe para a largada da bateria em que Nelsinho competia. Continuamos a conversa no box em meio aos roncões dos karts e às conversas dos técnicos. Piquet parecia mais relaxado. Sua conversa assumiu um tom mais descontraído. Sentávamos agora mais próximos em função do barulho. Nada amistosa continuava a expressão de sua namorada.

Mulheres pesquisando homens, ou universos tidos como masculinos. “*Interessante essa pesquisa, hein?*” É o comentário malicioso de bordo do motorista e da guia para o GP do Brasil de 95. Percebendo que eu me sentia pouco à vontade e não conseguia dormir durante a viagem, convidaram-me para fazer-lhes companhia na cabine do motorista. Entre goles de café, piadas e histórias de vida deles na estrada queriam entender minha presença e “*interesse*”.

Roseli Buffon, “*Encontrando uma tribo masculina de camadas médias*”²⁵, não me surpreende com os comentários jocosos dirigidos a ela enquanto pesquisava “*a construção do gênero masculino em camadas médias urbanas*”²⁶. Também eu me defrontava com o imaginário das relações entre mulher e homem. No entanto, ao

²⁵ BUFFON, Roseli. *Encontrando uma tribo masculina de camadas médias*. In: “*Trabalho de campo e subjetividade*”. 1992.

²⁶ Idem. *Ibidem*. p. 57.

contrário de Buffon, abordando aspectos ligados diretamente a intimidade de homens morando sós, em seu espaço doméstico, o tema Senna era demasiado público assim como a maioria de meus encontros com os informantes masculinos, inibindo, mas não descartando eventuais insinuações ou mesmo jogos de sedução.

Dados de pesquisa, questão metodológica. Homem/mulher, pesquisadora/pesquisado. Dados de campo, relações de campo. O campo dramatiza o cotidiano; faz, inventa, é de gênero. Olhares, imaginários são trocados. Códigos, que por pertencerem a um *ethos* favoravelmente próximo, são reconhecidos e identificados como outros/novos limites a serem considerados.

Olhar feminino, olhar masculino. Não querendo estabelecer um confronto essencial e/ou exclusivo entre ambos, o que implicaria inventariar/elencar outros olhares, outros posicionamentos envolvidos no contato, contudo destacando-os como uma das especificidades construídas histórica e culturalmente que interpenetram o campo e que são reveladoras de como “*um*” e “*outro*” interpretam, concebem e resolvem o(seus) mundo(s).

*

“... eu sou descendente de portugueses, então tem aquele galinho ali (...) que se tornou parte do folclore de Portugal (...) tem Nossa Senhora Aparecida, que sou devoto dela, tem o padre Cícero, que eu não sou, nunca fui devoto, mas eu estive em Fortaleza e eu achei interessante a devoção que o cearense tem por ele...”²⁷

Símbolos de devoção. A estante não é só de livros mas de objetos de culto. Senna impera nesse espaço e inunda toda a casa. Estamos na sede TAS. É uma casa ampla, confortável, na zona norte de São Paulo, ex-sede da agência de Senna. Painéis, fotos

²⁷ Adilson Carvalho de Almeida, durante conversa com a autora.

(inclusive, diz Adilson, talvez a última foto de Senna vivo, tirada por uma fã), *display*, livro de assinaturas (no qual também eu registrei a minha visita), placas, troféus, cópias de documentos, réplica de um McLaren (“...era de um Williams, presente de um fã. Foi repintado (depois da morte Senna) para um McLaren”, observa Adilson), livros e periódicos tendo Senna como motivo principal. Adilson é cuidadoso, cauteloso, demora-se com as palavras. Parece reservar-se à função de um guardião, um guardião das imagens de Senna.

Além de me fornecer dados, ele intermediaria outros contatos igualmente importantes para a pesquisa, dispensando-me de maiores apresentações e, de certo modo, autorizando-me o ingresso em domínios mais estreitos do campo. A TAS se constituíra, assim, num ponto de triagem, oficializando/formalizando um percurso que já se dava de outros modos no campo.

Um informante, mas também uma espécie de termômetro do que encontraria num dos habitats “*naturais*” de Senna (sua cidade, sua família, sua ex-sede...), ou seja, do espaço mais explicitamente físico circulado por ele. Uma expressão de aceite e de, nas palavras de William Foote-Whyte, estudando a história social de Corneville, estar “*começando a ocupar um lugar...*”²⁸, para mim, apenas menos virtual.

No entanto, esse “*lugar*” não excluiria o campo virtual, ao contrário, ambos se complementaram, me oferecendo pistas para um trânsito e um diálogo mais estreito entre eles. É na virtualidade que Senna se relevou mais intenso. Onde pude “*ouvir*” um número maior de “*vozes*” e onde exercitei a leitura de boa parte de suas múltiplas imagens. A especificidade desse encontro, aí também exigiria um compromisso entre distintos interlocutores. Abrir uma página, ler uma imagem, ver através das palavras. Às vezes parecia ouvir os sons, as vozes desses outros

interlocutores, ver suas expressões, dentro de seus ambientes nativos, me revelando todo um contexto que, não por se dar entre as minhas paredes, era menos complexo.

*

Antropologia visual/antropologia das imagens. A falta de habilidade com o equipamento fotográfico limitou e sub-utilizou esse recurso, indicado como apropriado pela intimidade que mantém com o objeto. Ainda assim se revelou um importante registro de memória visual do campo - paralelo à tentativa de expressar a interpretação do olhar antropológico -, expondo aspectos importantes, que talvez ficassem de fora, caso se optasse ou dependesse exclusivamente do registro escrito. No meio de uma arquibancada lotada de torcedores de F-1, por exemplo, o disparo de uma câmara fotográfica é menos estranho, em meio a tantos outros disparos semelhantes, do que um lápis ou caneta e uma caderneta de campo.

Etienne Samain acrescenta à questão de uma antropologia visual a de uma “*antropologia da visualidade humana*”, propondo a preocupação em se conhecer não apenas

*“os mecanismos neurofisiológicos e sensoriais que são a base da emergência de qualquer pensamento humano, mas também as estruturas e os possíveis códigos neles embutidos” e “preocuparmo-nos e nos perguntarmos o que vem a significar (...) o encontro e a mixagem de práticas cognitivas e comunicacionais seculares (visualidade, oralidade e escrita) com os mais recentes aparatos tecnológicos da verbovisualidade contemporânea (som, fotografia, cinema, vídeo, informática)”*²⁹

²⁸ FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a observação participante*. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). “*Desvendando máscaras sociais*.” 1980.

²⁹ SAMAIN, Etienne. “*Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica*”. ANPOCS. *Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais*. 1995. p. 293.

É sobre o registro imagético, visual ou não, de Senna, oferecido por interlocutores diretos e indiretos, por onde ele circula fortemente, que se tentou exercitar também outras possibilidades de diálogo, de interpretação das imagens.

SENNÁ 3

A morte espetáculo



Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 8

- *“Ai, que bom! Ele vai voltar mais cedo para casa. Foi um relâmpago na minha cabeça - um pensamento egoísta, com certeza estúpido, talvez inconseqüente. Mas, por um segundo, tive este flash de esperança: ele arrancaria luvas e capacete, sairia do carro carregando aquela cara de garoto ofendido tão familiar por ocasião das derrotas, se recomporia, fugiria às carreiras do autódromo e das entrevistas, já encontraria o comandante Mahonneý esperando por ele no aeroporto, com a turbina ligada, e em questão de horas estaria se jogando nos meus braços, em outro país, em nossa casa, no Algarve, em Portugal.*

“O impacto do carro no muro ganhava bis na tevê. Curva Tamburello, o nome do lugar, repisavam os comentaristas. Era uma tomada a distância - e a distância o que dava para ver era a lateral direita do Williams azul razoavelmente amassada, uma roda perdida, nada que sugerisse alguma coisa mais grave do que batidas parecidas com aquelas das quais ele já tinha se livrado, são e salvo. Outra imagem da tevê mostrava com clareza o momento em que o Williams se desgarrou da pista, em alta velocidade, e sumiu do campo de visão da câmara acoplada ao carro que o seguia, o do alemão Schumacher.

“Dei um salto do sofá, ainda segurando o prato do almoço na mão - franguinho diet, legumes, para manter a forma. Minha única companhia, naquele casarão enorme, era Juraci, a caseira. Expectativa: mas por que demorava tanto o socorro? Bandeiras amarelas agitavam-se nas proximidades, mas ninguém acudia o piloto acidentado. As câmeras da televisão italiana, mal localizadas, também pareciam manter um distante desinteresse pelo que tinha acontecido.

“Minutos de espera - na verdade, me pareceram horas. Minha taxa de adrenalina foi subindo, mas confesso que não me desesperei de cara. Tinha certeza de vê-lo, de repente, desatando o cinto de segurança e saltando, lépido, para fora daquela carcaça meio estropiada, capacete verde-amarelo debaixo do braço, enfezado, a caminho dos boxes.

“Nada. O primeiro carro de socorro enfim se aproxima. Nada. A narrativa do locutor da televisão inglesa começa a dar sinais de ansiedade. Nada. Eu só gritava.

- *“Mas o que eles estão esperando? Perdi a fome. Colei os olhos no telão, enquanto o helicóptero com um cinegrafista a bordo tentava, enfim, buscar uma imagem mais próxima. A coisa tinha sido pior do que eu imaginara. Mas eu nunca teria imaginado o pior - e ainda me recusava a imaginar.”¹*

*

¹ GALISTEU, Adriane. *Caminho das borboletas*. 1994. p. 9-10.

“A morte dele me pegou desprevenido. Eu estava numa fazenda no interior de São Paulo, (...) e a morte veio de supetão. Acordei tarde. Já tinha começado a corrida (...) Já acordei era umas 10 e meia, mais ou menos; tinha um colega que estava (...) junto com a gente naquele dia. Dormiu depois de mim, depois das cinco e pouco da manhã; tinha feito uma puta festa, acordou no horário, estava assistindo a corrida. Quando eu cheguei na frente da televisão eu vi ele assim: ele estava jogado num canto da sala olhando aquilo triste, triste, triste. - ‘O que que houve, cara?’ O cara: - ‘O Senna sofreu um acidente horrível.’ (...) Eu digo: - ‘Ah! não é nada. O Senna bateu tantas vezes, já.’ - ‘Não cara. Ele já foi levado para o hospital, numa maca; sangue... Pô! um monte de sangue no chão (...) acho que não é não, hein?’ Eu comecei a perceber a voz do Galvão Bueno. Daqui a pouco o plantão do Renato Cabrini (...): - ‘Olha, foi constatada a morte cerebral do Ayrton Senna (...) está com o cérebro morto. Não tem mais retorno (não sei o que e tal) (...) Não tem mais como dirigir um carro. Acabou.’ E demorou mais um pouco aí veio a morte mesmo. A morte oficial. Eu fiquei sem saber. Eu não sabia se eu ia comer. Eu estava morrendo da fome (...) Eu não sabia na hora se eu ia lanchar, ou se eu ia dar uma volta no sítio. (...) Foi muito doido. E aí à tarde a gente voltou para São Paulo. A cidade era a uns 300Km de São Paulo e a gente começou a ver nas estradas que as pessoas estavam mais tristes; estavam dirigindo mais tranqüilas. Nós mesmos que fomos para Juiquá, num pau danado no carro, voltamos a 70-80, sabe? Já consternados com aquela informação. Quando chegamos à São Paulo, assim (...), São Paulo, devagar. São Paulo parou.”²

*

“... a gente estava assistindo aqui, com cerca de 60 associados. A gente estava ali, naquele salão principal e, sabe, a gente acreditava que, a partir do grande prêmio de San Marino ele começasse mesmo a mostrar resultados, porque ele foi para a melhor equipe. Nos dois primeiros grandes prêmios que antecederam o GP de San Marino ele não pontuou, ele abandonou. Quer dizer, quando ele bateu, para nós não foi... para mim, particularmente, não foi um acidente, sei lá, um acidente fatal. Ele já tinha se envolvido em acidentes muito mais sérios (...) eu imaginei que ele sairia daquele carro... Eu nunca imaginei que ele fosse morrer.”³

*

“Na entrada da curva Tamburello, pelas 14h18m, o Williams bateu no chão e fugiu ao controle do piloto. Na volta anterior, Senna havia levantado o pé do acelerador naquele ponto, a 303km/h (nas qualificações

² Paulo Scardueli, (30 anos), jornalista, em entrevista à autora, algumas horas antes do lançamento de seu livro *Ayrton Senna: herói da mídia*, em Florianópolis, 11/05/95.

³ Adilson Carvalho de Almeida, em entrevista citada anteriormente.

passara a 312km/h). Naquela volta fatídica terá estado a uns 310km/h. O monoposto embateu no muro de concreto (betão), apenas uns 10 metros de cimento adiante, sem qualquer caixa de areia ou outra zona de desaceleração. O pneu dianteiro direito sofreu o primeiro impacto. O carro foi ricocheteado para a pista, deu meia volta e voltou à zona da escapatória. Sete segundos após o embate, o automóvel, destruído, pára com a frente e o lado direito, exceto o cockpit, totalmente destruídos. A cabeça do brasileiro estremeceu imperceptivelmente duas vezes, a primeira 1m58s depois do embate, e imobilizou-se. Diante da TV, horrorizado, eu ainda tive uma esperança. Como todos. Mas era em vão. No local do acidente, no ponto exato onde o Williams atingiu em cheio o muro branco da Tamburello, ficou assinalado por uma mancha azul Rothmans. No chão, onde o corpo de Ayrton foi colocado em cima de uma maca, uma enorme mancha de sangue, a cabeça escondida por médicos e enfermeiros por um pano verde.”⁴

*

“... eu lembro que foi num domingo e a gente tinha convidado uma amiga nossa, talvez tu conheças, que é a Soninha, para almoçar conosco: eu, a Camila e ela. E a gente sempre acompanhava (...) na França eu sempre acompanhei essas corridas de F-1. A gente acompanhava, se telefonava. Alguns brasileiros se telefonavam, para comentar, para torcer, porque tinha muito na França uma coisa de competição Prost e Senna. Era uma coisa clássica, super clássica (...) E naquele domingo lembro que a gente fez o almoço, sentamos e começamos a ver a corrida e a gente via, conversava. Era uma coisa assim, digamos, a gente não ficava fissurado vendo a TV e eu lembro que nós estávamos conversando quando eu olhei para a televisão e aí deu o acidente. Foi assim, uma coisa, eu virei e vi o acidente. E claro, como eu não estava acompanhando, assim, olhos fixos durante todo o tempo da corrida, não entendi muito direito o que aconteceu e aí começou. Eu (...) acompanhava muito pela Eurosport, que eu tinha TV a cabo, então era uma televisão que passava só e apenas esporte (...) e quando deu o acidente, bom algumas televisões, a TF1 estava passando também, mas eu basicamente assistia pela Eurosport. Não gostava muito de assistir pela TF1 porque eu antipatizava com a TF1. É meio Rede Globo lá. (...) E eu estava na Eurosport (...) e quem fazia o comentário na Eurosport era o Prost, que já tinha largado o automobilismo e aí começaram as chamadas (...) instantaneamente começou a localização de quem era o Senna. E aí começou a refilmagem, um pouco o que tu contas no teu projeto. A repassada, constantemente do acidente e intermediando isso daí com o acidente dele mesmo (...) a visão do carro, de horas o carro parado; essa a sensação que eu tenho para te descrever, assim: horas o carro parado, horas a gente se perguntando porque que ninguém ia atender. Porque uma das coisas que eu mais observei assim, que a gente comentou depois (...), porque eu tinha muita vontade de escrever sobre isso. Horas o carro parado e as pessoas, elas vão e elas recuam e elas investem de novo e recuam, porque é uma espécie de não conseguir chegar até lá para ver o que de

⁴ SANTOS, Francisco. *Ayrton Senna do Brasil*. 1994.

fato aconteceu. Não sei, a sensação que dá, de ver essa imagem várias vezes e aí várias vezes eu vi isso, porque daí essas 24 horas a Eurosport passou em cima disso. E imediatamente passamos para os outros canais para saber o que estava acontecendo e aí, bom, aí começou a chamada dentro dos outros canais também. Basicamente o evento maior do dia ficou esse (...) Nesse momento eu peguei (...) resolvi ligar, porque a coisa não se largava nem se mexia, eu resolvi ligar para o Brasil e porque a minha família é também super fissurada, para saber o que rolava de notícia no Brasil e (...) a minha irmã dizia que não sabia o que se passava e aí eu começava a dar o relato do que estava acontecendo aqui e aí eu sentia uma defasagem da notícia do Brasil para lá para nós (...) Aí desliguei. Vi que não adiantava, porque (...) estava recebendo melhor informação na França do que do Brasil e aí começou a retirada do helicóptero. Quando chega o helicóptero, quando vêm os caras, quando retiram e aquela sangüera toda... As imagens que eu tenho é a sangüera na pista. Bom, e aí, indo um pouco mais adiante na imagem televisiva propriamente dita, quando eu vi aquele monte de sangue eu disse: - 'Deu'. Sabe, eu comecei a pensar quando eu fiz dois anos de enfermagem, eu comecei a pensar na quantidade de sangue que nós temos no corpo, eu disse: - 'Deu'. (...) Bom, e aquela retirada que a gente não vê direito, todas as coisas (...) Então, foi uma coisa assim, como é que eu vou te dizer? Bom, a reação na sala foi impressionante. A Soninha dizia: - 'Não é possível, não é possível, não é possível. Não, mas não...', mais ou menos assim, - 'mas não é verdade, não, mas foi só uma batidinha', entendeu? A minha filha em estado de choque dizia: - 'Não, não', porque a minha filha tinha uma idolatria pelo Senna, ela tinha coisas e coisas e coisas do Senna. E a minha filha em estado de choque dizendo, que não, que não era verdade, ao mesmo tempo, (...) - 'não, mas é muito sangue' e aí repetia, - 'mas olha lá a cabeça e olha lá' e ela começava a se dar conta pelos detalhes que a coisa era grave, mas a Soninha dizia: - 'Não, mas não é possível'. Ela ficou em estado de choque. Ela: - 'não é possível, não é possível'. E eu olhava; eu dizia: - 'Não, isso é um pesadelo', a reação: - 'Isso é um pesadelo criatura'. Eu dizia: - 'Mas não é possível' (...) e repetia aquela cena, (...) repetia, repetia. Eu disse: - 'Mas não, eu não acredito'. Bom, a partir dali... Eu não tive ataque de choro. A Soninha se despentelhou a chorar. A minha filha acho que talvez foi a primeira sensação de morte dela. Ironicamente foi quando nós voltamos da França perdemos um amigo, ela perdeu o avô dela. Mas a sensação que ela tinha era de morte de alguém muito próximo dela ..."⁵

*

"... quando ele morreu, lá na França, foi um choque. Eu chorei, chorei, chorei antes mesmo de anunciarem a morte dele, porque lá não tinham anunciado, ficaram enrolando, enrolando, enrolando até dizer que o cara tinha morrido e eu me lembro que eu chorava, mas eu chorava de soluçar. Eu nunca tinha chorado. Eu nunca tinha perdido alguém e para mim perder ele foi como perder alguém que eu convivia todos os

⁵ Ana Luíza Carvalho da Rocha (37 anos), antropóloga, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estava

dias. É como (...) perder uma amiga. Para mim foi bem isso. (...) Daí eu fiquei com o olho todo inchado. Fiquei uma monstra, assim, sabe? E a minha mãe não chorou nada. Só depois é que eu fiquei sabendo que ela chorava a tarde inteira quando eu ia para o colégio. Daí quando eu fui para o colégio eu me pintei, os olhos, porque estavam simplesmente horrorosos. Eu estava com duas bolotas, assim, em cada olho de tanto que tinha chorado e um monte de colega minha disse que tinha chorado, também. (...) só eu era brasileira ali. Então, bá, tinha umas gurias assim, que eram árabes, ou então francesas (...) tinha umas gurias que realmente choraram. Outras (...) - 'porque ele era um vagabundo, porque não sei o que', mas, bá!, geralmente, assim, as pessoas ficaram tristes..."⁶

*

"Olha eu nunca vi o Senna assim como um ídolo. É que eu nunca fui muito ligada em F-1 (...) Bá! eu via assim: 'Tomara que o Brasil ganhe' (...) Agora, quando (...) deu o acidente ali, aí eu não consegui nem acreditar (...) porque o Senna sempre foi o Senna. Incapaz de um acidente (...) Só que aí (...) anunciaram a morte dele. Aí eu fiquei chocada, apesar de não ter uma relação com a F-1. Aí eu não acreditava (...) Era como se tivesse sido um engano, sabe? Só que eu não chorei nem nada. As pessoas perto de mim ficaram muito mais comovidas do que eu (...) até porque eu tinha uma visão do Senna (...) Eu não considerava ele um ídolo. Eu achava ele uma pessoa muito..., achava ele tri fominha, muito. Ele ganhava ou ganhava. Se não ganhava também já se revoltava com o mundo. (...) Era essa a visão que eu tinha. Aí, depois, com a morte dele eu comecei a ver, porque aí eu acho que fizeram muita... Ah! eu não sei, eu acho que tudo bem, ele era um herói nacional, tudo, só que eu acho que eles ficaram Senna, Senna, Senna por muito tempo (...) Acho que as pessoas fizeram muito carnaval em cima, mas, tá, tudo bem (...) Aí eu comecei a ver as entrevistas dele e tudo e aí eu comecei a ver que, tá, de repente não era tudo aquilo, toda aquela imagem que eu fazia, não era tão... Aí eu comecei a achar ele mais simpático, mas foi só depois da morte dele que eu comecei a ver mais esse lado dele, mais humano (...) Eu não chorei, não. Eu senti a morte dele, não posso dizer que não..."⁷

*

na França (1990-1994), para o doutoramento. Depoimento à autora em Florianópolis, 07/12/95.

⁶ Camila Carvalho da Rocha (15 anos), estudante, filha de Ana Luíza acima, estava na França com a mãe quando Senna morreu. Depoimento, durante visita à Florianópolis, na casa de uns amigos da autora, na praia do Campeche, 17/12/95.

⁷ Bianca Hort (16 anos), estudante, amiga de Camila, mora com a família em Porto Alegre (RS), onde estava quando Senna morreu. Concordou com o depoimento à autora paralelo ao da amiga Camila.

Senna não morreu uma, mas muitas vezes e a cada morte parecia mais vivo. A cada repetição, a corrida (o entretenimento) perdia velocidade e o choque (a notícia) adquiria força. Ou, talvez, melhor, numa inversão, a corrida transformada em notícia e o choque em entretenimento. Repetição lida aqui diferentemente de banalização, ao contrário de como quereria Theodor Adorno e Max Horkheimer⁸, daquilo que produzido ou reproduzido em larga escala pela chamada “*indústria cultural*” e vastamente consumido por um público tido, então, homoganeamente, se naturalizaria e portanto, desvalorizaria; mas positivamente, como aquilo que se intensifica e potencializa na possibilidade de múltiplas interpretações ou resignificações.

Uma estética da “*serialidade*”⁹, de alguma coisa que se apresenta como diferente, quando o que se tem é o sempre igual, o mesmo, com mínimas/pequenas variações. O tema (a morte de Senna) é mantido e as imagens são basicamente as mesmas, o que variam são os modos como ela é mostrada e pode ser vista - experienciada.

Falar cada vez menos do mundo exterior e mais de si mesma e do contato que estabelece com seu público é a principal característica de uma invenção televisiva apontada por Umberto Eco¹⁰: a Neotevê. Manter a atenção do espectador, entretê-lo, assiná-la o autor.

Entreter o espectador, mantê-lo “*ligado*”, dar-lhe a dimensão de sua presença, envolvê-lo; emocioná-lo. Houve quem me dissesse que “*na hora em que soube da morte de Senna, pouco depois do acidente, não dei importância, mas no final do*

⁸ HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. “*A indústria cultural*”. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. 1978. p. 159-204.

⁹ ECO, Umberto. “*A inovação do seriado*”. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. 1989.

¹⁰ ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 1984. p. 182-183.

dia, depois de ter acompanhado a sua cobertura durante a programação da TV, estava chorando”¹¹.

Contada e recontada inúmeras vezes e de muitos modos, privilegiada (em detrimento de outros acontecimentos, questionada (quanto às suas “*verdadeiras*” causas), comentada (sobre ser ou não “*justa*”), a morte de Senna rompeu com uma dicotomia tradicional da teoria da comunicação, entre informação e ficção¹². Enquanto informação não se contestou a morte, contudo, a recorrência às imagens, o emprego de recursos e artifícios teletecnológicos, concederam à cobertura um caráter dramático, espetacular, assim como às manifestações posteriores.

A morte transformada em espetáculo. Ainda que um espetáculo macabro, com um viés ressuscitador¹³. “*Macabro*” tamanho o investimento e a recorrência à morte, enquanto tema, quase sem cortes, cujo contraponto é a revitalização do morto, mesmo que seja para morrer de novo, e de novo, e de novo... No entanto, a definição de “*macabro*”, enquanto representação realista da morte, empregada por Philippe Ariès em seu *Homem diante da morte*¹⁴, aqui não se cumpre completamente, uma vez esse componente é suavizado, quase maquiado, pelos efeitos assépticos do olhar da câmara.

Morte dramatizada, estetizada. Fonte de emotividade, de sentimentos intensos, de prazer. A morte assim experienciada à distância, da poltrona, é higiênica, quase “*inocente*”, porque se não cúmplices, nos torna, enquanto espectadores, telespectadores, suas testemunhas oculares. Ao mesmo tempo que confere poder

¹¹ Aluna do curso de Comunicação Social/Jornalismo (UFSC), durante uma das palestras sobre o Projeto de Pesquisa de Dissertação de Mestrado desta autora, em 1995.

¹² ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Op. cit. p. 183-186.

¹³ Como nas seqüências (8) dos filmes *Sexta-feira 13* (Rob Hedden, 1980-89), onde a personagem assassina, Jason, oculta por uma máscara, que não permite conhecer sua “*real identidade*”, resiste às tentativas de eliminação, assombrando os telespectadores por incansáveis duas horas de projeção, e, como se não bastasse, retornando num episódio-continuação.

para quem produziu as imagens (afinal, esteve lá, as viu e as registrou), o divide com quem as assistiu, o espectador (que detém agora um conhecimento extra, uma familiaridade, uma intimidade com o ocorrido, sobre quem não as assistiu, ou as assistiu menos vezes). A repetição, parece reforçar esse poder.

Enquanto entretenimento a morte de Senna poderia ser comparada a de um videogame - uma morte imediata, continuada, quase limpa, sem dor ou sofrimento aparentes - durante uma disputa entre dois “inimigos” (com Schumacher, da Benetton, na condição de piloto adversário). Para o espectador, torna-se quase impossível não se envolver com a derrota, do “herói”, no caso aqui interpretado pelo tricampeão, ou ainda, ignorar a suposta sensação de um impacto contra um paredão de concreto à cerca de 300Km/h. Convém lembrar uma matéria da *FSP*¹⁵, posterior ao acidente com Senna, que revela a prática de garotos adolescentes que buscam reproduzir em seus videogames, através de jogos já existentes (o mais locado então era o *Ayrton Senna's Super Mônaco GP 2*), a experiência vivida através das imagens do acidente do piloto. Para Rodrigo L. de Souza (13 anos):
“*Você se sente desesperado. Você se vê nele (Senna), dentro do carro a 320 km/h*”.

Da mesma forma, o carro que entra reto na curva e se arrebenta no muro (primeiro em velocidade normal, depois em câmara lenta) não difere muito das imagens de uma “*video-cassetada*”¹⁶, ou de programas cuja atração principal são os flagrantes de acidentes esportivos, ou os erros cometidos tanto por personalidades da mídia quanto por indivíduos anônimos. É o caso também do quadro “*Falha Nossa*”, do programa “*Vídeo Show*”, da Rede Globo, onde são anunciados e exibidos “*erros e*

¹⁴ ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. 1981. p. 118.

¹⁵ *FSP*. Cad. cotidiano. 22/05/94.

¹⁶ Numa coincidência um tanto quanto tragicômica, ao anúncio da morte de Senna segue-se o *Domingão do Faustão*, na *Globo*, cujo um dos primeiros quadros, da abertura, é justamente o das “*video-cassetadas*” e que “*ao saber da morte de Senna (o apresentador), decidiu mudar tudo em seu programa: ‘Tirei mais de uma hora e meia de brincadeiras e quadros engraçados do ar’*” (*Veja (Edição Extra)*, 03/05/94, n. 8. p. 51).

curiosidades” cometidos durante as gravações da programação. Mais recentemente, sob o título “*Caught on camera*”, o anúncio em um canal de TV por assinaturas, oferece imagens em fitas de vídeo, de desastres e catástrofes, pelo correio.

Personagem e nave retornam íntegros, ilesos, como nos desenhos animados ou nos quadrinhos. O piloto, invisível em seu macacão, imerso em seu bólido, o muro impassível, o capacete que pende lento para a esquerda, num gesto involuntário; como um “*dummy*”, numa simulação.

O carro bate e bate novamente e a cada choque, a cada destroço ele retorna à forma original. Como um brinquedo, um carro “*transformer*” ou um “*bate-e-volta*”. Essas podem ser outras leituras possíveis permitidas pelas imagens veiculadas.

Norbert Elias e Eric Dunning, comentados por J. Sérgio Leite Lopes¹⁷, numa reflexão sobre a relação entre esporte e violência, seguem com Aristóteles sobre a importância dos espetáculos dramáticos ou esportivos, por seus efeitos “*catárticos*”, “*curativos*” enquanto excitantes, agradáveis e prazerosos porque simulados.

“... o prazer da prática ou do espetáculo esportivo deve-se não ao descanso e ao relaxamento, proporcionados por uma situação de lazer (entendida no senso comum sociológico como complementar e antitética ao trabalho), mas à excitação e à tensão produzidas pelo enfrentamento individual ou coletivo de corpos, pela excitação agradável do simulacro dos enfrentamentos guerreiros violentos, porém com respeito à vida.”¹⁸

Na estetização da morte, do terror; na espetacularização da violência da “*vida real*” ou na ludicidade das imagens, aquilo que Eugênio Bucci¹⁹ chama de “*efeito Leo*”

¹⁷ LOPES, J. Sérgio Leite. “*Esporte, emoção e conflito social*”. *Mana: Estudos de Antropologia Social*. 1995. p. 154-155.

¹⁸ LOPES, J. Sérgio Leite. Op. cit. p. 155.

¹⁹ BUCCI, Eugênio. “*O fator Leo Minosa: ou uma das possibilidades de violência nos meios de comunicação*”. *Imagens*. 1994.

Minosa". Emprestando o nome de uma personagem de um filme de Hollywood, "*A montanha dos sete abutres*" (1951), do diretor Billy Wilder. O filme retrata a transformação de um acidente (com a personagem citada) em atração, entretenimento. O resultado, a transformação da tragédia em espetáculo, revela uma relação de cumplicidade entre os meios de comunicação e a expectativa, o desejo do público.

Desejo inconfessável? Prazer pelo mórbido? A morte, o sofrimento alheio: distanciamento/estranhamento com relação a própria morte? aproximação/preparação para o irremediável, o inevitável? Simulação e realidade se confundem.

Estetização do cotidiano. "*Fantástico: o show da vida*" é mais que o nome de um programa de domingo à noite na *Globo*. Imitar a arte, imitar a vida. Vida e Arte. "*Estetização da vida cotidiana*"²⁰. Fronteiras rompidas, desaurificação, dessacralização e reconceitualização; expansão, alargamento para o mundo e identificação da obra de arte com as coisas mundanas. Primeiro foram os dadaístas, surrealistas e demais vanguardas históricas durante a Primeira Guerra Mundial, depois a arte pós-moderna na década de 60.

Vida em Arte. Descoberta e exploração do "eu". Criadores, construtores, artistas de "nós mesmos", vida transformada em arte. Rompidos os limites, as fronteiras, a arte que se degrada, que se recicla, que se transforma em outra e diferente coisa. Lançado, resvalado, largado na pista, Senna não é um produto retornável, nem reaproveitável (ele não será mais o mesmo ou poderá ser reutilizado do mesmo modo), mas reciclável, reinterpretável.

²⁰ FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. 1995.

Estetização da vida cotidiana. Opera-se o terceiro sentido de Mike Featherstone, do *“fluxo veloz de signos e imagens que saturam a trama da vida cotidiana na sociedade contemporânea”*²¹

A câmara invade o mundo, mas também a vida invade a tela, seqüestra o olhar, a câmara, domina os códigos, como o office-boy Elieu Paim (19 anos)²², que afirma fazer *“de tudo para aparecer”* diante das câmaras dos noticiários, como procurar estar presente em cenas de acidentes, roubos, manifestações; inventando histórias, passando-se por testemunha, candidatando-se a refém, criando suas próprias cenas.

Ensenação

Morte real, emoções reais, sentimentos reais; mais que reais, hiper-reais. Cenas são Sennas, quadro-a-quadro, incansáveis vezes. A morte na tela é *“mais forte”*, é *“mais morte”*. A morte na cara, diante dos olhos, é explícita. Não há metáforas ou a metáfora aqui seria fazer de conta que não é *“verdadeira”*, que não é *“real”*, quando *“é”*? Para Baudrillard²³, a simulação está, em *“falsear”* o *“verdadeiro”*, em *“imaginar”* o *“real”*. *“Falso”*, *“imaginário”*. A morte simulada não é menos morte, Senna não é menos Senna, mas os precedem, antecedem, antecipando-se às avessas, tornando-se a sua própria referência, num sentido quase inverso, ou num jogo de espelhos que confundem imagem e modelo²⁴.

²¹ FEATHERSTONE, Mike. Op. cit. p. 100.

²² Em entrevista no *Jô Soares onze e meia* de 18/12/96.

²³ BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. 1991.

²⁴ Isso me faz lembrar uma das imagens mais marcantes do campo: a de torcedores, no GP do Brasil/95, acompanhando a corrida por aparelhos de TV, enquanto a corrida acontecia à sua frente. Sob uma jaqueta, três ou quatro deles, próximos de onde eu estava sentada, não pareciam se satisfazer, com a transmissão dos radinhos, mais comuns de serem percebidos. Os espectadores vizinhos conferiam com eles o que as imagens da arquibancada não ofereciam ou ofereciam de outro jeito. Aqui, o *“estar junto”* de Maffesoli, parece ser duplo ou triplamente exercitado, com a soma de toda aquela multidão aos demais espectadores, da telinha, como às vezes é chamada a televisão, e aos rádio-ouvintes.

“... essa homenagem vem do luto por esse herói nacional”: “Senna vai correr na Fórmula 1 do céu”²⁵. O acontecimento se confundiu às demais atrações da programação. Prolongou-se, estendeu-se²⁶.

“Circo da F-1”

F-1. “Esporte-performance”²⁷: modalidade com capacidade de transformação em espetáculo, show e que apresenta um alto risco à vida de seus participantes²⁸.

Câmaras posicionadas e imagens selecionadas levando-se em conta os momentos de dificuldade e os flagrantes da prova (largada, ultrapassagens, acidentes) a F-1 tem na morte, ou pelo menos no acidente, um dos pontos auge de seu espetáculo²⁹.

²⁵ Frases de Fausto Silva, *Domingão do Faustão* e de Celso Freitas, *Fantástico*, respectivamente, *Globo*, 01/05/94.

²⁶ Vindo logo a seguir ao anúncio da morte de Senna, o *Domingão do Faustão* atingiu 42 pontos de audiência, o seu maior índice junto ao Ibope. O apresentador Fausto Silva, parece ter sido o primeiro a fazer relação de Senna com o país, a nação, ao falar de Senna como “herói nacional”.

²⁷ TUBINO, Manoel. *O que é esporte*. 1994. p. 28-31.

²⁸ Ferimentos contra muretas ou barreiras comparáveis aos de acidentes aéreos: argumentando, segundo a revista *Incrível* (n. 22, jun., 1994. p.20-25), que a relação esporte/perigo só existe, à princípio, se descumpridas regras, regulamentos, arbitragem, equipamentos de segurança e preparo, o automobilismo aparece na lista de esportes considerados perigosos de dois especialistas na área esportiva: Salvador Soares, diretor da *Confederação Brasileira de Desportos Terrestres*, (1. automobilismo, 2. boxe, 3. vôo-livre, 4. motociclismo, 5. surfe) e Paulo E. da H. Matta, coordenador do *Curso de Graduação do Instituto de Educação Física da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)* (1. motociclismo, 2. automobilismo, 3. boxe, 4. mergulho de caça e de profundidade, 5. vôo-livre). A mesma revista publica que em 44 anos de F-1 em 1994, o número oficial de pilotos mortos durante provas ou treinos dessa categoria do automobilismo era de 48; mais que o dobro dos 23 que chegaram a conquistar títulos de campeão. Numa pesquisa do *Centro de Documentação e Informação de Seguros da França*, publicada no mesmo ano pela *Veja* (Edição Extra 03/04/94, n. 18, p. 42-45), o automobilismo aparece em 5º lugar na relação entre mortes e o número de praticantes na proporção de 1/5940, superado por vôo livre (1/93), alpinismo (1/590), ciclismo (1/1558) e motociclismo (1/2587) e seguido por boxe (1/6304), canoagem (1/17784) e rúgbi (1/21685). Numa outra publicação (“F-1: 45 anos”. *FSP*. Cad. Especial. 20/03/95, p. 7) nos 45 anos de F-1, o número de mortos, envolvendo treinos, corridas, pilotos, fiscais, mecânicos e espectadores sobe para 59 pessoas. Mais recentemente, o número de pilotos mortos no “esporte espetacular” F-1 (numa citação do programa homônimo, de 27/12/96, da *Globo*) sobe para 66.

²⁹ Segundo *Veja* (Edição Extra, 03/05/94, n. 18, p. 42-45), a audiência da *Globo*, pelo Ibope, durante a F-1, costumava ser de 30 pontos. Quando do acidente com Senna esse índice aumentou para 42. Mesmo considerando o destaque de Senna, lembro de ouvir, quando criança, os meus pais estranhando os comentários de um vizinho, amigo deles, sobre esse não perder as transmissões das corridas de F-1 pela TV por gostar de ver os acidentes fatais que na época, década de 70, eram mais frequentes. Um dia após a morte de Senna o *JB* (Cad. Esportes, p. 2) publica uma lista que revela que neste período e na década anterior, de 60, ocorreu o maior número de mortes na F-1: 11 e 10, respectivamente. Mais tarde, assistindo ao GP Brasil/95, pude observar que os momentos de aparente maior excitação do público, tanto nos treinos, quanto na prova, eram aqueles que antecediam a largada e as 4-5 primeiras voltas, quando são mais ou menos definidas as posições dos pilotos na corrida, mas também quando aumentam as chances de choque/acidente,

“*Por quê você acha que todo mundo quer ver as largadas (...) É para ver o circo pegar fogo mesmo*”, diz Nelson Piquet à *FSP* (04/05/94, cad. 4, p. 8), comentando o acidente com Senna, no mesmo dia e local que ele, sete anos antes, e a continuidade da periculosidade de circuitos e pistas, responsáveis pela “*graça*”, ainda segundo Piquet, da F-1.

“... *Em sã consciência, eu não consigo comparar Fórmula 1 com circo romano, não passa pela minha cabeça que alguém ligue a televisão ou vá lá para ver alguém morrer...*” é a opinião de Galvão Bueno, em julho de 1994, na *Playboy*.

Talvez, não o interesse direto pela tragédia só, especificamente, já que a televisão, o espetáculo televisivo, parece dar ao acidente, à morte, esse caráter de simulação, extraíndo-lhe um pouco o seu caráter real. Por outro lado, é bom lembrar, juntamente com Ivana Bentes³⁰, em seu artigo “*Aqui Agora: o cinema do submundo ou o tele-show da realidade*”, que a censura nas décadas de 60 e 70, na mídia procederam uma higienização da morte, da violência, do sexo, e de outros temas moralmente proibidos ou aterrorizantes etc, isentando os olhares da sua experiência. Talvez então, não por acaso, a F-1, cuja cobertura televisiva no Brasil se dá justamente da década de 70, acaba por oferecer um alvo, o qual se espia aquilo que é negado nas demais programações.

Já nos 80, com as diferentes aberturas, e nos 90 é o que se têm explodindo vigorosa e vibrantemente nas telas. Sem perder de vista o seu caráter sensacionalista, explorador da(s) emoção(ões) alheia(s) e expondo grupos sociais diferenciadamente,

freqüentes também nas ultrapassagens, nas entradas de curvas, nas trajetórias ou nos momentos considerados mais difíceis e perigosos da corrida; momentos em que a arquibancada, praticamente inteira, fica de pé, numa tentativa de poder ver melhor.

³⁰ BENTES, Ivana. “*Aqui Agora: o cinema do submundo ou o tele-show da realidade*”. *Imagens*. 1994. p. 44.

não se pode deixar de reconhecer a importância e eficiência dessa mesma exposição para alguns desses mesmos grupos, que encontram no elemento da exclusão (o *crime*, a *violência*, a *dor*, o *sofrimento*, o *aleijão*), o principal recurso articulador de uma maior visibilidade, adentrando espaços antes exclusivos às celebridades.

Sobre a audiência televisiva da F-1, *FSP* (31/05/94, cad. 4, p. 8) assinala, segundo dados do Data Ibope, que o pior índice observado (17 pontos), na capital paulista, das até então cinco provas realizadas naquele ano, foi o que se deu durante as transmissões do GP da Espanha. O mesmo jornal (28/03/95, cad. 1, p. 1 e 4) destaca também a queda de 45 (4,5 milhões de telespectadores), em 1994, para 29 pontos (2,9 milhões), em 1995, a audiência durante o GP do Brasil. O principal motivo, apontado pelo jornal, estaria relacionado à ausência de Senna, nas competições.

No entanto, outro dado é fornecido por outro caderno do mesmo veículo, *tv folha* (04/06/95, p. 14). Trata-se de uma elevação em 30% do “*público fiel da Indy*”, entre 1992, quando ainda era transmitida pela *Band*, posteriormente pela *Manchete*, até 1995, já transmitida pelo *SBT*. Portanto, se por um lado a audiência pode ter caído em função da perda do principal competidor brasileiro na F-1 (então reduzida a três pilotos), a elevação da audiência da Indy (onde o número era de sete brasileiros) implica num não desinteresse geral pelo automobilismo de risco. Tem-se que as disputas na Indy são consideradas mais imprevisíveis em função de um considerado maior equilíbrio entre as equipes e os acidentes, quando acontecem, com carros que podem chegar a mais ou menos 400km/h, não são menos espetaculares³¹.

Outra questão ainda, que indicaria uma não perda de interesse pela F-1 pós-Senna, é o de que, se por um lado diminuiu a sua audiência televisiva, por outro, em 1996,

³¹ Ver, por exemplo, o acidente com Emerson Fittipaldi, em 1996, em que ele fratura uma vértebra e tem o pulmão parcialmente paralisado após sua roda ser tocada pelo carro do piloto Greg Moore, rodar e se chocar de traseira contra o muro.

havia aumentado a venda em 23% dos ingressos para se assistir o GP do Brasil. Uma prova, que, em 1991, segundo *Manchete* (06/04/91, p. 13) registrava um público de aproximadamente 150 mil pessoas em *Interlagos*. Também se verificou uma procura pelas provas da Fórmula-Indy com a inauguração do primeiro circuito da categoria no Brasil, no autódromo Nelson Piquet, no Rio de Janeiro, naquele ano de 1996, conforme informa *FSP* (07/03/96, cad. 3, p. 10). Portanto, o que poderia estar havendo seria uma distribuição e uma especificidade dos interesses pelas categorias do automobilismo.

*

O “*circo*” remete ao lúdico, aos jogos, às brincadeiras, mas também à arena, ao palco, ao espaço seletivo e privilegiado de confrontos e embates públicos, alguns mortais. Jogos/exercícios de poder, de dominação. Dominar o(s) “*outro(s)*”, adversários ou “*feras*”, animais ou não. Universo do “*exótico*”, do “*raro*”, do “*excepcional*”³²; nômade, espetacular. Exposição ao mundo mágico, dos risos, dos riscos, das performances, da fantasia.

Equipamentos, máquinas, controles, imagens: a F-1 é o circo tecnológico. A *tourné*, o deslocamento terra-ar, via-satélite, por diferentes países, nações, culturas. Dados da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), sobre as transmissões de 1995, contabilizam uma audiência acumulada (envolvendo corridas e noticiários) de 45 bilhões de telespectadores da F-1, superior aos 32 bilhões da Copa do Mundo de 1994; envolvendo 201 países dos cinco continentes, número maior do que as 185 nações congregadas pela Organização das Nações Unidas (ONU)³³.

³² É a partir de características de “*excepcionalidade*” e “*genialidade*” que Senna é normalmente retratado no universo da F-1.

³³ *FSP*. 17/02/96, cad. 4, p. 2 e 31/03/96, cad. 4, p. 7.

Numa outra possibilidade, o “circo” é parque, de diversões, com seus brinquedos radicais de última geração, tematizado com o universo da fantasia, das alegorias, dos castelos, personagens encantados, príncipes e princesas e seus complementos...

Parece ser nesse espírito que a matéria especial do jornalista Sérgio da Costa Ramos para o *Diário Catarinense* (19/05/96, p. 71), apresenta a sede da quarta prova do campeonato de 1996:

“Mônaco não é bem um país. É uma rua. Uma Disneylândia empoleirada num penhasco, com vista para o porto e a bela marina, paraíso fiscal dos ricos e dos famosos, limitando-se ao norte com a França e ao sul com o Mediterrâneo”.

Continua mais adiante: *“A corrida monegasca não existe. É na verdade, uma disciplinada procissão de bólidos bem comportados. Um autorama sobre trilhos fixos, onde a ultrapassagem é quase impossível”.*

E foi nesse cenário que Senna se tornou uma das “principais” atrações após banhar, com champanhe, pela primeira vez na TV, a família real depois de sua primeira vitória (e a de um brasileiro) nesse GP, em 1987, iniciando aí a marca recorde de seis vitórias nesse circuito (87, 89, 90, 91, 92 e 93) e dando continuidade, assim parece, às histórias fabulosas de “Era uma vez...” na F-1.

...

1950. 13 de maio. Silverstone. Inglaterra. Grid de largada: Giuseppe Farina (Itália, Alfa Romeo 158, 1min50s8, pole position), Luigi Fagioli (Itália, Alfa Romeo 158, 1min51s0, Juan Manuel Fangio³⁴ (Argentina, Alfa Romeo 158, 1min51s0) e mais 18 outros corredores, na maioria europeus, pilotando Masseratis, Talbot-Lagos, ERAs e Altas. 70 voltas, 2h13min23s6. Farina é o primeiro colocado. 7 GPs (Inglaterra,

³⁴ Único piloto a ser pentacampeão de F-1, Fangio era também uma referência para Senna, preocupado com a superação de recordes.

Mônaco, 500 Milhas de Indianápolis, Suíça, Bélgica, França, Itália). Farina é também o vencedor do 1º Campeonato de F-1.

Circuitos (na maioria) de estradas e ruas, paralelepípedos, postes, árvores. Toucas de proteção, motor dianteiro, pneus estreitos, caixa de câmbio entre as pernas do piloto, cronometragem manual. Coroa de louros para o campeão e premiação diante dos boxes. Assim é descrito o início da F-1³⁵ como categoria profissional, considerada, então, a “*mais evoluída*” do automobilismo da época³⁶.

“... O francês François Cevert (...) sua morte, aos 29 anos, no GP dos EUA em 73, chocou o público (...) Roger Williamson morreu no GP da Holanda depois que seu carro pegou fogo (...) Karl Wendlinger, que sofreu acidente nos treinos do GP de Mônaco no ano passado, foi induzido ao coma para evitar danos cerebrais permanentes (...) Argentino foi primeira vítima: Onofre Marimori, da Masserati, morreu no GP da Alemanha de 1954 (...) 14 pessoas morreram no GP de Monza, em 1961. Além do piloto Wolfgang Von Trips 13 espectadores foram atingidos por sua Ferrari (...) Ronnie Peterson, da Lotus, morreu em consequência do acidente que aconteceu logo após a largada do GP da Itália, no circuito de Monza, antepenúltima prova de 78 (...) O último morto em consequência de acidente naquela década foi o italiano Ricardo Paletti (Oselva), na primeira volta do GP do Canadá (...) GP da Espanha de 1975. O carro de Rolf Stommelen matou cinco espectadores (...) Giuseppe Farina, o “Nino” (...) foi o primeiro piloto a provocar uma tragédia. Em 1953, sua Ferrari matou nove espectadores em um acidente ocorrido durante o GP da Argentina (...) canadense Gilles Villeneuve (...) destruiu sua Ferrari número 27 durante os treinos para o GP da Bélgica de 1983 no circuito de Zolder (...) chegou morto ao hospital (...) Stirling Moss era uma das promessas de sua geração. O inglês nunca ganhou um título, mas foi quatro vezes vice. Em 1962, após um acidente em que ficou preso nas ferragens de um Lotus, encerrou sua carreira (...) A morte de Ayrton Senna, em San Marino, aconteceu quando muitos pensavam que a F-1 já não era tão perigosa. Na véspera morreu Roland Ratzenberger...”³⁷

³⁵ Mais sobre a história da F-1 e do automobilismo em PANDINI, Luiz Alberto. “Fórmula 1, ano 45”. *Grid. Jun. 95, n. 8. p. 19-21.* RENDALL, Ivan. *Bandeira da vitória: história do automobilismo.* AutoSport; *A saga da Fórmula-1 (vídeo).* Publifolha; “F-1: 45 anos”. FSP. Cad. Especial. *Os grandes pilotos de todos os tempos.* 1974. 2 vol.

³⁶ PANDINI, Luiz Alberto. “Fórmula 1, ano 45”. *Grid. Jun. 95, n. 8. p. 19-21.*

³⁷ “F-1: 45 anos”. FSP. Cad. Especial. 20/03/95. 8 p.

A história oficial da F-1 é uma história de carros e pilotos, de acidentes e mortes. Dividida formalmente em 3 fases, a morte do “escocês voador”³⁸ Jim Clark, bicampeão (63 e 65/Lotus Climax), durante uma prova de Fórmula-2³⁹, em 1968, tido como o último “piloto cavalheiro”, marca o fim do chamado “período romântico” das corridas, com construtores como Enzo Ferrari, Bruce McLaren e Jack Brabham, experimentando ou pilotando seus próprios carros e afirma-se que corria-se por prazer e não por dinheiro. A década de 60 é “revolucionária”, no sentido das inovações da categoria, das regras e de uma reconceituação dos carros, quando, por exemplo, os pilotos assumem a postura/posição deitada no seu interior.

A fase seguinte, a do “Vesgo”, também escocês, Jackie Stewart, tricampeão (69/Matra Ford e 71 e 73/Tyrrell Ford), que deixaria as pistas “*porque havia perdido amigos demais*”⁴⁰ em acidentes da categoria, é também a “época dos patrocinadores”, dos chamados “carros-asa”⁴¹, da equipe Lotus e dos motores

³⁸ São comuns na F-1 os apelidos de acordo com as características atribuídas aos pilotos.

³⁹ Ou Fórmula 2000. Categoria considerada inferior principalmente em termos de potência de motores e de passagem para a F-1.

⁴⁰ Stewart continuaria como relações públicas e comentarista ligado a assuntos automobilísticos. (*Os grandes pilotos de todos os tempos*. Op. cit. p. 433). Em 1997 o ex-piloto retorna à F-1 estreando a Stewart Grand Prix Racing, sua própria equipe (“*O regresso de Stewart*”. *Fórmula 1: revista guia '96*. p. 5) e tendo como piloto contratado para o seu Stewart/Ford (o segundo nome se refere a marca do motor), o brasileiro Rubens Barrichello.

⁴¹ “*A grande mudança na maneira de dirigir veio em 77, 78 e 79, quando Colin Chapman iniciou a revolução do ‘efeito solo’ com a Lotus 78 e 79. Eu tenho que admitir que o período que se seguiu tornou necessários pilotos mais corajosos, até que o efeito-solo sem restrições fosse proibido na F-1 em 1982. você entrava nas curvas muito mais rápido que antes, mas ninguém esperava que você colocasse de lado um carro-asa. Foram os tempos das laterais deslizantes, as ‘minissaias’, que criavam uma área selada entre o fundo do carro e a pista. As saias se movimentavam para cima e para baixo, por dentro das laterais da carroceria. Um sistema de molas e roletas mantinha as saias pressionadas contra a superfície da pista o tempo todo e não havia vazamentos no vácuo que se criava embaixo do carro. Então, era necessário andar como se fosse sobre trilhos, porque os aerofólios, as asas dianteiras e a aerodinâmica que havia por baixo do carro deixariam de operar e se perderia quase toda a pressão se o carro estivesse de lado (...) Devido a toda a pressão e à sucção, havia muita carga aerodinâmica no eixo dianteiro e a direção era muito pesada. Os carros geravam tanta força para baixo e tinham uma baixa pressão tão fenomenal embaixo deles, que não havia maneira nenhuma de você sentir ou ser avisado quando o carro começava a derrapar. Quando você percebia, ele já tinha ido embora! (...) A diferença entre andar sobre trilhos sem problemas e voar para fora da pista era muito estreita.*” (FITTIPALDI, Emerson. *A arte de pilotar*. 1990. p. 32-34). Carros-asa; assim chamados por sua inspiração nas asas invertidas de um avião produziam o chamado efeito-solo, ou seja, produziam uma sucção capaz de “grudar” os carros no chão (“*A F 1 ficou mais perigosa*”. *JB*. 08/05/94, cad. Esportes, p. 30).

Ford. É ainda a época do “Rato”⁴², brasileiro, Emerson Fittipaldi (72/Lotus Ford, 74/McLaren Ford) e do “Computador”⁴³, austríaco, Niki Lauda⁴⁴ (75 e 77/Ferrari e 84/McLaren TAG Porsche Turbo). É desse período a criação da GPDA (*Grand Prix Drivers Association*/Associação dos Pilotos de Grandes Prêmios), entidade que marca o nível de profissionalização da categoria mas também a preocupação dos mesmos com as suas condições de segurança.

1972. Circuito de Interlagos. São Paulo. O Brasil entra para o “Circo”⁴⁵. Carlos Reutemann (Argentino, Brabham Ford) é o vencedor numa corrida que não contava pontos para o Campeonato daquele ano. 1973. Agora sim. Fittipaldi inaugura o marcador no País. 1978. O GP Brasil se muda para Jacarepaguá, Rio de Janeiro; depois, 1979, novamente, para Interlagos. 1981, de novo para Jacarepaguá, agora autódromo Nelson Piquet, retornando em 1990 para Interlagos, já Autódromo José Carlos Pace⁴⁶, permanecendo até hoje.

O período seguinte, da “Era Turbo”⁴⁷, é o de gerações de pilotos descendentes das escolas de kart, como Nelson Piquet, brasileiro, (81/Brabham Ford, 83/Brabham BMW Turbo e 87/Williams Honda Turbo) e Alain Prost, “o Professor”⁴⁸, francês, (85 e 86/McLaren TAG Porsche Turbo, 89/McLaren Honda e 93/Williams Renault).

⁴² Apelido da época, anos 60, em que corria em Interlagos com carros mexidos como um Karman Ghia com motor Porsche. “Emmo” é outro apelido com o qual também é reconhecido, principalmente nos Estados Unidos, no ambiente da Fórmula Indy (GUARACY, Thales. “A força eterna”. *Vip Exame*. Abr. 96. p. 70).

⁴³ Por sua imagem de eficácia (*A saga da Fórmula 1. Publifolha*).

⁴⁴ Lauda foi sobrevivente de um dos acidentes mais “espetaculares” do automobilismo. Sua Ferrari incendiou-se após chocar-se no GP Alemanha/76. Mesmo com o rosto marcado pelas queimaduras, que o levaram a várias cirurgias plásticas, Lauda retornou as pistas pelo título daquele ano, mas perdeu o campeonato e posteriormente deixou a F-1 como competidor.

⁴⁵ Tem início também no Brasil as transmissões das provas pela TV (“Pilotos ainda esperam por uma importante vitória”. *DC*. 05/05/96. p. 145).

⁴⁶ Piloto brasileiro de F-1, morto em acidente aéreo em 1978 (*Revista Guia'95: Fórmula 1*, p. 21).

⁴⁷ Turbo são motores desenvolvidos pela equipe Renault em 1977 que objetivam forçar o ar para o interior de cilindros através de um turbocompressor. Quanto maior essa entrada maior a pressão de combustão e maior a sua potência.

⁴⁸ “... por causa da ciência quase infalível adquirida com seu companheiro (Lauda)...” (*A saga da Formula 1. Op. cit.*).

Senna, “o Mágico”⁴⁹, pertence às gerações precoces do kart⁵⁰. O cenário das vitórias agora já inclui pódio para os três primeiros colocados e comemoração com champanhe. É desse período também a preocupação com o corpo dos pilotos.

O homem espetáculo

Nome: Ayrton Senna da Silva

Nascimento: 21/03/60

Naturalidade: São Paulo

Nacionalidade: Brasileiro

Filiação: Neide Senna e Milton Theodoro da Silva

Escolaridade: Superior, Administração, incompleta

...

Kart

1973 - estréia nas competições

1974 - campeão paulista, categoria júnior

1975 - vice-brasileiro, campeão Torneio Nacional Itacolomy, categoria júnior

1976 - campeão paulista, 3º no Brasileiro e campeão das “Três Horas de Kart”, categoria 100cc

1977 - campeão sul-americano, vice-brasileiro, vice-paulista e campeão das “Três Horas de Kart”, 1ª categoria

1978 - 6º no mundial, 4º no Japão, campeão brasileiro, vice-paulista e campeão das “Três Horas de Kart” e vice-campeão paulista, 1ª categoria

1979 - vice-mundial e vice-sul americano, 1ª categoria

1980 - campeão sul americano e brasileiro, vice-mundial, 1ª categoria

1981 - 4º no mundial de kart

F-Ford 1600cc

1981 - campeão inglês (12 vitórias, 13 poles, 8 melhores voltas)

F-Ford 2000cc

1982 - campeão europeu (9 provas, 6 vitórias, 13 poles e 15 melhores voltas)

F-3

1983 - campeão inglês (20 provas, 12 vitórias, 15 poles e 9 melhores voltas)

F-1

Primeira corrida: Brasil, 1984, Toleman/Hart

Primeira vitória no Brasil: 1991, McLaren/Honda

Melhor temporada: Tricampeão mundial, 1988, 1990, 1991

Equipes: Toleman (1984), Lotus (1985/86/87), McLaren (1988/89/90/91/92/93), Williams (1994)

GPs disputados: 161

Total pontos: 614

Voltas mais rápidas: 19

Vitórias: 41

Poles: 65

1984 - 9º no mundial

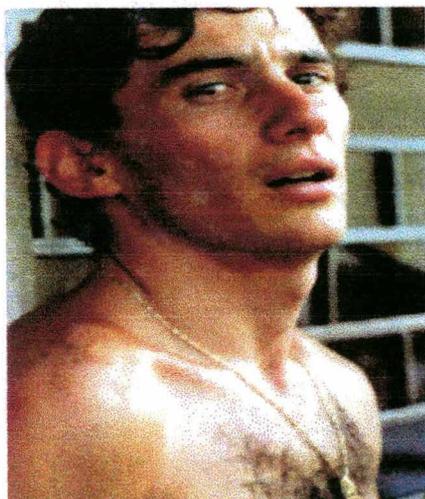
⁴⁹ “Automobilismo é velocidade. E velocidade é algo impressionante. Para você ter idéia, em Indianápolis, nas 500 Milhas, eu percorro um campo de futebol em um segundo. Dá para perceber o que é isso? Em três segundos, eu percorro três campos de futebol. Um grande piloto, então, tem que ser mágico. Ayrton era o mágico dos mágicos. Eu conversei algumas vezes com ele sobre esta questão. automobilismo é paixão, arte, intuição... É algo difícil de ser explicado. Magia é uma palavra adequada” (Emerson Fittipaldi em “Ayrton era um mágico”. FSP. Cad. 4/Esporte. 30/04/95. p. 11).

⁵⁰ “Com 3-4 anos alguns garotos não têm peso suficiente para manter o carro no chão”, me diz um pai-treinador numa incursão ao kartódromo de Florianópolis.

1985 - 4º no mundial, duas vitórias
1986 - 4º no mundial, duas vitórias
1987 - 3º no mundial, duas vitórias
1988 - campeão mundial, 8 vitórias
1989 - vice-campeão, 6 vitórias
1990 - campeão mundial, 6 vitórias
1991 - campeão mundial, 7 vitórias
1992 - 4º no mundial
1993 - vice-mundial⁵¹

O Corpo espetáculo

*“Um abismo tecnológico separa a Alfa Romeo com que Giuseppe Farina venceu o primeiro Mundial em 50 da Benetton de Michael Schumacher o apagado campeão de 94. Não foram apenas os carros que mudaram. Os pilotos se tornaram homogêneos, de estrutura física particular e coordenação motora adequada à velocidade dos videogames.”*⁵²



Idade: 34 anos; altura: 1,70m; peso: 70kg; braços: 34,6cm; antebraços: 32,4cm; tórax: 101,4cm; punhos: 17,04cm; coxas: 51,6cm; tornozelos: 22cm. Resistência: 4000m/14min.; batimento cardíaco (em repouso): 54/min.; consumo de oxigênio: 70ml/min; potência sexual: o dobro de um homem considerado comum⁵³.

Foto 9

Corpos em Senna. Imagens físicas. O corpo: base/suporte de outras imagens⁵⁴ ou corpos em si. O corpo aparentemente despido acima, carregado de conotações, de significados ou portador de códigos que lhe são próprios, expressão de si mesmo. Sua exposição física não implica em estar desprevenido ou desprovido de sentido,

⁵¹ *Jornal da Tarde*. 02/05/94, p. 10B, *JB*. 02/05/94, cad. Esp., p. 8 e a *A Notícia*. 02/05/94, p. 2.

⁵² MARIANTE, José Henrique. “Velocidade entra na era da linha de montagem”. “F-1: 45 anos”. *FSP*. Op. cit. p. 1.

⁵³ “Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”. *Quatro Rodas*. Mai., 95, p. 12-14.

⁵⁴ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. 1974, RODRIGUES, José Carlos. *Tabu de corpo*. 1975.

tampouco desprotegido. Sua aparente nudez ou seminudez não revela ou garante um corpo puro, ao natural. Suas medidas, seus desempenhos, constituem marcas, sinais que o vinculam a determinados contextos (esportivos, mas também políticos, econômicos, culturais, de gênero,...), que por serem igualmente dinâmicos e flúxicos (cujos limites/fronteiras não são fixos), o qualificam e o potencializam à incorporação/adesão de novos e distintos significados.

Imagens físicas. A construção das imagens passando também pela construção da(s) imagem(ns) física(s), de corpo(s) e, nesse sentido, Senna não foi sempre Senna. Um objeto privilegiado, objetivamente construído, trabalhado. Corpo pensado, envolvido em um projeto, contínuo, constante e inacabado. “... *eu sempre digo que faltavam exatamente, no meu ponto de vista, um ano e meio para ele atingir o esplendor, que seria aquela cara brilhante num nível espiritual fantasticamente elevado.*”⁵⁵ Um projeto frustado, interrompido pela Tamburello.

*“Pilotos ganham 4 kg em média, iludem pesagem oficial e emagrecem depois para ter vantagem (...) o repentino aumento de peso dos pilotos pode fazer com que a Federação Internacional de Automobilismo (FIA), órgão máximo do esporte, reveja seus procedimentos (...) diferentemente do ano passado - quando o regulamento dizia que o carro deveria pesar pelo menos 515 kg -, o mínimo é de 595 kg. Só que contabiliza também a massa do piloto (...) Em média, um piloto pesa cerca de 70 kg. A mudança do regulamento, então, promoveu um aumento de 10 kg para tornar os carros mais pesados, leia-se mais lentos (...) Assim começou a polêmica, já que muitos pilotos teriam engordado deliberadamente para a “pesagem oficial” para, com o passar do tempo, emagrecerem (...) Quem mais ganhou peso foi o alemão Michael Schumacher, que passou de 68 kg para 77 kg (...) Outros exemplos: Gerhard Berger, da Ferrari, que passou de 74 kg para 80 kg; Damon Hill, da Williams, que ganhou 5,5 kg; Mika Hakinen, da McLaren, somou 9 kg aos seus 66 kg anteriores.”*⁵⁶

⁵⁵ Nuno Cobra (58 anos), preparador de Senna, durante entrevista à autora em 18/01/96, na Nuno Cobra Consultoria, em São Paulo. Cobra se identifica como um preparador do corpo e não como preparador físico.

⁵⁶ MARIANTE, José Henrique. “F-1 até ‘engorda’ para burlar regra”. FSP. 28/03/95, cad. 4/Esporte, p. 1.

“ Para ser
o melhor, é preciso
abrir mão de
privilégios, como
mulheres, festas
e diversão.
O corpo tem que
estar preparado
para atender
às exigências
da mente ”

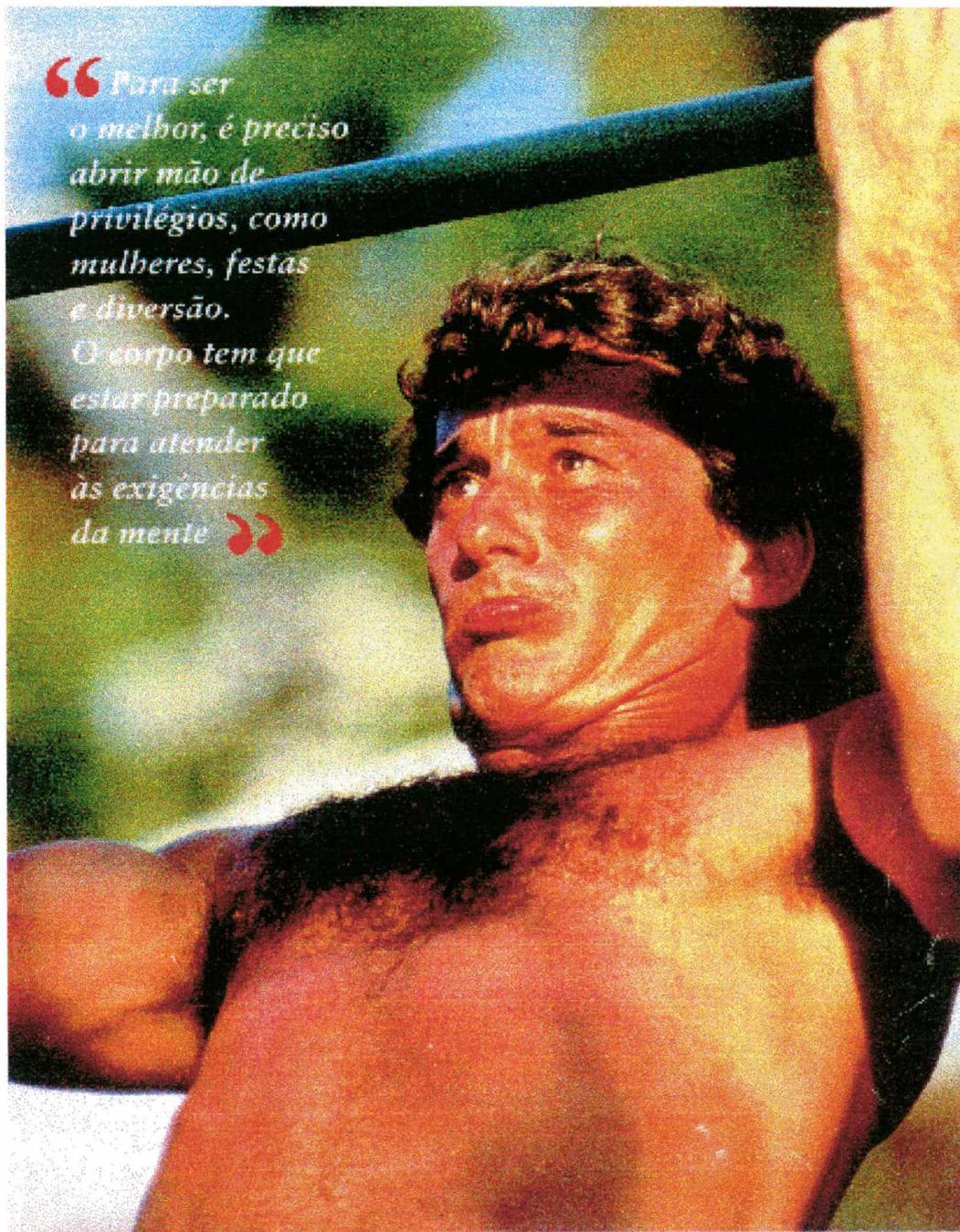


Foto 10

Barras, abdominais, musculação, massagens. O corpo que corre, alonga, ergue. Senna foi modelado. Seu corpo obedece a um projeto que prevê “força”, “resistência”, “reflexos”, “coordenação”. A ele foram anexados “frieza”, “cálculo”, “rebeldia”, “ousadia”, “coragem”, “seriedade”, “obstinação”,

“determinação”, “agressividade”, “perseverança”, “raciocínio”, “equilíbrio”, “abstinência”, “recusa”, “controle”...⁵⁷; atributos e condutas considerados masculinos, importantes no universo automobilístico. Trata-se de um corpo “econômico”, “proporcionado”, “sem excessos”. Sua performance, seu desempenho, estão relacionados às exigências da máquina, do carro, do fórmula 1.



Foto 11

O corpo penetra a máquina, mas antes terá penetrado seu uniforme.

Terá vestido macacão, capacete; calçado sapatilhas e luvas.

O corpo agora é nave.

Assim, involucrado, o corpo segue contornos, retas;

outras naves, outros corpos, o seguem,

surgem à sua frente ou nas laterais.

O ritmo do corpo acelera,

a excitação aumenta.

O transe (a transa): vertigem.

O corpo cruza a reta de chegada.

O corpo que explode em imagens no vídeo, diante das câmaras, é um corpo “arrojado”, “destemido”⁵⁸, mas também é um corpo “sensual”, “sexual”, senão qual a finalidade em se conhecer sua potência sexual, do interesse pelas mulheres com quem se relacionou, de suas alegadas paternidades, ou de sua suposta homoeroticidade? A 300Km/h e uma potência de 800cv: homem e máquina. Performance, desempenho. A associação com o ato sexual é quase explícita, num “processo de dessimbolização”, conforme chama atenção Massimo Canevacci⁵⁹, do vídeo-scape.

⁵⁷ Conforme Senna é retratado nas várias fontes consultadas (ver, por exemplo, *JB*, 02/05/94, p. 8 e “*Ayrton Senna para sempre*”. *Quatro Rodas*. Op. cit.)

⁵⁸ LIMA, Edvaldo Pereira. *Ayrton Senna: guerreiro de aquário*. 1995. p. 117.

⁵⁹ CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. 1990.

“Lá na frente do ‘grid’ Ayrton Senna, encabeçando a coluna de carros à direita, estava botando potência em seu Marlboro McLaren Honda. Alain Prost, encabeçando a coluna esquerda, botava potência em sua Ferrari. A potência de Senna era tão enorme, tão súbita, que a McLaren moveu-se em direção ao centro da pista sob seu ímpeto.”⁶⁰

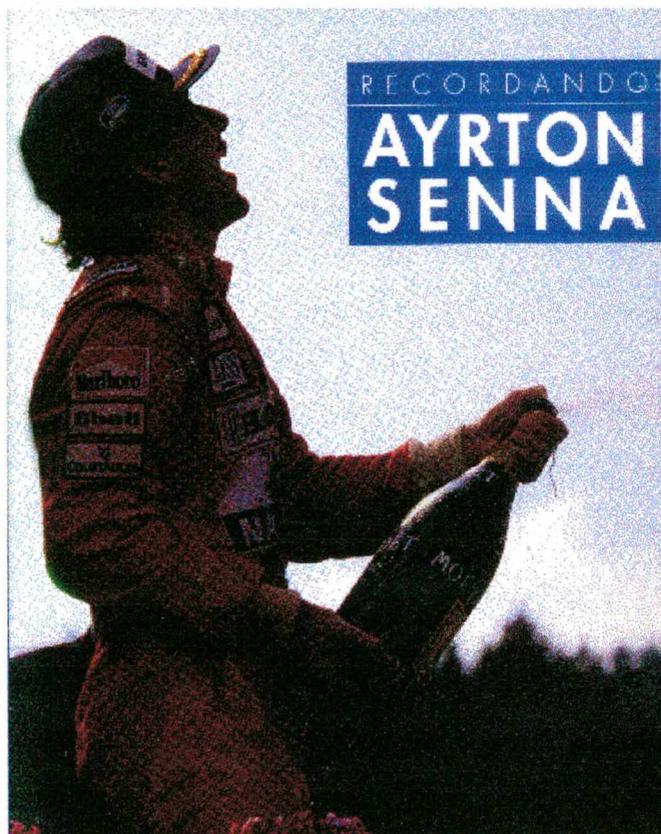


Foto 12

Homem-máquina. *“Dominar a máquina”* (numa expressão nativa): um gesto quase masturbatório onde a máquina torna-se falo nas mãos do piloto. A simulação da própria sexualidade atinge o auge no pódio, com o jorro de champanhe, o gozo masculino tornado público.

“Por um instante instintivo ele ficou de pé, ao lado da carcaça daquilo que, oito segundos antes, fora uma linda e tenaz máquina de corrida, custando vários milhões de dólares; enquanto Prost ficava parado Senna começou a sair da McLaren, restando apenas uma quantidade da névoa suficiente para envolvê-lo, apenas

⁶⁰ HILTON, Christopher. Op. cit. p. 1. Descrição do autor da largada do GP do Japão, de 21/10/94.

o suficiente para apresentá-lo como uma aparição, ao invés de um homem de estatura mediana num capacete amarelo-espanto e macacão vermelho-sangue à prova de fogo.”⁶¹

Corpo “perfeito”, “heróico”, “valente”, “corajoso”, “destemido”, “arrojado”... - as expressões que o definem nas diversas fontes consultadas. Herdeiro do que Norbert Elias⁶² chama de “processo de civilização”, que encontrou ou que fez do desporto um modo/uma forma de controle das atividades de lazer, dos passatempos, das práticas de violência e, assim, do aproveitamento de energias físicas.

Vice-



Foto 13

⁶¹ HILTON, Christopher. Op. cit. p. 2.

⁶² ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. 1992.

A imagem mais forte de Senna. O corpo do tricampeão é vermelho e vermelho é simbolicamente a cor do poder⁶³. Quando claro, é masculino, ativo, forte, sedutor, provocativo. A sua combinação com o branco (a combinação da McLaren) em algumas culturas, como a romana, conota sabedoria e conquista, justiça e força. No Japão o vermelho é uma cor tradicionalmente usada quase que exclusivamente pelas mulheres e simboliza sinceridade, felicidade. Quando empregada pelos homens, principalmente antes das batalhas, queria dizer fidelidade à pátria.

Coincidência ou não, uma vez que uma afirmação mais segura exigiria um estudo mais profundo sobre a simbologia cultural das cores, Senna tem no Japão⁶⁴, o país dos motores Honda, com que corriam as McLarens - e que combina o vermelho e o branco em sua bandeira -, a sua segunda maior torcida, constituída fortemente por mulheres⁶⁵.

Capacete amarelo, o ouro, a luz, a cor dos deuses e igualmente masculino, sobressai-se, ainda que cortado pelo verde (da esperança, da natureza, da essência, da vida) e pelo preto (a conjugação de todas as cores e, portanto, de todas as forças e energias). O capacete protege o guerreiro durante a luta, o defende, mas também o invisibiliza. É símbolo de potência - é glândula.

⁶³ CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 1988.

⁶⁴ "Eles são tão fanáticos, esses japoneses, que vêm; eles trazem até vidrinho para pegar a terra (do cemitério onde Senna está sepultado) de recordação". Na ocasião em que conversei com Adilson, da TAS, no início de 96, esse me disse que o último grupo organizado de japoneses havia vindo em maio passado, no aniversário de 1 ano da morte de Senna e que para aquele ano, estavam sendo esperados cerca de mais 200 pessoas. Adilson se refere a esse tipo de visitante como turista o que faz de Senna um tema turístico. Sede da torcida, cemitério, escola onde Senna estudou, vista do prédio das empresas Senna dentre outros pontos anunciados como percorridos por Senna entraram para o que através na mídia ficou conhecido como *Senna tour*.

⁶⁵ Segundo o presidente da TAS, enquanto o número de associados e visitantes brasileiros da TAS (de todos os estados do País) é predominantemente masculino, de 1000 e 1200 japoneses que já passaram pela sede da Torcida, 1100 são mulheres.



Foto 14

De terno e gravata o “bem sucedido homem de negócios”: da *Driven to Perfeccion*, sua marca.



foto 15



Foto 16



Foto 17



Foto 18



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 22

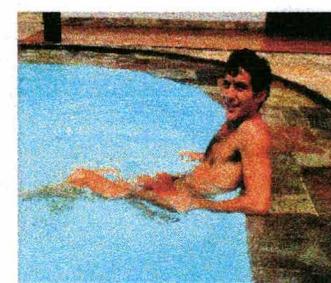


Foto 23

De bicicleta, moto, automóvel, helicóptero ou a jato. De tênis, short e camiseta, o corpo pilota aeromodelo e lancha. De sunga, o corpo *jet-skia*. O brilho molhado da piscina sobre a pele bronzeada. Eis o corpo do lazer.

As imagens invadem o mundo privado, o contaminam⁶⁶. Senna era ou não era “gay”⁶⁷? Não importa. Importa pensar porque não podia ser. “*A ofensa a um ídolo*

⁶⁶ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. 1993.

⁶⁷ - “Você quer saber da história direitinho como é que foi?” Pergunta Piquet em entrevista já mencionada antes. - “Gostaria.” Respondo. Ele continua: - “... o seguinte: o Senna veio para a F-1, ele passou dois anos e meio, ficou dentro da F-1. Então, um rapaz que parecia ser muito efeminado, era amigo dele. Bom, todo mundo na F-1 começou a comentar. O seu Galvão Bueno, que era muito amigo da família, reuniu a família, isso aí na Espanha (...) mandaram o menino embora, contrataram uma menina (...), uma menina de Nova York, brasileira, uma modelo, baixinha, bonitinha. E ele começou a apresentar a menina como namorada. E aí começou aquela confusão (...) isso, aquilo. Nesse ano eu ganhei o campeonato do mundo, a

nacional não podia ser tolerada”, é a justificativa de José Carlos Martinez, presidente da CNT, em *O Estado de S. Paulo* (19/11/94), ao demitir o apresentador Clodovil, por este perguntar, à Galisteu, em seu programa, se Senna era homossexual. “*Eu só acho que um homossexual sentado num cockpit é meio complicado, correndo a 300Km/h. Deve preferir correr num Porsche, com a capota aberta a tantos por hora*”⁶⁸, me responderia a mesma Galisteu durante entrevista.

No universo da F-1 o “*feminino*” é sinônimo de “*fragilidade*”. Não há vantagens em ser “*delicado*”, “*sensível*”, “*emotivo*”, “*gentil*”... Como se determinados atributos fossem exclusivos desse ou daquele gênero, ou como se esses tivessem menos valor que aqueles. A “*competitividade*” está associada à “*agressividade*” e tornam-se valores predominantes. O “*risco*” uma condição “*essencial*”.

*“Acidentes são inesperados e indesejados, mas fazem parte da vida. No momento em que você se sente num carro de corrida e está competindo para vencer; o segundo, o terceiro ou o quarto lugar não satisfazem. Ou você se compromete com o objetivo da vitória ou não. Isso quer dizer: ou você corre ou você não corre.”*⁶⁹

terceira vez, foi em 87. O Senna foi para o Brasil em fim de outubro, porque acabou o campeonato, e sumiu até março. Em março (...) os jornalistas (...) aí chegou outro dia lá fizeram a entrevista com Senna. Falou: ‘Por que você sumiu, toda a corrida que terminava vinha para o Brasil, dava entrevista coletiva...’ ‘Não, eu quis sumir, porque o Nelson foi campeão e eu queria dar espaço para ele. Por que se eu viesse para o Brasil não teria espaço para ele no jornal.’ E saiu bem grande no jornal e o jornalista (...), do Jornal do Brasil, veio prá mim e: ‘E aí, o que você acha disso?’ E eu falei brincando, eu falei para ele: ‘Olha, ele teria que explicar por que ele passou dois anos sem mulher, aqui e agora (...) todo mundo falava (...) Majolie (Marjolie), era o nome da menina. Contrataram a menina para ficar companheira dele aqui. ‘Ele não (...) ele não gosta de mulher não? Ele não arranja mulher?’ Só isso. Aí, pronto. Aí, saiu em todos os jornais...”

⁶⁸ Diz Adriane Galisteu quando lhe pergunto sobre homoerotismo na F-1 em entrevista citada antes.

⁶⁹ Senna, em depoimento publicado na *Edição Extra de Veja*, de 03/05/94, p. 56.

versa.

Galisteu inverte Senna, desnuda-o.

Idade: 22 anos; altura: 1,74m; peso: 55Kg; busto: 92cm; quadris: 92cm; cintura: 63cm. Horas de sono: 8 a 10⁷⁰.

Senna é braços, pernas, coxas, nádegas, seios, boca, púbis. Senna é Galisteu “*nua*” na Grécia, “*terra dos deuses*”. Eis o corpo do prazer. O corpo, supostamente tocado por Senna, é recorde no Brasil e vende mais de um milhão de exemplares da revista Playboy de agosto de 1995⁷¹. Imagens vinculadas, corpos vinculados. Uma extensão de corpos, de imagens. A suposição da relação de ambos, do toque, a qualifica/especializa. O “*Príncipe*” (de Mônaco), como também era cognominado, está “*nu*”. A intimidade de Senna “*revelada*”. A profanação desse corpo, mas também a “*prova*” e “*preservação*” de sua suposta masculinidade.

“Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”⁷².

“Eu dizia em 60 que nós chegávamos ao cérebro pelo músculo e ao espírito pelo corpo (...) A gente trabalha num processo holístico que o corpo é uma coisa só. Eu trabalho dentro do corpo físico, instrumental (...) e o corpo espiritual. Esse é o conceito de corpo. Eu trabalho com o corpo, mas é esquisito falar que eu sou um preparador físico. Sou um preparador do corpo. O corpo é tudo”⁷³

Corpo holístico. Tentativa de reconciliação do piloto, em sua dimensão individualizada moderna com os aspectos sensíveis. Nos comentários de Cobra,

Foto 24

⁷⁰ “Revista da TV”. DC. 14/04/96, p. 5.

⁷¹ Segundo dados da própria revista.

⁷² “Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”. *Quatro Rodas*. Op. cit., capa.

⁷³ Nuno Cobra, idem acima.

Senna parecia conflitar entre essas duas possibilidades, prevalecendo, ainda assim, a lógica racionalizadora do primeiro sobre o segundo universo de possibilidades.

*“O Senna um dia estava aí, vamos dizer, eu estava na televisão, assistindo, sem querer eu olhei (...) de repente, fazendo uma piada, de capacete (...) Eu caí duro. Isso foi numa das últimas corridas de 93. Eu olhei, eu falei: ‘lá não está o Senna, está o Ayrton’. Então, começou a misturar as figuras, no finzinho. Infelizmente, não sei se ele pressentia qualquer coisa, o que que foi, mas ele começou a ficar mais meigo, mais carinhoso, mais doce. Está entendendo? Quer dizer, o Ayrton foi tomando conta da figura austera, rigorosa do Senna, que era um indivíduo, vamos dizer assim, ele não queria dar entrevista para ninguém, irritadiço, mau humorado, sobrecarregado de trabalho, preocupado, tenso, de tanta responsabilidade que tinha o Senna.”*⁷⁴

*“... O maior obstáculo. Tive que enfrentar milhões de obstáculos, sabe? Era mecânico (...) Diz ele (o mecânico) assim: ‘Mas para que que você quer o motorhome para fazer meditação? Mas para que meditação?’ Então, eu tive muita dificuldade”*⁷⁵

*

*“Bicampeão usa faquir hindu: (...) contratado pela Ferrari para cuidar da preparação física e psicológica de Michael Schumacher (...) seleciona mensagens e músicas relaxantes para o bicampeão mundial ouvir nas noites que precedem as corridas (...) Até mesmo a música ouvida pelos mecânicos ferraristas nos boxes, em geral sucessos pop foram trocadas por melodias hindus (...) Outra técnica que Schumacher está aprendendo com seu guru é uma nova forma de respiração, que teria o poder de diminuir a frequência cardíaca.”*⁷⁶

*

⁷⁴ Nuno Cobra, idem acima.

⁷⁵ Nuno Cobra, idem acima.

⁷⁶ *Folha de S. Paulo*. 09/03/96, cad. 3/Esporte, p. 6. Outro projeto de corpo importante de ser destacado aqui é o de Emerson Fittipaldi, que, aos 50 anos em 1996, dedica-se a uma combinação que envolve também aspectos não exclusivamente físicos, externos, mas que procura conciliar alimentação e preparação mental e espiritual. Avaliado em 1995, segundo *Vip* (abr., 1996, p. 68-73) a qualidade corporal de Fittipaldi equivaleria ao de um atleta olímpico de 28 anos. O que não apenas contribui para a mudança da imagem da Indy, de “*corrida dos vovôs*” remanescentes de outras fórmulas, e que já vinha se alterando com o ingresso de pilotos jovens na categoria, como modifica o próprio conceito de velhice e manutenção no esporte.

Corpo em movimento: fragmentado, multiplicado, potencializado, incompleto, inacabado. O corpo que emerge tematicamente à reflexão, tendo a ver com o que o historiador do corpo Jorge Crespo⁷⁷ chama de “*crise de civilização e de civilizações*”... Corpo que, aqui, imagetivamente, tende a subverter os controles disciplinadores, domesticadores das economias energéticas, instrumentalizadoras, extirpadoras de suas fontes de prazer.

Esporte espetáculo

Suspensão ativa computadorizada: manutenção do carro a uma altura constante do solo com aproveitamento da passagem de ar por cima e por baixo do carro, oferecendo garantia de aderência a altas velocidades, sem o qual, afirmam, os carros voariam, controle de tração, câmbios automáticos...⁷⁸. Capacetes sob medida, cintos de segurança...

“A equação que tornou a F 1 de 1994 mais perigosa do que a F 1 dos últimos 11 anos mistura excesso de velocidade e falta de tecnologia. É alimentada por uma teoria segundo a qual a redução da eficiência dos carros implica na redução de sua velocidade. Todas as vezes que as autoridades acham os carros muito rápidos ela produz uma nova regra capaz de reduzir sua estabilidade em curva. Os cartolas acham que andando em máquinas menos equilibradas os pilotos serão obrigados a reduzir a velocidade para não correr o risco de acidentes.

“... A F-1 era seguríssima até 1992. Tão segura que começou a ficar chata. Não havia acidentes graves nem ultrapassagens emocionantes. A Fisa (Federação Internacional de Automobilismo), decidiu então reduzir a largura dos pneus para diminuir a aderência das máquinas, sua estabilidade, e seu controle. Depois aboliu a eletrônica das suspensões e todo o mecanismo automático que pudesse ajudar os pilotos.”⁷⁹

⁷⁷ CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. 1990.

⁷⁸ “A F 1 ficou mais perigosa”. *Jornal do Brasil*. Op. cit., SANTOS, Francisco. “Nova era”. *Fórmula 1: revista guia*’95. p. 4-5.

⁷⁹ “A F 1 ficou mais perigosa”. *Jornal do Brasil*. Op. cit.

... motor traseiro de 3500cc (cilindradas), 800cv (cavalos de potência), capacidade para 200l de combustível, 515kg vazio, tecnologia aerodinâmica,...⁸⁰

*“Só que os motores continuaram cada vez mais potentes e os pilotos cada vez mais malucos. A velocidade continuou aumentando e os acidentes fatais não demoraram a acontecer.”*⁸¹

“O show deve continuar”⁸²

1996. 5 de maio. Autódromo Enzo e Dino Ferrari. Circuito de Imola. San Marino. Itália. Grid de largada: Michael Schumacher (Alemanha, Ferrari, 1:26.890, pole position), Damon Hill (Grã-Bretanha, Williams-Renault, 1:27.105), Jacques Villeneuve (Canadá, Williams-Renault, 1:27.220) e mais 18 outros corredores de diferentes outros países (França, Irlanda, Áustria, Finlândia, Brasil, Holanda, Japão, Portugal, Itália) pilotando McLarens, Tyrrells, Jordans, Saubers, Ligier-Mugens, Footworks, Minardis. 63 voltas, 1h35min26s156. Hill é o primeiro colocado. 16 GPs (Austrália, Brasil, Argentina, Nurburgring, San Marino, Mônaco, Espanha, Canadá, França, Inglaterra, Alemanha, Hungria, Bélgica, Itália, Portugal, Japão)⁸³. Hill é também o vencedor do 46º Campeonato Mundial de F-1.

*“Carros pesados, motores menos potentes”*⁸⁴. Circuitos planejados por computador. Motor de 3.000cc, 700cv, 340km/h, estudos para limitar os recursos aerodinâmicos, capacidade para 130/140 litros de combustível, 595kg incluindo o piloto. Roupas antifogo, cockpits⁸⁵ maiores com proteções laterais⁸⁶, cintos de segurança mais largos..., custo de mais ou menos US\$ 6 milhões/carro e de US\$

⁸⁰ “F-1: 45 anos”. *Folha de S. Paulo*. Op. cit. p. 5, “Grande Prêmio do Brasil”. *Programa Oficial*. Op. cit. p. 26-27, “Nova Era”. *Revista Guia’95*. p. 4-5.

⁸¹ “A F 1 ficou mais perigosa”. *JB*. Op. cit.

⁸² (*FSP*. 12/05/94, cad. 4, p. 7). Na frase de Berger, a síntese de sua continuidade na F-1, após a morte de seus amigos Senna e Ratzenberger, este último, austríaco como ele.

⁸³ “Grid de San Marino”. *FSP*. 05/05/96, cad. 4/Esporto, p. 3, “Tudo sobre o GP de San Marino”. *FSP*. 06/05/96, cad. 8/Esporto, p. 3, “16 GPs em 14 países.” *Racing*. p. 6.

⁸⁴ “F-1: 45 anos”. *FSP*. Op. cit. p. 5.

⁸⁵ Chamadas as “células de sobrevivência”, local do carro onde ficam acomodados os pilotos.

60 milhões/equipe. É a chamada “nova era”⁸⁷, a “da segurança”, diz-se, motivada pelos os acidentes e as mortes de 1994.

Os campeões mundiais **

1950 Giuseppe Farina	ITA	Alfa Romeo
1951 Juan Manuel Fangio	ARG	Alfa Romeo
1952 Alberto Ascari	ITA	Ferrari
1953 Alberto Ascari	ITA	Ferrari
1954 Juan Manuel Fangio	ARG	Mercedes-Maserati
1955 Juan Manuel Fangio	ARG	Mercedes
1956 Juan Manuel Fangio	ARG	Lancia-Ferrari
1957 Juan Manuel Fangio	ARG	Maserati
1958 Mike Hawthorn	ING	Ferrari
1959 Jack Brabham	AUS	Cooper Climax
1960 Jack Brabham	AUS	Cooper Climax
1961 Phil Hill	EUA	Ferrari
1962 Graham Hill	ING	BRM
1963 Jim Clark	ESC	Lotus Climax
1964 Holm Surtess	ING	Ferrari
1965 Jim Clark	ESC	Lotus Climax
1966 Jack Brabham	AUS	Brabham Repco
1967 Denis Hulme	NZL	Brabham Repco
1968 Graham Hill	ING	Lotus Ford
1969 Jackie Stewart	ESC	Matra Ford
1970 Jackie Stewart	ESC	Lotus Ford
1971 Jackie Stewart	ESC	Tyrrell Ford
1972 Emerson Fittipaldi	BRA	Lotus Ford
1973 Jackie Stewart	ESC	Tyrrell Ford
1974 Emerson Fittipaldi	BRA	McLaren Ford
1975 Niki Lauda	AUT	Ferrari
1976 James Hunt	ING	McLaren Ford
1977 Niki Lauda	AUT	Ferrari
1978 Mario Andretti	EUA	Lotus Ford
1979 Jody Scheckter	AFS	Ferrari
1980 Alan Jones	AUS	Williams Ford
1981 Nelson Piquet	BRA	Brabham Ford
1982 Keke Rosberg	FIN	Williams Ford
1983 Nelson Piquet	BRA	Brabham BMW Turbo
1984 Niki Lauda	AUT	McLaren TAG Porsche Turbo
1985 Alain Prost	FRA	McLaren TAG Porsche Turbo
1986 Alain Prost	FRA	McLaren TAG Porsche Turbo
1987 Nelson Piquet	BRA	Williams Honda Turbo
1988 Ayrton Senna	BRA	McLaren Honda
1989 Alain Prost	FRA	McLaren Honda
1990 Ayrton Senna	BRA	McLaren Honda
1991 Ayrton Senna	BRA	McLaren Honda
1992 Nigel Mansell	ING	Williams Renault
1993 Alain Prost	FRA	Williams Renault
1994 Michael Schumacher	ALE	Benetton Ford
1995 Michael Schumacher	ALE	Benetton Ford
Williams Renault	ING	Williams Renault

Victórias por piloto

Alain Prost (FRA)	51
Ayrton Senna (BRA)	41
Nigel Mansell (ING)	31
Jackie Stewart (ESC)	27
Jim Clark (ESC)	25
Niki Lauda (AUT)	25
Juan Manuel Fangio (ARG)	24
Nelson Piquet (BRA)	23
Michael Schumacher (ALE)	19

Victórias por equipe

Ferrari	104
McLaren	104
Williams	79
Lotus	83
Brabham	35
Benetton	26
Tyrrell	23
BRM	17

Pole positions por piloto

Ayrton Senna (BRA)	65
Jim Clark (ESC)	33
Alain Prost (FRA)	33
Nigel Mansell (ING)	32
Juan Manuel Fangio (ARG)	28
Niki Lauda (AUT)	24
Nelson Piquet (BRA)	24

Pole positions por equipe

Ferrari	113
Lotus	107
McLaren	79
Brabham	39
Renault	31
Tyrrell	14
Benetton	13

Pontos marcados por piloto

Alain Prost (FRA)	798,5
Ayrton Senna (BRA)	614
Nelson Piquet (BRA)	485,5
Nigel Mansell (ING)	482
Niki Lauda (AUT)	420,5
Jackie Stewart (ESC)	360
Gerhard Berger (AUT)	337
Carlos Reutemann (ARG)	310

Pontos marcados por equipe

McLaren	1905,5
Ferrari	1844,5
Williams	1506,5
Lotus	1350

GP's disputados

Riccardo Patrese (ITA)	256
Andrea de Cesaris (ITA)	208
Nelson Piquet (BRA)	204
Alain Prost (FRA)	199
Michele Alboreto (ITA)	194
Nigel Mansell (ING)	185
Gerhard Berger (AUT)	180

GP's disputados por equipe

Ferrari	537
Lotus	490
McLaren	410

Melhores voltas por piloto

Alain Prost (FRA)	41
Nigel Mansell (ING)	30
Jim Clark (ESC)	28
Niki Lauda (AUT)	25
Juan Manuel Fangio (ARG)	23
Nelson Piquet (BRA)	23
Michael Schumacher (ALE)	21
Stirling Moss (ING)	20

Melhores voltas por equipe

Ferrari	119
Williams	83
Lotus	71

Vencedores do GP Brasil

1973 Emerson Fittipaldi	BRA	Lotus
1974 Emerson Fittipaldi	BRA	Lotus
1975 José Carlos Pace	BRA	Brabham
1976 Niki Lauda	AUT	Ferrari
1977 Carlos Reutemann	ARG	Ferrari
1978 Carlos Reutemann	ARG	Ferrari
1979 Jacques Laffite	FRA	Ligier
1980 René Arnoux	FRA	Renault
1981 Carlos Reutemann	ARG	Williams
1982 Alain Prost	FRA	Renault
1983 Nelson Piquet	BRA	Brabham
1984 Alain Prost	FRA	McLaren
1985 Alain Prost	FRA	McLaren
1986 Nelson Piquet	BRA	Williams
1987 Alain Prost	FRA	McLaren
1988 Alain Prost	FRA	McLaren
1989 Nigel Mansell	ING	Ferrari
1990 Alain Prost	FRA	Ferrari
1991 Ayrton Senna	BRA	McLaren
1992 Nigel Mansell	ING	Williams
1993 Ayrton Senna	BRA	McLaren
1994 Michael Schumacher	ALE	Benetton
1995 Michael Schumacher	ALE	Benetton
1996 Damon Hill	ING	Williams

Victórias por pilotos no GP do Brasil

Alain Prost (FRA)	1
Carlos Reutemann (ARG)	1
Ayrton Senna (BRA)	1
Nelson Piquet (BRA)	1
Emerson Fittipaldi (BRA)	1
Nigel Mansell (ING)	1
Michael Schumacher (ALE)	1
José Carlos Pace (BRA)	1
Niki Lauda (AUT)	1
Jacques Laffite (FRA)	1
René Arnoux (FRA)	1

Victórias por equipe no GP do Brasil

McLaren	1
Ferrari	1
Williams	1
Brabham	1
Renault	1
Benetton	1
Lotus	1
Ligier	1

Victórias por país no GP do Brasil

França	1
Brasil	1
Argentina	1
Inglaterra	1
Alemanha	1
Austria	1

Os 10 maiores berços de pilotos da F-1

Inglaterra	134
Itália	73
França	64
Estados Unidos	46
Suécia	22
Brasil	19
Argentina	19
Bélgica	19
África do Sul	14
Austrália	12

Circuitos mundiais

Melbourne (AUS)	5,269km
Interlagos (BRA)	4,325km
Buenos Aires (ARG)	4,259km
Nurburgring (EUR)	4,542km
Imola (ITA)	4,922km
Monte Carlo (MON)	3,328km
Barcelona (ESP)	4,783km
Montréal (CAN)	4,430km
Hagen-Cours (FRA)	4,271km
Silverstone (ING)	5,057km
Hockenheim (ALE)	6,815km
Hungaroring (HUN)	3,968km
Spa-Francorchamps (BEL)	6,974km
Monza (ITA)	5,800km
Estoril (POR)	4,360km
Suzuka (JAP)	5,864km

Brasileiros na F-1

Piloto	GP's	1°	2°	3°	4°	5°	6°	PP	MV	MC
Ayrton Senna	161	41	23	16	7	6	3	65	19	19
Nelson Piquet	204	23	20	17	18	15	7	24	23	1°
Emerson Fittipaldi	144	14	13	8	9	5	8	6	6	1°
José Carlos Pace	72	1	3	2	5	3	2	1	5	1°
Rubens Barrichello	48	-	1	6	1	2	1	-	-	2°
Roberto Moreno	42	-	1	-	2	1	1	-	1	2°
Maurício Gugelmin	74	-	-	1	1	1	-	-	1	3°
Christian Fittipaldi	40	-	-	-	3	1	1	-	1	4°
Chico Landi	6	-	-	-	1	-	-	-	-	4°
Wilson Fittipaldi	36	-	-	-	-	1	1	-	-	5°
Hernando da Silva Ramos	7	-	-	-	-	1	-	-	-	5°
Chico Serra	18	-	-	-	-	-	1	-	-	6°
Ingo Hoffmann	3	-	-	-	-	-	-	-	-	7°
Raul Boesel	23	-	-	-	-	-	-	-	-	7°
Pedro Paulo Diniz	17	-	-	-	-	-	-	-	-	7°
Alex Dias Ribeiro	10	-	-	-	-	-	-	-	-	8°
Fritz D'Orsey	3	-	-	-	-	-	-	-	-	10°
Luiz Pereira Bueno	1	-	-	-	-	-	-	-	-	12°
Gino Bianco	4	-	-	-	-	-	-	-	-	18°

GP's: GP's disputados; 1°, 2°, 3°, 4°, 5°, 6°: vezes em que obteve cada uma dessas colocações; PP: pole positions; MV: melhores voltas; MC: melhor colocação em um GP

* Tabelas extraídas de Guia dos Circuitos. Publifolha. Op. cit., "F-1: 45 anos". Folha de S. Paulo. Op. cit., "Diário da Fórmula-1". Diário Catarinense. 31/03/96.

** Grifos meus.

86 "F-1: 45 anos". FSP. Op. cit., Guia dos Circuitos. Publifolha, 1996, Pole position: a revista do GP Brasil de Fórmula 1. 1995, Racing: guia da Fórmula 1. 1996.

Os gêneros do espetáculo

Maria Teresa de Filippis (ITA/1958), Divina Galica (ING/anos 70), Lella Lombardi (ITA/1974-1976), Desiré Wilson (AFS/anos 80), Giovanna Amati (ITA/1992)... “*Mulheres na pista*”⁸⁸. (Cuidado?) Assim, através de um trocadilho com um certo tom irônico e de advertência, é entitulado um resumo da participação feminina no automobilismo⁸⁹. “*Mulher ao volante, perigo constante...*”⁹⁰ é a frase atribuída à Ayrton Senna, num suposto comentário às tentativas de ingresso de Amati, com uma Brabham, na temporada de 1992.

“... Maria Teresa parou de correr em 59, mas ainda está ligada ao esporte através de uma associação de pilotos antigos (...), Lella (...) (que andava sempre nos últimos lugares) (...) venceu algumas corridas de Protótipos e manteve uma equipe de categorias turismo na Itália, até morrer de câncer no começo de 1992, aos 48 anos (...) tentaram disputar GPs oficiais, mas nunca se classificaram para largar: a inglesa Divina Galica, nos anos 70, a sul-africana Desiré Wilson, nos anos 80, e a italiana Giovanna Amati, que tentou três vezes com um Brabham em 1992 e depois foi substituída por Damon Hill. Entre todas, algo em comum.: os carros medíocres que tiveram nas mãos. Desiré, (...) merece um lugar na história, ao lado de Lella e Maria Teresa: (...), tornou-se bem ou mal, a única mulher a ganhar uma corrida de carros de F 1.”⁹¹

“É um esporte muito violento, sabe? (...) Eu comparo o automobilismo com o box. Já viu duas mulheres (...) luta de box? Não tem muito... Ainda mais junto com homem (...) pele com pele (...) batendo um no outro. Você está usando uma máquina muito perigosa, numa velocidade muito perigosa (...) Então, você está sempre ali, na beiradinha de acontecer alguma coisa (...) Então, não é um esporte... Bom, tem umas teimosas (...) São lentas (...) É a minha opinião. Deve ter alguma coisa aí na constituição dos dois que...”⁹²

“... é um mundo machista, prepotente, as mulheres não tem vez. Eu trabalhei com uma menina aqui que seria a mais talentosa piloto que eu já vi no mundo: Vanessa Chaves. Ela não teve chance, porque não teve patrocínio. Eles não acreditam na mulher e no Campeonato Brasileiro de Fórmula Ford ela foi pole com 40

⁸⁷ SANTOS, Francisco. “Em nome da segurança: nova era”. *Revista guia'95: Fórmula 1*. p. 4-5, “O negócio: fábricas ameaçam engolir times”. *F-1: 45 anos*. FSP. Cad. Especial. 20/03/95. p. 4.

⁸⁸ PANDINI, Luis Alberto. “Mulheres na pista”. *Grid: a revista da velocidade*. Mai., 1995, n. 5. p. 56-60.

⁸⁹ Os nomes acima são só da participação da F-1.

⁹⁰ PANDINI, Luiz Alberto. “Mulheres na pista”. *Grid: a revista da velocidade*. *Op. cit.* p. 56.

⁹¹ Id. *Ibid.* p. 57-58.

⁹² Nelson Piquet, em entrevista à autora em 08/07/95.

peessoas atrás dela, homens, e ela com 15 anos. Os caras tudo com 20, 20 e tantos anos, mas mesmo assim ela não ganhou patrocínio. Então, é um mundo machista, é um circo, é um mercantilismo, é negócio, é business.”⁹³

“Eu já quase não conseguia ouvir. Com frequência, no corpo-a-corpo dos repórteres em torno dos astros, eu era posta para fora da roda, encoberta por homens grandalhões, evidentemente mais interessados em seu trabalho que em gentilezas e cavalheirismos.

“O automobilismo, em si, é um esporte masculino. Até hoje apenas uma mulher competiu na Fórmula-1. Aliás, os dicionários nem registram o feminino de “piloto”. Mesmo em outras funções, de cozinheira a relações-públicas, são poucas as mulheres que trabalham no circo. A McLaren - a maior das equipes - tem, como funcionários fixos, cerca de quarenta homens - e não mais que três mulheres. Repórteres, também, conheci apenas duas.

“... A impressão de não ser levada muito a sério me perseguiu durante um bom tempo. Tive medo de falar com pessoas como Ron Dennis, John Barnard, Peter Warr (chefes de equipe) e alguns grandes pilotos, achando que nenhuma pergunta seria boa o bastante para dar continuidade à entrevista, já que eu não pretendia questioná-los sobre aspectos técnicos.”⁹⁴

“Mulheres são figurantes. Já na minha primeira viagem aos bastidores do circuito, em Mônaco, a fórmula 1 me ensinou essa lição (...). O jogo é viril, o combustível fede e as estrelas fazem xixi de pé. Mulheres, namoradas, amantes enfeitam cenário com seus rostinhos bonitinhos e corpinhos apetitosos. Se quiserem um papel menos subalterno, que tratem bem de seus companheiros - em casa.

“... Na Indy, mulheres permanecem nos boxes, vibram e pulam no pescoço de seus heróis vitoriosos. Vão vestidas para a festa, naquele estilo faroeste: botas, chapelões e cabelos de mecha.

“Na Fórmula 1, o figurino é jeans, camiseta e tênis. E os primeiros roncos dos motores espantam as companheiras. Elas se metem nos motorhomes, para assistirem pelos monitores, somem nos camarotes dos patrocinadores, recolhem-se ao decorativo dever de coadjuvantes, como aqueles grã-finos falsos das novelas do Gilberto Braga. Algumas, cansadas de fazer a bonequinha de luxo, nem comparecem aos autódromos.

⁹³ Diz Nuno Cobra na mesma entrevista à autora.

⁹⁴ RIBERO, Nice. *Fórmula-1: o circo e o sonho*. 1990. p. 146-147. A autora, jornalista por opção, acompanhou a temporada europeia de 1988, observando os seus bastidores.

“... Em compensação, a Fórmula 1, quando as máquinas se calam, é um dos lugares de maior densidade erótica do planeta - paqueras, tietagens explícitas. Não por acaso, alguns pilotos de GP trocam de mulheres como trocam de pneus. Eu disse alguns.”⁹⁵

“... eu tinha o meu canto, sabia me colocar e sabia que a vida era assim. Que ali a mulher não pode entrar. É um meio masculino, não machista. Onde eles testam 24 horas por dia; competitividade; discussões; reuniões com engenheiros, mecânicos... no qual mulher não se enquadra. Eu ia, participava, ficava sentada, quando ele precisava eu estava do lado, mas jamais me meteria (...) é uma rotatividade alta de mulheres, porque a maioria dos pilotos é solteiro e famosos. Nós temos dois pilotos brasileiros de 22 e 23 anos. Imagina o que não acontece e pode acontecer.”⁹⁶

“Existem também as belas garotas que exibem sensualidade pelos boxes, na esperança de um sorriso, uma foto ao lado de certo piloto, um autógrafo, talvez um jantar, uma noite de transa se tudo corresse bem. Ou, suprema felicidade, um namorico que renda fotos em jornais de fofocas. Cada uma dessas “caçadoras” acredita que, se tiver um minuto de atenção para lançar seu olhar sexy e cheio de promessas, a conquista acontecerá. Mas acaba descobrindo que a competição, também nesse setor, é acirrada e desleal, pois jovens bonitas e disponíveis, exibindo curvas seminuas, não faltam em nenhum paddock (área atrás dos boxes), em nenhum boxe. Na verdade, há tal inflação delas no circo da F-1 que inúmeras têm de se contentar com um anônimo lugar na arquibancada.”⁹⁷

“... Mulher é um... (rindo) Acho que eu ia falar besteira. Eu acho que, não há dúvida que, que a presença feminina no automobilismo, vai ter no automobilismo, vai ter em qualquer show que existe e um homem não vive sem uma mulher; acho que até a mulher viveria sem um homem...”⁹⁸

“... Essa vida é muito; tem muita mulher, tem muito... Onde corre dinheiro tem de tudo. Tem de tudo. E, normalmente, a esposa vai um tempo, depois é cansativo. É muito cansativo. Depois de um tempo vêm filhos. Já não pode estar na companhia do marido.”⁹⁹

⁹⁵ GALISTEU, Adriane. “Caminho das borboletas”. Op. cit. p. 107-108.

⁹⁶ Adriane Galisteu em entrevista citada antes à autora.

⁹⁷ RIBERO, Nice. *Fórmula-1: o circo e o sonho*. Op. cit. p. 60.

⁹⁸ Nelson Piquet, em entrevista, citada antes, à autora.

⁹⁹ Neide Senna da Silva, em entrevista citada antes.

“E esse assédio feminino aos pilotos de F-1? Ele fazia algum comentário? Porque a senhora falou (...) que tinha muita mulher.” Pergunto a D. Neide Senna da Silva.

*“Tem de tudo, de tudo que você imaginar, de tudo (risos). Tem, tem de todo jeito (...) as coisas mais incríveis; tem em todo lugar isso (...) na F-1 tem muito, muito, muito mesmo.”*¹⁰⁰

*“... eu freqüentei muito esse meio. Você vai ver ali muitas garotas (...) que sonham em conseguir um namoro com um piloto, ou um chefe de equipe. Diz até, desculpe falar isso, mas eu li uma vez na Grid (...) uma crítica. e que elas vão com tudo, mas acabam dormindo com o borracheiro, sabe? Porque elas ficam desesperadas ali, procurando alguém. É um trabalho, evidentemente, sério também. Tem muitas ali, mas tem muitas também garotas que vão ali em busca de um programa, são meninas de programa.”*¹⁰¹

“Gostosa”, “rachadeira”, “puta”, “piranha”, “galinha”, “vagabunda”, “dragão”, “gasolina”; “sócio”, “playboy”, “viado”; “vem sentar aqui”, “senta no meu colo”, “volta para o lago dragão”... Eu estava ali primeiramente para observar e o que observei é que se trata de um universo predominantemente masculino. Nas arquibancadas da ala G do GP Brasil/95, o feminino é constrangido, assediado, hostilizado, humilhado, banalizado, desvalorizado... Principalmente mulheres, mas também homens acompanhados de mulheres, ou homens de cabelos longos ou de brinquinhos, homens acompanhados de outros homens; qualquer traço ou presença que lembre o feminino ou certa ambigüidade de gênero¹⁰² é submetida a uma espécie de ritual de provocação. A arquibancada, constituída na maioria por homens, grita em coro expressões como as citadas acima, assobia, ri, se levanta, se aproxima, dificulta a passagem, pressiona, atira copos descartáveis de cerveja, ameaça...

¹⁰⁰ Neide Senna da Silva, idem, acima.

¹⁰¹ Adilson Carvalho de Almeida, durante entrevista à autora, em 17/01/96.

¹⁰² “Mal da humanidade”, com essa declaração Senna responde à pergunta do repórter do programa *Sucesso*, da CNT, de 12/01/90, sobre o que ele, Senna, acha da homossexualidade.

O calor abafado debaixo da capa de chuva descartável e do suéter de algodão quase me sufocavam e me provocavam a uma parcial *strip*. Seria uma espécie de teste para mim. Até então não haviam “*mexido*” comigo. Permanecera quase que todo o tempo no mesmo lugar da arquibancada do lado de uns colegas de viagem (aproximara-me de um garoto em especial: meu companheiro de poltrona). Quanto mais hesitava por desvencilhar-me do excesso de roupa, mais o calor aumentava. Enfim, tomei coragem. Levantei-me: primeiro a capa, depois o suéter. Então: “*Tira, tira tudo*”. Senti minhas pernas tremendo, a temperatura hiper-aumentou, o rosto deve ter ficado vermelho. Tive raiva, vergonha, medo, mas também um certo alívio por não receber as piores qualificações. Lembro que em seguida, novamente sentei. Não olhei para os lados, mas pude perceber que era observada em silêncio por meus colegas de excursão. Interessados ou não, aparentando fragilidade ou não, o fato é que durante o tempo que durou o espetáculo, em nenhum momento deixaram-me sozinha, o que me deu uma sensação de estar protegida.

À compra do ingresso do GP Brasil/95 acompanhava um cupom que, devidamente preenchido, dava direito a um boné. Eu, meu colega de poltrona e mais alguns do nosso grupo, nos dirigimos até um dos postos de troca e lá estavam as garotas contratadas pela *Shell*, uma das patrocinadoras do evento, com shortinhos da cor da contratante, numa barraca elevada, a uns dois metros do chão, rodeadas por um público frenético, predominantemente masculino, recolhendo os cupons e entregando os tais bonés com a logomarca da anunciante.

Outras garotas vestem outros patrocinadores de equipes: *Marlboro*, *Parmalat*,...: A estética predominante é a das modelos publicitárias de agência: jovens, freqüentemente brancas, em trajes curtos ou colantes, ou ainda em inspirações justas dos macacões dos pilotos. Alguns dos noticiários exibem algumas dessas garotas com guarda-sóis, ou chuvas, seguindo pilotos aparentemente indiferentes a esse

servilismo, guardando-os, senão inutilmente pelo menos ironicamente das intempéries.

Mulheres pilotos (não há feminino para piloto), membros de equipe, jornalistas, amantes, modelos, espectadoras, telespectadoras. Participação/presença periférica, temporária. Presença invisível/imperceptível ou quase; excludente ou complementar; extravagante ou discreta. Coadjuvantes, personagens secundárias, subservientes, figurativas, decorativas... Relações superficiais, descartáveis. Mulheres para serem vistas ou exibidas. Presença ou relações que parecem apontar o centro do “picadeiro” como sendo masculino.

Mas como acompanham a F-1, as mulheres que eu descobrira simpatizantes desse universo e que não se aproximam do padrão ou do projeto de modelo ou das personalidades convidadas especiais? “*A minha esposa chega a acordar de madrugada para assistir a uma corrida quando é no Japão ou na Austrália*”, me garante um amigo enquanto ainda processava o recorte do objeto da pesquisa. Trouxe-me exemplares especiais da morte de Senna que ela havia guardado. As corridas pareciam não despertar o mesmo interesse nele.

Pela TV, pelos jornais e revistas, ou via o olhar e os comentários masculinos próximos (familiares ou amigos). Essa presença discreta, indireta, invisível, quase imperceptível não me surpreendera, ao contrário, chamava atenção para uma leitura de Eric Dunning quando esse autor analisa o desporto como uma área masculina reservada. O autor diz que a hostilidade às mulheres por parte dos homens, no caso dele refletindo sobre o rãguebi, na Inglaterra, teria a ver com um contexto de transformação da sociedade, em que as mulheres tenderiam a avançar sobre espaços antes considerados de exclusividade dos homens, ameaçando cada vez mais esse poder.

“Alguns homens reagiram a este deslocamento de poder através da criação de clubes de rãguebi- que não foram, é claro, os únicos enclaves desenvolvidos com este objetivo - assim transformados em áreas masculinas reservadas, onde podiam de forma simbólica imitar, reificar e caluniar as mulheres, que então, mais do que nunca, representavam uma ameaça ao seu estatuto e à imagem que tinham de si próprios. A progressiva emancipação das mulheres destruiu, de forma substancial, este aspecto da ‘subcultura’ do rãguebi.”¹⁰³

“Masculino”, “rico”¹⁰⁴, “branco” (no máximo amarelo). O universo da F-1, ou pelo menos o dos que pilotam os carros e freqüentam as pistas, é seletivo. Ukyo Katayama, piloto japonês, tornou-se popular na voz dos locutores brasileiros da *Globo*, como “*Katagrama*”, se referindo às saídas de pista e a outros erros cometidos por ele. Erros comuns também a outros pilotos, mas em Katayama adquirem uma conotação pejorativa de discriminação étnica.

A tolerância a eles parece limitada, relacionada mais à sua associação, recorrente também na publicidade, como apontada por Rial em *Publicidade e etnia no Brasil*¹⁰⁵, a uma garantia de qualidade e genialidade mais tecnológica, resultado de uma dedicação, e portanto construída, e menos de um brilhantismo individual, ou de uma malandragem, mesmo que especial, mas relacionada a uma natureza genial, como a que é realçada por exemplo em Senna.

*

¹⁰³ DUNNING, Eric. “O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações”. In: ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. 1992. p. 410.

¹⁰⁴ *IstoÉ* (06/12/95, p. 91) informa aos candidatos à F-1, que “talento não basta”, e que muitos pilotos acabam pagando para correr nela. Para se competir na categoria, o custo mínimo para uma temporada na era até o momento de US\$ 5 milhões de dólares, valor a ser desembolsado pelo próprio candidato, assim como também é de sua responsabilidade os contratos de patrocínio.

¹⁰⁵ RIAL, Carmen Sílvia. “*Publicidade e etnia no Brasil*”. In: PINHO, J. B. (org.). *Trajetória e questões contemporâneas da publicidade no Brasil*. 1995. p. 140.

R\$ 100,00 (cem reais), incluindo passagem (Florianópolis-São Paulo-Florianópolis) e ingresso para a ala “G” do autódromo. Fila enorme, sob uma garoa fina, polícias feminina e masculina próxima ao portão de acesso, revista. “*É proibido o acesso às dependências do autódromo de pessoas portando isopores, objetos cortantes, foguetes, etc...*”, diz o verso do cartão-ingresso magnético. Abro minha mochila, gravador, câmara fotográfica, papéis, penal, um monte de coisas. A moça diz que eu não poderia entrar com tudo aquilo. Tento lhe explicar que estava fazendo observação para uma pesquisa. Acho que ela não entendeu ou não tinha tempo para ouvir. A fila era maior do que a ameaça que eu poderia representar. Não devo tê-la preocupado. Deixou que seguisse. Meu companheiro de poltrona teve que se livrar das suas latinhas de refrigerante.

Enfim, seguimos. O movimento de pêndulo da passarela tubular pré-montada de acesso não me convenceu quanto a sua segurança. Na volta, nem pensar em passar sobre ela, que parecia querer despencar a qualquer instante com o peso dos torcedores que saíam todos ao mesmo tempo. Optei por uma saída lateral irregular.

Meu almoço se limitou a um pão com gosto de queimado e algo que deveria ser um hambúrguer dentro, acompanhado de água. Um horror. Nada comparado aos cardápios dos camarotes *vips* exibidos pelas coberturas da mídia, ou dos anunciados *McDonald's* ou *Bob's*, que sinceramente não localizei no meu setor. Uma segurança desinformada não soube me encaminhar para apenas dois telefones públicos localizados numa área ensurdecadora e enlameada. Uma locução incompreensível insistia em anunciar a programação e, por fim, o resultado da corrida, confirmado mesmo só mais tarde via rádio de um passageiro-torcedor, já no ônibus, de volta para casa.

Os bastidores da arquibancada da ala “G” do circuito de Interlagos. Você entra e não pode mais sair, porque seu ingresso é recolhido, então fica-se ali, encerrado também porque você não tem acesso aos outros setores do autódromo (E, K, A, C, D, *Master*); sem uma área de descanso, escape ou qualquer coisa parecida, do momento da chegada, no início da manhã, quando abrem os portões, até o fim da corrida. Isso me faz refletir sobre o alto grau de discriminação ou exclusão da F-1, que não alivia nem mesmo sob um valor de ingresso considerado alto para um padrão brasileiro.

Outra questão é que São Paulo, no Brasil, assim como Buenos Aires, na Argentina, os dois únicos representantes “*subdesenvolvidos*” no roteiro do “*circo*”, parecem não satisfazer a imagem elitizada da F-1. Em 1996, durante o GP do Brasil, a equipe Benetton repercutiu na imprensa (ver segunda página da *FSP* do caderno 1 de 07/04/96) quando expressou sua imagem dos dois países em folhetos de orientação para os espectadores estrangeiros. Sobre a primeira, comparou os riscos da cidade ao “Inferno de Dante” além de recomendar cuidados com a comida, a água e o ar da mesma, finalizando com: “*Se você sobreviver a São Paulo, a Argentina e Buenos Aires, sua capital, serão uma brisa de ar fresco - em todos os sentidos da palavra*”. Uma imagem destoante do cenário bem sucedido mais comumente propagandeado na mídia.

*

“*campeões mundiais*”, “*vitórias por piloto*”, “*vitórias por equipe*”, “*poles positions por piloto*”, “*pole positions por equipe*”, “*pontos marcados por piloto*”, “*pontos marcados por equipe*”, “*GPs disputados*”, “*GPs disputados por equipe*”, “*melhores voltas por piloto*”, “*melhores voltas por equipe*”, “*vencedores do GP Brasil*”, “*vitórias por pilotos no GP do Brasil*”, “*vitórias por equipe no GP do Brasil*”, “*vitórias por país no GP do Brasil*”, “*os 10 maiores berços de pilotos da F-1*”, “*circuitos mundiais*”, “*brasileiros na F-1*”¹⁰⁶

¹⁰⁶ *Guia dos Circuitos. Publifolha. Op. cit. “F-1: 45 anos”. FSP. Op. cit. “Diário da Fórmula 1”. DC. 31/03/96.*

Homem/máquina, tecnologia/esporte/espetáculo, nomes/marcas, pilotos/indivíduos/equipes, pistas/mundo, países/nacionalidades, corpo/imagem, negócio/patrocínios, risco/emoção, poder/potência, números/recordes, romance/paixão, masculino/feminino, vida e morte... Relações limites. Marcas históricas. A história contada em “*fases*”, “*períodos*”, “*eras*”; datas, números, medidas, configurações; passado/presente/futuro; relação tempo/espaço em movimento, em movimentos cada vez mais rápidos, velozes.

Tempo e espaço comprimidos. Distância/tempo. A fórmula da velocidade na contemporaneidade assume um caráter de ajuste intenso, de aceleração - maiores distâncias em tempos cada vez menores -, alterando nossa percepção. Na dramatização tele-multi-tecnologizada da F-1, o que se tem parece ser uma busca de superação das relações e limites acima. Superação que fez da Tamburello um portal de re-ingresso. Senna encontra seu limite, não vence a curva, tangencia-a, avança sobre o muro, colide e retorna: modificado, re-dimensionado...

SENNÁ 4

Morte “real”/morte “virtual”

“... eu acho que era a Manchete ou a Globo, não me lembro. Eles estavam recebendo pelo satélite. Então, quando a gente ficou sabendo que... Bom, obviamente, a mídia toda, rádio, TV... Foi uma coisa, assim, muito noticiada, nos meios argentinos. Aí, durante a noite, eu vi o Jornal Nacional, que, obviamente, foi dedicado todo, tanto seja ao acidente em si, como à figura do Senna em geral, desde criança (...) uma outra coisa que daria para sublinhar seria o seguinte: pouca publicidade. Ou seja, como foi uma coisa tão comocionante, que inclusive essa coisa da publicidade, tão marcada, quase como que sumiu (...) Uma outra coisa que chamou muito a atenção foi uma coisa quase mórbida com respeito ao acidente. Ele era repetido ‘n’ vezes. A outra coisa que eu acho, que foi o que a gente falou (antes da entrevista) (...) foi o dia posterior, porque o caixão viajou, não sei bem como que foi, mas eu sei que depois assisti, estava assistindo uns filmes, que vem bem na madrugada; (...) aí, bom, foi toda aquela coisa, da chegada do caixão e tal, transporte, todas aquelas caravanas, todas aquelas pessoas chorando e tal e depois o velório. O velatório e aí todas as pessoas, todas as personalidades falando e tal (...) e depois, quando já estava eu acho que para o segundo, terceiro filme que estava vendo, que seria perto das quatro horas da manhã, a câmera estava enfocada no caixão e o caixão estava sozinho. Não tinha ninguém, entende? Ou seja quem estava velando era o espectador e isso por satélite para o mundo todo (...) nessa hora, foi interessante isso. Ou seja, eu me vi lá em Posadas (...) perdido do interior da Argentina, na capela ardente, tendo o corpo de Senna aí.”¹

“... Aí, eu gravei e eu acho um troço histórico. Eu gravei o impeachment do Collor, também (...), gravo cerimônias de abertura de Jogos Abertos, Olimpíadas, Pan Americano e às vezes competições que me interessam mais (...) A gente nota pelas datas (das fitas que me cedeu) que eu sempre tive essa relação (com televisão).”²

“... mas lá em São Paulo, aquilo foi um absurdo (...) O que que eu vi. Primeiro, não foi um momento triste, triste tipo: ‘Ah! (...) um velório normal, onde as pessoas próximas do morto choram’. Não era um momento assim (...) Antes de mais nada eu acho que era um momento de agradecimento. O povo foi para

¹ Alejandro Laballe (41 anos), argentino, antropólogo pelo PPGAS/UFSC, cinco anos no Brasil por ocasião do mestrado, estava na Argentina quando Senna morreu; em conversa com a autora em 04/12/95.

² Ana Maria Fonseca de Oliveira Batista (34 anos), bióloga, mestranda em Antropologia Social, pelo PPGAS/UFSC; em conversa com a autora em Florianópolis, 23/11/95. Ana emprestou e doou para a pesquisa 10 fitas de vídeo com imagens não apenas da cobertura da morte de Senna, como anteriores ao acidente e outras de provas de Fórmula 1 e Indy. Praticante de natação, define sua relação com o esporte como uma

as ruas para agradecer a uma pessoa que fez eles felizes muitas vezes. Pô! quantas manhãs de domingo ficaram mais alegres porque o cara ganhava e porque ele levantava a bandeira do Brasil? (...) E o que o povo foi na rua fazer foi agradecer. A mídia estava perto. Estava tudo junto. Estava cobrindo e transformou aquilo num processo mental (...) Se a televisão não tivesse ido lá cobrir e tal, talvez a comoção não fosse tão forte. Talvez as informações sobre a comoção não fossem uma coisa tão forte. Talvez não ficasse tão gravado na nossa cabeça aquele momento, assim, atípico que a gente viu. Mas eu, particularmente, achei muito bonito. Estava lá. Fiquei fascinado, deslumbrado (...) As pessoas não estavam tristes. Estavam felizes. Estavam um pouco comovidas. Estavam comovidas, talvez essa seja a expressão melhor, mas no dia, ali... Primeiro elas estavam com muita curiosidade. Elas queriam saber informações e elas foram procurar essas informações nos jornais, nas revistas, também. Quando chegou o corpo do Senna elas foram para as ruas manifestar o último ato de agradecimento, de carinho: jogavam rosas (...) aquelas montanhas de rosas e faixas e material que dedicavam ao Senna. Era um momento, eu lembro, que as pessoas não tinham acreditado. Elas não acreditaram ainda. Eu acho que até isso de eles repetirem até hoje essa história tem muito disso: as pessoas ainda não assimilaram a morte do cara (...) Não era um momento choroso. Tu vias as pessoas chorando mais ou menos quando chegavam perto do caixão. Ali o momento era mais forte, porque também tinha um silêncio. Mas na rua as pessoas estavam super... mãos dadas, naquela fila. Aquela cena que tu vias na Copa do Mundo, por exemplo, as pessoas, os jogadores entrando em campo de mãos dadas, tu vias aquelas filas quilométricas do lado da Assembléia Legislativa de São Paulo, as pessoas de mãos dadas e passando, um por um, aí chegavam lá, passavam, vinham embora (...) A gente viu, não foram só os paulistas que foram para a rua. Veio gente de muitas cidades do país para lá. (...) Eu não fui até lá no aeroporto acompanhar, não. Eu morava na Rebouças. A Rebouças é uns cinco quilômetros de onde era o velório e eu só saí mesmo para ir no velório porque eu vi tudo aquilo, porque senão, talvez, nem fosse lá ver e tal. Quando eu fui lá ver eu não vi, eu não passei por dentro. Eu cheguei até perto e a minha idéia era mais observar. Era essa a minha idéia... ”³

“Fiquei várias horas ali do lado do caixão e a sensação que eu tinha era que aquele caixão não tinha nada dentro. O Senna era uma pessoa tão, era tão grande, era uma pessoa tão forte para mim que ele não poderia morrer daquele jeito, sabe? Ele não estaria, dentro daquele caixão. E às vezes até penso: pô, se ele aparecer e falar: ‘Ó, tudo aquilo foi uma brincadeira, eu não...’ eu acreditaria (...) tá, mas desde quando eu vou no cemitério do Morumbi eu não acredito que ele morreu. Procuro não acreditar

espectadora, ou mais, como telespectadora gostando “de assistir tudo em que o Brasil está participando bem”.

³ Paulo Scardueli, na mesma entrevista citada antes.

Lógico que a gente sabe que ele morreu, mas eu procuro não acreditar; ainda bem que não se mostrou nenhuma foto dele morto. Aquelas coisas horríveis.”⁴

*

Lembro que deixara a TV ligada, naquela noite, como de costume, para me fazer companhia enquanto dormia ou para iluminar difusamente o quarto. Acrescentara uma terceira finalidade: a de despertador. Despertei com a chegada de Senna, já morto, ao Brasil, conforme anunciado pelo *Jornal Nacional* da noite anterior. Interesse, não tanto pela morte de Senna em si, mas mais pela extra-ordinariedade do evento, pelas, então, já percebidas e desencadeadas conseqüentes alterações na rotina da programação não apenas televisiva. Oportunidade de exercitar um olhar estreante de antropóloga em construção (decorrente da recente aprovação e ingresso no mestrado), sobre os eventos da própria cultura. Acordei com o tom moderado e respeitoso da locução e com as imagens do céu sobre São Paulo rastreadas pelo olhar das câmaras.

Seu corpo, acrescido pelo corpo do avião, é uma pequena imagem na paisagem pálida da manhã e sob o meu olhar impreciso e sonolento. O corpo poussa. Senna deixa o interior do avião pelas mãos oficiais da guarda do Estado e dos soldados do Corpo de Bombeiros e sob a vigia de espectadores mantidos à distância por cercas e seguranças.

Enquanto o corpo segue em cortejo, conforme anunciado, para o prédio da Assembléia Legislativa do Estado, interrompo para o café da manhã. Retorno. Viadutos, pontes, marquises, marginais; faixas, acenos, lágrimas compõem o novo cenário, provocam/atraem o olhar, as objetivas. Senna ali, imóvel, sobre o caminhão, oculto pelo caixão, segue lento. Interrompo. Não tenho o dia todo.

⁴ Adilson Carvalho de Almeida em entrevista citada antes.

Recupero nos noticiários. Senna agora é o centro de marcação do *hall* da Assembléia, um objeto em exposição. A platéia é heterogênea, uma mais ou menos fixa, outra nômade. Celebidades públicas concorrem com anônimos que desfilam na frente do caixão. Observar, lamentar... Aos primeiros é concedido se aproximar, tocar, personalizar a experiência, aos demais, “*menos de um segundo frente ao caixão*”⁵. Adultos, jovens, crianças, velhos, homens, mulheres... políticos, artistas, desportistas, jornalistas, amigos, família; trabalhadores, estudantes, donas-de-casa, desconhecidos...

O rito fúnebre atravessa à noite. Pela manhã há coisas para resolver no centro da cidade. Os sinos da Catedral tocam ao meio-dia. Lojas de eletrodomésticos: TVs exibem o sepultamento. A trilha na tela é uma versão/arranjo triste/lamentoso do “*Hino da vitória*”. Senna é enterrado. De volta para casa Senna ainda está lá, mimetizado no aparelho de TV: ressurgindo aos quatro anos de idade, ingressando no kart, indo embora para o exterior, competindo em outras fórmulas, casando, se separando, namorando outras mulheres, polemizando..., vencendo, morrendo, sendo sepultado...⁶

*

⁵ FSP. 06/05/94, cad. Especial, p. 4.

⁶ Como no filme *Feitiço do tempo* (Harold Hamis, 1993), em que a personagem principal fica presa no tempo e todos os dias passam a ser iguais, previsíveis, com pequenas mudanças a partir de sua interferência.



Foto 25

“Olê, olê, olê, olá/Senna, Senna.”⁷. Ao chamado “de guerra”, Senna não se vai. Permanece. Interdito. Comentando a repetição das imagens da morte de Senna, o apresentador Jô Soares teria indagado em um de seus programas diários sobre quantas vezes alguém tinha direito de morrer⁸.

*

Espetáculo, show, diversão. Rompida a divisão entre informação e ficção, ou da busca da verdade através da neutralidade, a realidade da morte de Senna foi aquela que se assistiu via imagens. Ângulos, *replays*, simulações, versões. Ver, rever, refazer a morte. Interpretar, reinterpretar, experienciar a morte. A cada imagem, a cada repetição, uma nova morte, uma nova interpretação, uma nova realidade.

⁷ Braços e mãos agitam a torcida contrita nas cores rubro-negras da maior torcida de futebol do país. O recorte visual se aproxima à imagem dos *mega-shows*. 100 000 torcedores puxam o coro acima antes do jogo Vasco e Flamengo, no Maracanã (RJ), após confirmação da morte de Senna e o cumprimento de um minuto de silêncio em sua homenagem (*Veja*, 03/05/94, p. 48).

Senna precisou reviver muitas vezes para morrer. Como a história que é contada muitas vezes e a cada vez uma outra história é contada: primeiro Senna morreu ao bater com a cabeça no muro, depois foi o pneu que lhe acertou a cabeça, depois a barra de direção que quebrou e lhe perfurou o capacete... Teorias, hipóteses; causas, responsabilidades⁹. As imagens servem de prova. O olhar da câmara é testemunha. A realidade é a realidade das imagens¹⁰ e elas não são únicas, assim como não são únicas as reações a elas. Ora chocam, ora emocionam, ora divertem. Como deixar de lembrar das piadas e charadas que surgiram depois da morte do piloto: a da sugestão de um brinquedo o “*quebra-cabeças do Senna*”, a da chegada de Senna ao céu antes de Ratzenberger e “*Tchan, tchan, tchan; tchan, tchan, tchan...*”, dentre outras¹¹.

⁸ LINS, Daniel Soares. *Ayrton Senna: a imolação de um deus vivo*. 1995. p. 13.

⁹ “... na curva Tamburello, existe uma **emenda na pista** que fica exatamente no ponto em que Senna perdeu o controle do carro (...) a **suspensão traseira** da Williams de Ayrton, **teria quebrado** na entrada da curva Tamburello, fazendo com que as rodas dianteiras se elevassem milimetricamente do chão, deixando de obedecer ao comando do volante (...) Senna teria tirado o pé do acelerador ao passar pela ondulação da curva Tamburello e, ao entrar **na curva sem a aceleração adequada**, o Williams foi conduzido para fora da pista pelo efeito da força centrífuga...” (Grifos meus) (*In Foco*. n. 2. p. 36-37). Irregularidade na pista, falha mecânica ou humana. “As controvérsias que envolvem a divulgação da morte de Ratzenberger e Ayrton Senna na hora exata, envolvendo o jogo de poder e dinheiro que controlam os bastidores da Fórmula 1 (...) se for constatada morte imediata do piloto na pista, seja em treino ou corrida oficial, o GP deve ser suspenso (...) mesmo com a morte de Ratzenberger, (no dia anterior) a corrida e os milhões de dólares envolvidos não poderiam parar e, mesmo com a morte de Ayrton Senna, houve um pódio, triste e sem champagne, mas que chegou até o fim (...) uma série de **mudanças (tecnológicas)** trouxeram ao público mais emoções, aos dirigentes, mais responsabilidade e ao piloto, **mais perigo**” (Idem, Ibidem, p. 37-38). Poder/bastidores, regras/ética: às supostas causas diretas e indiretas do acidente e da morte buscando vítima ou vítimas e culpados.

¹⁰ Sobre a realidade das imagens, Laymert Garcia dos Santos, em sua análise sobre a Guerra do Golfo (“*A televisão e a Guerra do Golfo*”). In: PARENTE, André. *Imagem-máquina*. 1993), comenta a emoção da primeira guerra ao vivo, pela televisão, com horário marcado; a guerra limpa, “*cirúrgica*”, *clean, hi-tech*; o camarote eletrônico. Semelhantemente, a experiência da morte de Senna, poderíamos talvez falar em termos não apenas de uma tecnologia das imagens, mas também dos sentimentos, das emoções: a morte tecnológica, ao vivo, a cores. A experiência mundialmente compartilhada, via satélite.

¹¹ “*Você sabe o que seria agora uma conversa entre o Senna e o Piquet? Não? Uma conversa sem pé nem cabeça.*” (Referindo-se aos ferimentos dos acidentes mais sérios de ambos os pilotos. O primeiro fatal, o segundo sobreviveu com seqüelas principalmente em um dos pés). “*Sabe como fazem as minhoquinhas comendo Senna? Nham, nham, nham... nham, nham, nham.*” “*Sabe o que é um caixão com uma TV em cima? Telesenna.*” “*Você sabia que mesmo que o Senna não tivesse morrido ele seria tetra em 94? Tetraplégico*” (sobre as chances do tetracampeonato de Senna em 94). “*Já viu a nova marca de massa de tomate?: Tamburello.*” O que lembra as piadas sobre as mortes do ator Lauro Corona e do compositor e cantor Cazuzza, de Aids, no fim da década de 80. Relacionando o nome do primeiro com uma das marcas mais populares de duchas de banho e dos comentários sobre Cazuzza ter sobrevivido mais à doença do que o primeiro, as piadas relativizavam a durabilidade daquela marca de ducha. Com a morte da banda “*Mamonas*

Relação tragicômica. Receita que combina ingredientes de domínios considerados antagônicos¹². Espécie de exorcismo do choque, do extraordinário. Reorganizador de espaços, domínios, recitador das personagens da trama social, do drama ritual¹³. Expressão legítima, ainda que delicada. Os bastidores dos sentimentos do rito fúnebre, o outro lado da histeria da morte, o avesso da dor: o prazer. A socialização do morto. A refeição na madrugada do velório: o gole da cachaça, a sopa,... para aqueles que vigiam o morto. A violação, mutilação, repartição simbólica do morto. Necrofagia: “*saborear o defunto*”, “*beber o morto*”¹⁴. A intimidade permitida. A embriaguez desencadeadora dos jogos, das piadas. “*Gozar*” do morto. “*Gozar*” o morto. O humor e uma certa erotização da morte.

Assassinas”, em março de 1996 o fenômeno das piadas se repete (conforme Senna 5) agora com a sugestão de um encontro contrastante entre Senna e a banda no céu, o primeiro num F-1 de alta-tecnologia e os segundos numa *Brasília* amarela, o primeiro num *sucesso* construído em 10 anos naquela categoria automobilística, os segundos em poucos meses e com um único lançamento musical.

¹² “*Mãe é mãe!*”. Algo como um sussurro no meio da transcrição da entrevista de D. Neide Senna. Não fora nem a primeira nem a última vez que tivera a impressão de ouvir a voz de alguém quando estava sozinha em casa enquanto trabalhava com Senna. O que pensar? O que dizer? Imaginação? O que sentir? Medo, embaraço, constrangimento? Comentar na dissertação? Bruce Grindal, citado por José Jorge de Carvalho (*Antropologia: saber acadêmico e experiência iniciática*) em trabalho sobre um funeral Sisala, em Gana, afirma ter presenciado “*um morto se levantar e dançar ao som de tambores*”, manifestando preocupação em como refletir sobre aquela experiência. Carvalho diz, “*admiro em Bruce Grindal a coragem e a sinceridade em tentar compartilhar com os colegas (expondo-se, obviamente, a uma série de problemas de legitimação, confiança, verdade e até de rejeição pelo meio acadêmico) o que certamente foi algo muito maior do que o que já se estabeleceu como pertencente ao domínio do ‘choque cultural’*” (Id., *Ibid.*, p. 20). Não se trata aqui de acreditar ou não naquela experiência como mais ou menos “*verdadeira*”, “*real*” ou não do que as outras, ou mesmo aprofundar-se no universo “*sobrenatural*” das imagens. Antes sim, recuperar a questão dos limites explicativos do dito saber acadêmico e quanto a relação desse com os aspectos subjetivos de quem pensa estar produzindo esse saber.

¹³ É Roberto DaMatta (“*Morte: a morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro*”. In: *A casa e a rua*. 1991) quem diz que a relação que se estabelece mais diretamente com o morto são próprias de sociedades ditas “*relacionais*”, enquanto a relação que se estabelece diretamente com a morte pertencem às sociedades ditas “*individualistas*”, do mundo moderno. Senna parece transitar entre esses dois modelos de sociedade, o que faz de sua morte, uma experiência múltipla e diversa. Ora é com a morte que parece estar se lidando, a experiência da perda, o corpo que some estrategicamente; ora é com o morto, que parece estar se negociando, as imagens substituem a morte: Senna emerge enquanto “*herói*”, sinônimo de “*perfeição*”, enquanto “*santo*” e enquanto outros como será visto mais adiante; um interlocutor entre esse e outro mundo.

¹⁴ Manifestações e expressões comuns, com algumas variantes, em algumas regiões do País.

Achar graça em, rir de, deliciar-se com; satisfação aprazível, gozo. Se, como lembra José Carlos Rodrigues¹⁵, para Claude Lévi-Strauss a alimentação, o ato de comer está ligado analogicamente em muitas culturas à relação sexual; se a vida está ligada ao sexo e essa tem como o outro extremo a morte; uma aproximação entre eles nos diz que sexo/comida/vida/morte, não seria apenas uma equação fácil, banal.

Passagem do mundo “*natural*” ao “*cultural*”, a relação sexual e o comer são formas “*culturais*” de se apropriar do sexo e da comida “*naturais*”, formas de afastar-se de uma animalidade inevitável, premente¹⁶. Como não pensar que com a morte se dê do mesmo modo, uma apropriação “*cultural*” de um processo “*natural*”. E se comida e morte estariam próximas uma da outra, como não estaria aqui também esta última com o sexo? Tanto assim que o mesmo autor assinala em algumas sociedades as proibições de canibalismo entre parentes como prática incestuosa.

“*Santo Senna*”¹⁷

*“Eu vi Deus, foi Ele quem me guiou (...) tive sinais que me mostraram os Seus desejos e o Seu poder. Acima de tudo, o Seu poder para controlar seja o que for, tudo. Algumas pessoas nunca terão a experiência que eu tive, e não acreditarão em mim, mas tudo o que estou fazendo é relatar a experiência que vivi, como um facto. Eu rezava, agradecendo a Deus ir ser Campeão Mundial e, quando concentrado ao extremo, abordava uma curva de 180 graus, vi a imagem dele, grande, enorme, ali, suspenso, subindo para o céu. Tudo isto ao mesmo tempo que eu me concentrava, pilotando o carro. Foi uma experiência maravilhosa, este contato com Deus.”*¹⁸

¹⁵ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu de corpo*. Op. cit. p. 77-78.

¹⁶ Ver aqui Clifford Geertz em “*Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa*”. In: *A interpretação das culturas*. 1978. Para o autor a briga de galos refere-se a repulsa a condição humana da animalidade.

¹⁷ É o subtítulo de Scarduelli (p. 59), em livro citado antes.

¹⁸ Diz Senna, na conquista do seu primeiro título mundial, em Suzuka, no Japão, em 1988, publicado em SANTOS, Francisco, *Ayrton Senna do Brasil*, op. cit. p. 115. Declarou sua experiência com o divino em outros momentos também em 1988, quando liderava o GP de Mônaco e se chocou contra o *guard rail*, a mureta de proteção: “*Vivia uma luta interna porque tinha uma abertura para Deus e outra para o diabo*” e mais tarde, também em Mônaco, agora em 1990: com problemas na McLaren durante os treinos “*rezou*

“... eu fui criada no catolicismo e eles, inicialmente, também foram criados no catolicismo. Depois que minha filha conheceu o marido dela; ele era filho de pastor presbiteriano (pastor Sabatine Lalli, que celebrou o culto religioso no velório de Senna), aí eu comecei a me interessar, porque essa parte é muito forte em mim e eu comecei a me interessar e fui na igreja deles, mas no fim, cheguei à conclusão que era a mesma coisa que a Católica. Não era aquilo que eu queria. (...) Eu, atualmente, acho que tanto a Igreja Católica, Protestante, Evangélica; qualquer religião em que você consiga ter um contato com Deus (...) é muito bonito e independe de qualquer religião porque (...) o que ele (Deus) quer é o teu interior com ele, a tua comunhão com ele. Então eu aprendi muito na Católica, eu aprendi na Presbiteriana e eu aprendi na Evangélica. E fui chegando aonde eu queria, aonde eu sinto a presença de Deus, aonde eu me encontro. E com ele (Béco) foi a mesma coisa...”¹⁹

Relação sagrado/profano, entre este e outro mundo, o mundo do divino; entre o “real”, o “concreto” e o “transcendente”. Relação existencial, situacional, posicional do ser no Mundo, no Cosmo²⁰. Leigo, vulgar ou místico, espiritual, religioso; Senna interliga-se a esses dois universos que, aparentemente divididos pelo homem moderno dessacralizado, racionalizado, interagem reciprocamente, num feixe de “certezas” e “incertezas”, de “ordem” e “caos”, de “pureza” e “impureza”. Até que ele mesmo, Senna, reportado àquele outro mundo acaba por assumir uma condição transcendente.

“... eu sou suspeita, viu? (emocionando-se muito). Ele tinha um sentimento muito pronunciado, muito forte (...) na escola, quando ele brigava, geralmente era (...) para defender o que estava apanhando. Então, ele se metia no meio das brigas. Acho que isso é uma coisa nata na pessoa e foi colocado para os três (filhos) igual. Eu criei os três iguais, mas ele tinha essa coisa, assim, mais forte. E, naturalmente, sempre eu falei de Deus para ele e ele acatava muito isso e ele era bom de conversar. Eu nunca precisei brigar com ele (...) Eu sempre falei de Deus para eles e ele se apegou muito e tinha mesmo um contato muito grande com Deus; muito bonito; dele mesmo. Isso foi muito bom.”²¹

muito, pedindo ajuda. (...) ‘consegui me enxergar de fora do carro. Havia uma linha branca me protegendo’ (...) depois disso, a máquina não apresentava mais problemas” (“Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”. *Quatro Rodas*. op. cit. p. 15).

¹⁹ Dona Neide Senna, falando da formação e orientação religiosa dela, de sua família e de Béco.

²⁰ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 1992.

²¹ Neide Senna na mesma entrevista citada antes.



Foto 26

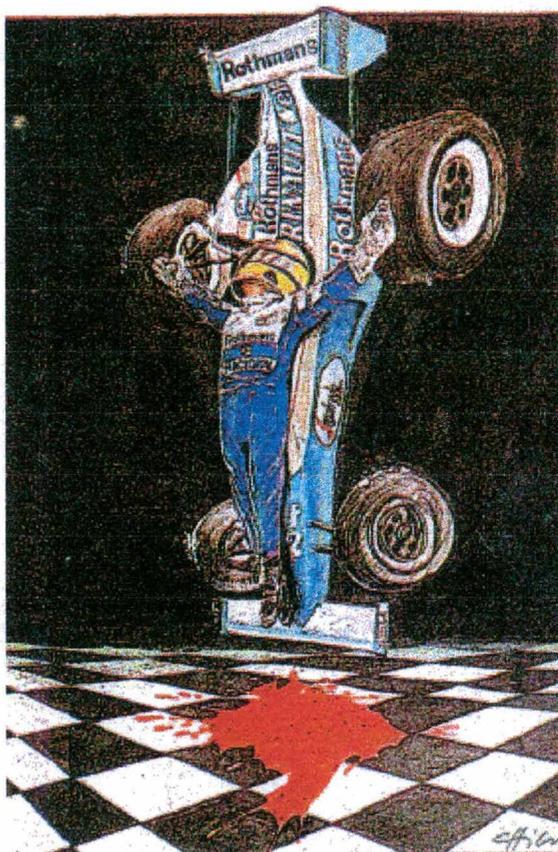


Foto 27

Senna crucificado no seu próprio Williams, nas ilustrações dos irmãos Paulo e Chico Caruso para *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*²², respectivamente. Neste segundo, Senna suspenso em cruz parece levitar, enquanto o sangue derramado desenha o mapa do Brasil no piso quadriculado inspirado nas bandeiras de chegada das competições automobilísticas.

Imola, imolação: o acidente tem ares de sacrifício, de oferenda, troca, renúncia, doação. Morte em nome de algo ou alguém. O “*sacrifício*” de Senna teria a ver com os interesses de lucro dos dirigentes-“*cartolas*”, da F-1 - o não cancelamento da prova com a morte de Ratzenberger, já na véspera do GP -; um impacto como o

²² Republicado em *IstoÉ* (11/04/94, p. 13 e 46-60) e *Veja* (11/04/94, p. 53), respectivamente.

da morte do tricampeão repercutiria sobre as mudanças nas regras do “jogo” e ainda, a procedência, um país considerado de “*Terceiro Mundo*”, de Senna renovaria uma condição de “*vítima*” em relação ao “*sistema mundial*”.

Mas essa última justificativa, por si só não bastaria, pois Senna não poderia ser enquadrado nessa porção “*terceiro mundista*” do Brasil, a menos que se esteja falando da maioria dos milhões de torcedores que o acompanhavam única e exclusivamente por um aparelho de televisão, haja visto que um ingresso na ala “*G*” do GP do Brasil, considerada a mais popular da F-1 comprometeria a quase totalidade de um salário mínimo brasileiro.

“*Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: Não temas, que eu te ajudo*”...: “*soberano*”, “*perfeito*”, “*justo*”, “*amor*”: “*Sua Bíblia pessoal e os parágrafos que ele mesmo sublinhava (...)*”²³ Os trechos assinalados por Senna. A valise de mão, a mala e a Bíblia como ele as deixou. Os últimos objetos pessoais de Senna tocados por ele.

Uma pomba branca - reconhecidamente um símbolo judaico-cristão de pureza e de simplicidade e que incorporaria a própria alma, o espírito - se destaca pousada na parte frontal do caminhão dos bombeiros que carrega o caixão com Senna; no desenho dos aviões da Esquadilha da Fumaça sobre o cemitério do Morumbi, o movimento de um deles em especial destacando-se dos demais em forma de seta, indicando a trajetória de Senna rumo aos “*céus*”²⁴...

²³ *Caras*. 28/04/1995. n. 17



Foto 28

Este e outro ou outros mundos, “bons” e “maus mundos”, céu e inferno. Senna foi para o céu, reforçam ainda outras imagens: angelicalmente alado, sobre uma nuvem com a bandeira do Brasil empunhada, torcendo, ou velando, pelo plano econômico lançado em 94, após sua morte: o “Real”, ou ainda ao lado de Ulisses Guimarães²⁵, observando a “competição”, agora, política para as eleições presidenciais e estaduais daquele mesmo ano, como sugerem os *cartoons* de Clóvis Geyer em jornal local²⁶.

²⁴ Demais imagens mesma revista acima e *Revista SuperSport*, n. 4, capa interna.

²⁵ Com relação a aproximação com Ulisses Guimarães vale aqui lembrar a morte sem corpo, com o seu desaparecimento nos mares de Angra dos Reis, após acidente de helicóptero em 1992.



Foto 29

Santo moderno? tecnologizado; eletrônico, meio biônico, meio homem-meio máquina. O culto: o “*corpo*” e o “*sangue*” de Senna repartidos, compartilhados, comungados; o ofertório, o banquete de imagens.

Mas ainda, o “*corpo-santo*” de Senna, se torna mágico, ou talvez, sob os olhos das câmaras, se reveste de um ilusionismo. Primeiro o corpo-rostos²⁷ mantido oculto por um pano verde pelos médicos de pista, depois o corpo mesmo, inteiro, dentro

²⁶ DC de 01 e 05/05/95, respectivamente, p. 3.

²⁷ Somente um fotógrafo, Angelo Orsi, da revista *Autosprint*, teria registrado as imagens do rosto de Senna após o choque, mas decidira mantê-las ocultas revelando-as apenas para o processo de investigação da polícia italiana sobre o caso.

do caixão, lacrado, sob a bandeira, mortalha transformada em manta, que oculta os segredos da transformação/metamorfose imagética. O corpo some ante os olhos atônitos e excitados da platéia eletrônica. Para onde foi o corpo? Teria ele descido por um cadafalso não revelado pela habilidade das mãos televisivas? Onde está Senna? Poderia ele ressurgir a qualquer instante de um ponto qualquer no meio da multidão de espectadores/telespectadores?

“Circo dos horrores”²⁸

“Quando retiramos o capacete de Senna a visão foi terrível. Em 17 anos de experiência, poucas vezes vi um rosto em tão péssimas condições”²⁹

“Faz muito tempo que não via uma fragmentação craniana tão impressionante (...) o estado do crânio de Senna indicava sinais de múltiplas fraturas e fortes hemorragias (...) O sangue de Senna corria de seu nariz e de sua boca. Quando tiramos os tampões das orelhas houve um enorme fluxo de sangue. O golpe foi gigantesco e frontal.”³⁰

“O sangue descia por dentro e por fora da cabeça, interrompendo as vias respiratórias (...) Eu constatei a gravidade do caso também por outro sintoma, que era o roxo ao redor dos olhos. Isso ocorre sempre que há fratura na base do crânio (...) o capacete rachou com a força do impacto, transmitindo parte desse impacto para a própria caixa craniana”³¹

“Quando vi Senna achei que era um caso perdido (...) Ele tinha uma enorme abertura na cabeça. Fraturas na base do crânio e ferimentos generalizados por toda a caixa craniana. Paramos a hemorragia, começamos transfusões de sangue e aplicação de medicamentos (...) Não vou dizer que era um batimento cardíaco normal, mas ele mostrava certo impulso e alguma força (...) Mas esses dados todos eram sem grande significado.”³²

²⁸ IstoÉ. 11/0594. p. 50.

²⁹ Stefano Bonaiuti (40 anos), enfermeiro, primeiro a chegar ao local do acidente (FSP. 04/05/94, cad. 4/Esp. p. 5).

³⁰ Gordinni (40 anos), médico, primeiro médico a socorrer Senna na pista. (FSP. 04/05/94, cad. 4/Esp. p. 5).

³¹ Alessandro Misley, outro médico que socorreu Senna ainda na pista (Veja. 11/05/94. p. 32-35).

³² Maria Teresa Fiandri, médica do hospital Maggiori onde Senna para onde Senna foi deslocado após o acidente (Veja. 11/05/94. p. 35)

“Há muito tempo que não via uma pessoa ter seu rosto tão modificado. É duro dizer, mas a sua face não era de um ser humano. De qualquer modo o que eu tinha à minha frente era um ser bom, segundo muitas pessoas, um grande crente em Deus. Depois de me recuperar do choque, absolvi-lo dos pecados e fiz a reza de S. Giacomo...”³³

“Muito inchada, a cabeça quase se juntava aos ombros. A parte superior do corpo parecia uma pirâmide. O tronco e os membros estavam intactos. Não havia contusão, o problema foi na base do crânio, que explodiu. Não havia manchas de sangue nas costas do corpo, comuns em pessoas mortas à espera de autópsia pela ação da gravidade. Ele já não tinha mais sangue.”³⁴

“Brasileiros não vão ver corpo de Senna (...) É que o caixão de Senna é forrado com zinco, soldado, lacrado e não tem visor de acrílico. Respeita as normas internacionais de transporte aéreo de corpos autopsiados (...) a família do piloto não quis trocar o caixão, devido ao estado transfigurado do corpo.”³⁵

Descrições, detalhes, pormenores: imagens proibidas, protegidas, veladas... O horror, o terror das imagens... Boas e más mortes³⁶. Morte súbita, instantânea, involuntária, inesperada. O paradoxo das imagens: morte ruim: trágica, violenta, suspeita em aparente oposição à boa morte, em luta, em combate contra algo ou alguém, contra um ou vários e, portanto, considerada digna, heróica, em glória (ver a Medalha de Ordem ao Mérito indicada a Senna ainda em vida e concedida após a sua morte).

³³ Frade capuccinho Amadeo Zuffa (82 anos) deu a extrema-unção a Senna (FSP. 04/05/94, cad. 4/Esp. p. 5).

³⁴ Médica, anônima, do Instituto Médico Legal de Bolonha, viu Senna no dia seguinte ao acidente (SCARDUELLI, Paulo. *Ayrton Senna: herói da mídia*. Op. cit. p. 113).

³⁵ FSP. 04/05/94, cad. 4, p. 8.

³⁶ Boas e más mortes, o 1º de maio de Senna, é o dia de San Giuseppe da Buona Morte, protetor dos moribundos, conforme lembra o mesmo padre Amadeo Zuffa acima (JT, 02/05/94, p. 28). Apesar de pouco difundida na mídia, essa citação serve para demonstrar a preocupação por positivizar essa morte. Mais sobre morte ver em THOMAS, Louis-Vincent (*Antropologia de la muerte*. 1993).

“*Guerreiro de aquário*”³⁷, “*cavaleiro do asfalto*”³⁸. Expressões que o associam ao modelo de herói (medieval), capaz de empenhar a própria vida numa batalha, a ingredientes modernos. Emerson Fittipaldi, Alain Prost, Christian Fittipaldi, Jackie Stewart, Roberto Pupo Moreno, Johnny Herbert, Wilson Fittipaldi (pela esquerda), Gerhard Berger, Rubens Barrichello, Thierry Boutsen, Raul Boesel, Michelle Alboreto, Pedro Lamy, Hans Stuck, Damon Hill (pela direita), como de mãos dadas entre si e com Senna, conduzem, sobre rodas, o caixão no trajeto até o túmulo. O gesto de substituir temporariamente a guarda oficial pelos pilotos acima, parece vinculá-los, ainda que sem seus suportes característicos, a heróicos cavaleiros modernos.

Insatisfeita com a leitura heróica de Senna, me diz uma senhora (nada sei sobre ela, apenas que viajamos no mesmo ônibus para Florianópolis) ainda na rodoviária de São Paulo, numa das viagens de campo: “*Mas o que ele fez pelos outros? O que ele fez, ele fez por ele mesmo, por mais ninguém*”.

A morte distintiva, pública, espetacular, no auge. Daniel Soares Lins³⁹, aponta para o caráter sacrificial da morte de Senna, sobre um certo contrato místico, invisível entre ele e o público. Desafiar, enfrentar a morte na pista-arena da F-1. Senna simbolizaria uma espécie de sonho de morte; uma atração, desejo de cada um, somente realizável com a morte mesmo. Desejo impuro, desarticulador. Senna, ao morrer, o faz por cada um. Nesse ato, ele não pertence mais a ele só, mas ao

³⁷ É o título do livro de Edvaldo Pereira Lima que relaciona Senna ao processo transformador, do homem, do mundo..., anunciado pela chamada Era de Aquário. Senna guerreiro, Senna soldado... Ainda em 1994, por ocasião da presença do presidente argentino Carlos Menem na capital paulista, os noticiários exibiram a sua passagem, acompanhado pelo então prefeito Paulo Maluf, pelo túmulo de Senna; numa alusão muito próxima a das cerimônias programadas de deposição de flores a túmulos de soldados desconhecidos, por chefes de estado em visitas oficiais. Senna, aqui, garante uma identidade, um endereço e uma concretude àquele símbolo nacional.

³⁸ Expressão-título de música de Leandro e Leonardo. Nessa relação de Senna com o a do herói montado, tem ainda que a expressão escuderia, como são chamadas as equipes dos pilotos, lembra a figura do escudeiro, expressão que designava os criados ou os responsáveis pela preparação ou acompanhamento dos cavaleiros medievais em seus duelos sangrentos e mortais.

domínio do coletivo e sua morte assume um aspecto higienizador, reorganizador do social.

No entanto, a morte mesma e não a sua simulação, transferência, projeção ou sonho, foi exercitada em Curitiba, Paraná, por Zuleica Costa Rosa, estudante de 16 anos, com um tiro na cabeça, pouco antes do sepultamento de Senna, na quinta-feira, 5 de maio, de acordo com vários noticiários. Afirmando, em bilhete endereçado aos pais e ao ex-namorado, não querer mais sofrer, Zuleica diz: “... *Fui ao encontro de Senna...*”. Ao seu lado, uma foto do piloto com um beijo pousado nela.

Não há registros desse encontro, nem tampouco de que ele não tenha ocorrido. Zuleica optou pela dúvida da mãe quando esta lhe respondeu um dia antes que não sabia “*se as pessoas quando morriam se encontravam no céu*”⁴⁰. De qualquer forma Zuleica parece ter formalizado o estreito limite entre sonho e realidade, proporcionado pela relação com as imagens.

Mística sênica

*“24 acidentes em 161 GPs (...) um a cada 6,7 provas (...) por duas vezes a morte rondou Senna (...) os dois mais graves acidentes do tricampeão (...) tinham acontecido em treinos (México e Alemanha) e no mesmo ano: 1991...”*⁴¹

³⁹ LINS, Daniel Soares. *Ayrton Senna: a imolação de um deus vivo*. 1995.

⁴⁰ *Isto É*. 11/05/94, p. 48.

⁴¹ “...O primeiro acidente na Fórmula 1 aconteceu em 84 (...) a bordo de um Toleman (...) No nono GP da temporada, disputado no circuito de Detroit, Senna bateu a 300 km/h, mas sem conseqüências mais graves (...) Em 91 (...) a bruxa andou colada em Senna. No dia 14 de julho, no perigoso circuito do autódromo Hermanos Rodriguez, ele escapou milagrosamente de um grave acidente. No primeiro dia de treinos oficiais, Senna perdeu o controle da McLaren na entrada da curva Peraltada - a mesma em que sofrera um acidente com a Lotus em 86. O carro rodou, capotou e caiu de cabeça para baixo (...) Um mês depois, durante os treinos livres para o GP da Alemanha, em Hockenheim, Senna sofreu seu mais grave acidente (...) Vinte anos antes, na mesma curva, morreria o escocês Jim Clark.”

JB. Cad. Esportes, 02/05/94. p. 4.

“... parece que este foi mesmo o fim de semana da bruxa.”⁴² : Rubens Barrichello decola na sexta, Roland Ratzenberger (Aus) se choca e morre no sábado, Pedro Lamy (Por) bate na Benetton de JJ Lehto (Fin), um policial é atingido por uma roda e oito espectadores ficam em estado grave, no mesmo dia. Sete anos antes de Senna, a Williams de Nelson Piquet bate na mesma Tamburello, durante treinos para o GP de 87 em Imola. 1989 é a vez de Gerhard Berger (Aus), numa Ferrari, bater na mesma curva.

Piquet é tido como principal rival de Senna no cenário nacional da F-1, dividindo com ele a torcida brasileira, que por sua vez se mostrou discreta, silenciosa durante esta pesquisa, aparentemente surpreendida não só pela morte de Senna como também pelas reações a ela. Barrichello se revela na mídia um aprendiz de Senna. Lamy, apesar de português, teria em Senna um padrinho na F-1. Ratzenberger era amigo de Berger que era considerado o melhor amigo de Senna na F-1.

O diário da Tamburello e de Imola, mas também o da equipe Williams reveste-se de uma aura místico-conspiratória, que apontam Senna como um de seus centros convergentes. Afinal, foi num carro da equipe inglesa mencionada, que em 1983, Senna fez seu primeiro teste para ingressar na F-1. Em 1993 ofereceu-se para correr de graça para a Williams, que tinha então Nigel Mansell como piloto, considerado, juntamente com Prost, um de seus principais archi-rivais. Senna teve que aguardar até outubro do mesmo ano de 1993, quando fechou contrato com a mesma Williams, tida, então, como a escuderia mais completa da F-1, para a temporada do ano seguinte, a qual terminaria prematuramente para ele⁴³.

⁴² Nelson Piquet em “*Piquet, um rival traumatizado*”. JB. Cad. Esportes, 02/05/94, p. 6.



Foto 30

Camiseta branca, “Senninha” estampado no peito, macacão aberto, semi arreado até a cintura, Senna alisa a Williams minutos antes do Grande Prêmio...

“... um ritual estranho, que veio complementar os minutos anteriores ao início da prova. Com o olhar sério e com a pequena ponta de tristeza que sempre deixava transparecer mesmo nos seus momentos de maior alegria, Senna arrumava demoradamente sua balaclava. Minutos antes da largada, estava sentado dentro daquilo que seria sua condução à morte.

“... A concentração de Senna durante alguns minutos, com as duas mãos sobre o aerofólio, e sua oração ao lado do carro, formaram um quadro fúnebre que nós, brasileiros, ainda não entendíamos.”⁴⁴

“... quando esses presidentes da FISA, da FIA, fizeram o Ayrton correr, quando ele não queria correr; todo mundo sabe que ele não queria correr; ele previu o que ia acontecer, ele sabia que ia acontecer. A

⁴³ Conforme dados biográficos de Senna, presentes em várias fontes consultadas.

⁴⁴ Fernando Saenger em *Vale dos Sinos* de 06/05/94, p. 40.

gente vê claramente nos olhos dele, isso. O conhecimento que a gente tinha era muito grande, quando eu vi aquilo, me choquei (...) ele alisando o carro, fugindo do cerimonial que a gente tinha de meditação. Ele fazia sempre diferente, durante 10 anos. Naquele dia ele fez diferente. Quando ele entrou ele sabia que não podia fazer. Houve uma luta ali, do Ayrton com o Senna. Infelizmente o Senna venceu. Aquela responsabilidade, (...) o contrato; ele tinha que fazer aquilo (...) Ele morreu por isso. Se os caras respeitassem mais esse Senna, mais o Ayrton, ele estaria vivo, porque ele não queria correr. Ele sentiu que estava errado. Eu não sei, intuição. Ele adquiriu um nível espiritual muito elevado, um nível mental muito elevado.”⁴⁵

“... Ayrton Senna não queria participar do 14º GP de San Marino, em Imola. Foi o que falou a sua namorada, Adriana Galisteu, pelo telefone, no sábado. ‘Ayrton tinha um mal pressentimento e disse a Adriana que não tinha vontade de correr a prova’, contou a mãe de Adriana, Emma Galisteu”⁴⁶

“Velocidade e morte no mapa astral do piloto: O mundo veloz em que viveu e morreu o tricampeão de Fórmula 1 Ayrton Senna já estava determinado nas linhas de seu mapa astral, conforme revelou ontem a astróloga Anna Maria Costa Ribeiro, que vem estudando o mapa do piloto há pelo menos um ano (...) ‘Senna tinha a lua em Capricórnio, o que significa ambição e obstáculo, consciência do limite. Já Plutão representa transformação ou eliminação...’⁴⁷

Intuição, premonição, paranormalidade? Mística que retorna na “mensagem” de conforto dele para Xuxa, recebida do além pela médium Maria de L. Grégio (68 anos) e do acidente fatal do cunhado de Senna, Flávio P. Lalli (42 anos) quando pilotava, pela primeira vez depois da morte de Senna, a moto italiana *Ducatti* que Senna recebera de prêmio num dos campeonatos da F-1⁴⁸.

⁴⁵ Nuno Cobra em entrevista citada antes.

⁴⁶ *O Estado*. 02/05/94, cad. Esporte, p. 11.

⁴⁷ *Vale dos Sinos*. 09/05/94, p. 10.

⁴⁸ Ver manchetes de “*Fantástico: Senna envia mensagem do além para Xuxa (Contigo, 09/05/95, capa e p. 72-73)*” e “*Cunhado do Senna morre com a moto do piloto: maldição na família do campeão*” (*Notícias Populares*, 26/02/96, p. 4), respectivamente.

Ambos os acontecimentos renovam a perspectiva de um olhar místico, sensível, sensitivo, sobrenatural em Senna que extrapola, ou tenta contrabalançar os limites de uma racionalidade tecnológica como a presente na F-1.

Poder/imagens

A onipresença da câmara que “*a tudo vê*” dispensa apresentações. Quando não se exhibe explicitamente, se revela de “*diferentes modos*”, nas “*mínimas coisas*”. Sua presença é reconhecida, assim como seu testemunho é legitimado. A morte de Senna não foi prevista, mas as câmaras, o olhar eletrônico, estavam lá. Como, às vezes, parecem estar em “*todo lugar, ao mesmo tempo*”. Presença divínica, numa atualização do panóptico, da “*sociedade disciplinar*”⁴⁹: o olhar que vigia, espreita, discreta ou indiscretamente, visível ou invisível; olhar que tenta capturar, individualizar, enclausurar, controlar, corrigir.

Diabólica, talvez, quando não “*vê*”, “*inventa*”, “*imagina*”. Simula o olhar, projeta, põe, repõe, exclui, por diferentes ângulos. “*A imagem que você não viu*”⁵⁰ é o olhar-digital, tátil, “*cego*”, virtual. O olhar que não está nem esteve lá, não viu, mas que procura reconstituir na íntegra o acontecimento, servindo de testemunha não ocular.

A *ensenação* não se limitou à pista de Imola. Ela foi estendida, prolongada: o funeral, as manifestações... O espetáculo tomou as ruas e (difícil saber quem chegou antes) as câmaras e os atores estavam lá. As imagens driblam o olhar, subvertem as câmaras, saturam-na, escapam-lhe os ângulos, os enquadramentos; inventam outras e novas imagens. As imagens seduzem, corrompem. A “*sociedade*

⁴⁹ FOUCAULT, Michel. “*O panoptismo*”. In: *Vigiar e punir*. 1987.

⁵⁰ Assim anunciam os locutores no intervalo jogos de futebol na Rede Globo: “*Agora nós vamos ver a distância do gol, a velocidade, o ângulo do goleiro...*”, na simulação do computador.

disciplinar” se rende ao *voyerismo* da sociedade imagética⁵¹. À relação olhar/ver se junta a de ser olhado/ser visto.

O avião que entra no território nacional via campo visual da câmara, trazendo o corpo do piloto; os soldados que removem o caixão do interior da nave, coberto com a bandeira nacional; o traslado no caminhão do Corpo de Bombeiros; as homenagens e manifestações anônimas; o velório na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo; a presença das autoridades e personalidades públicas; as honras de chefe de Estado; o cortejo até o cemitério; as homenagens finais.

A “cobertura completa”⁵² das imagens da morte de Senna. Nada poderia escapar ao olhar das câmaras. Como deixar de considerar que o que se observou em torno da morte de Senna tem a ver com a presença das câmaras, mas também dos “atores” e suas “personagens”. Mesmo levando-se em conta, a princípio, um certo imprevisto ou espontaneísmo, em virtude da surpresa da morte, a presença das câmaras e das imagens era previsível, servindo de referência, influenciando e sendo influenciada na “preparação” e no curso do acontecimento⁵³.

... As faixas (“Valeu Senna”, “Obrigado, Ayrton e adeus”, “Adeus, Senna”, “Força Senna” etc.), as bandeiras do Brasil, os rostos pintados com as cores verde-amarelo, o choro incontido... Como negar seu efeito, contraste, plasticidade etc. quando transformados em imagens?

“250 mil pessoas acompanharam o cortejo fúnebre (...) 31km do aeroporto de Cumbica à Assembléia Legislativa, no Ibirapuera (zona sul de São Paulo). De acordo com a Companhia de Engenharia de Tráfego, o congestionamento total chegou a 101,8km de extensão contra os 50km dos dias ‘normais’ (...)

⁵¹ Não que na “*sociedade disciplinar*”, de Foucault, não se pudesse identificar manifestações de prazer na relação de poder olhar/ser visto, na contemporaneidade essa situação se torna mais explícita, o par olhar/imagem assumem conotação ativa e o poder uma correlação de forças difusas.

⁵² *Manchete: edição histórica*. Mai., 1994. Capa.

⁵³ ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 1984. p. 195-199.

200 mil pessoas no velório (...) Mais de 200 mil pessoas, segundo uma estimativa da Polícia Militar, compareceram ao velório, durante as 21 horas e 10 minutos que a Assembléia Legislativa esteve aberta ao público.⁵⁴

... A multidão nas ruas; o abraço de centenas de pessoas, de mãos dadas, ao prédio da Assembléia, durante o velório; um coração de grandes proporções, desenhado no chão, à margem da via por onde passaria o cortejo fúnebre; o “S” de fumaça no céu... Gestos gigantes, que só poderiam ser visualizados à distância ou numa vista aérea; por uma grande angular ou através da câmara de um helicóptero⁵⁵.

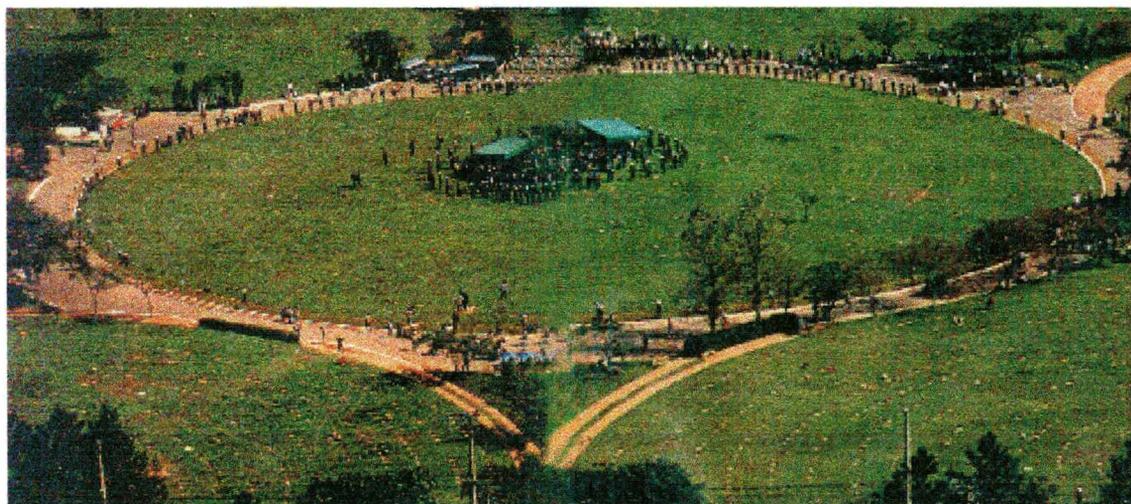


Foto 31

... As cores e símbolos nacionais⁵⁶, o tapete vermelho, as honras... Mais que cenas orientadas/dirigidas para a câmara, imagens para serem transmitidas para todo o mundo, para serem vistas em outros países. Imagens que não deixam dúvidas, por exemplo, quanto à nacionalidade do piloto.

⁵⁴ SANTOS, Francisco. *Ayrton Senna do Brasil*. Op. cit. 235-236. Números que substituem seus recordes nas pistas.

⁵⁵ Na câmara-cortejo aéreo, a panorâmica sobre o que poderia ser o circuito do Morumbi, a semelhança com as imagens dos sobrevôos das coberturas das corridas de F-1. No traçado circular, Senna no centro, no alto de uma pequena colina, sob um ipê roxo.

⁵⁶ Senna não só é associado como é transformado ele mesmo em símbolo nacional ou absorvido por eles, como quando representa uma estrela a menos, arrancada, da bandeira nacional, em *Isto É* (11/05/94, contracapa e p. 1), ou quando sua imagem é sobreposta a da mesma bandeira, substituindo a faixa de “*Ordem e Progresso*”, no *DC* um ano após a sua morte.



AYRTON SENNA 🇧🇷 1960-1994

Foto 32

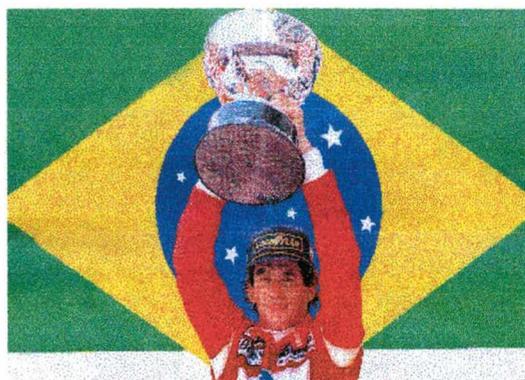


Foto 33

Nacionalidade, espécie de sentimento, idéia de pertencimento, construído em torno de outro “*artefato cultural*”, a noção de nação. Nação, como ajuda a pensar Benedict Anderson, uma “*comunidade política imaginada*”⁵⁷: o que implica a princípio que retém a idéia de grupo, ainda que seus indivíduos-membros sejam desconhecidos entre si e cujo vínculo, mesmo imaginário, tem a ver com relações de poder, jogos de força, que se evidenciam na relação com contextos políticos envolventes mais amplos.

Nacionalidade: sentimento chave, princípio articulador na construção de identidades, estratégia política das sociedades modernas, que na atualidade emergem como expressão das relações entre localidades e globalidades.

“O povo presta sua homenagem: a morte de Senna faz com que, para surpresa de todos, o **povo** (grifo meu) entre em cena para dizer que ama aquele que só lhe deu alegrias”.⁵⁸

“O país ficou de luto: Senna fazia parte da **família brasileira**.”⁵⁹

⁵⁷ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. op. cit.

⁵⁸ *Veja*. 11/05/94. p. 14.

⁵⁹ *Manchete: histórica*. 05/94. p. 18.

Nação, nacional, Peter Burke⁶⁰ chama a atenção para a importância da personagem “*povo*” e de suas manifestações na construção da nação e do sentimento de nacionalidade. A descoberta, aqui redescoberta, do “*povo*”, do popular em oposição à “*elite*”, da qual Senna fazia parte. Senna não pertencia às camadas consideradas mais simples, da população, no entanto, as imagens são de adoção, pela nação transformada em família; em forma de símbolo, modelo, figura que agrega/atrai para si projetos ditos nacionais. Nacionalidade que aqui se reveste de uma complexidade proporcional a sua inserção global, no contexto mais amplo, que dilui as especificidades, particularidades, identidades.

O “*país do futebol*” é tricampeão de F-1 (já era com Piquet, antes “*bi*” com Fittipaldi). O improvisado e a “*malandragem*” de Garrincha, cedem espaço ao profissionalismo, técnica e “*perfeição*” de Senna (recordista em “*pole positions*”, e campeão em pistas molhadas). Um país do “*Terceiro Mundo*”, “*periférico*”, que detém o melhor desempenho num dos esportes considerados de elite e que apresentam uma das mais altas tecnologias.

Não que Senna não seja “*malandro*”, ou melhor, que sua imagem não reivindique o traço/marca distintivos, que DaMatta e Livia Barbosa⁶¹ apontam/reconhecem como elemento definidor/identitário de uma certa “*brasilidade*”. A coisa do “*jeitinho*”, de ser mais “*esperto*”, “*criativo*”, “*genial*” do que os “*outros*”, de tirar vantagem ou proveito das adversidades, de situações consideradas mais difíceis, como por exemplo, das condições do tempo (o que lhe rendeu o título de

⁶⁰ BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. 1989.

⁶¹ DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 1990. BARBOSA, Livia. *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. 1992.

“Deus” ou “Imperador da Chuva”), das pistas, das regras, dos carros, dos adversários...⁶²

O “gênio inquieto”, para *Autoesporte* (mai., 1994, p. 65), poderia ser traduzido como “gênio-oportunista”: Canhoto (com o câmbio manual, a troca de marchas ficava facilitada com o volante seguramente firme na mão esquerda), estrategista (garantir a *pole position*, largar na frente, definir uma posição logo no início, significava impor um ritmo nem sempre compartilhado pelos demais competidores; abrir ou tentar manter distância em relação aos outros carros lhes exigiria maior esforço e maior velocidade para ultrapassá-lo) eram algumas das identificadas qualidades atribuídas a Senna.

Contudo, Senna é um “malandro especial”, o “malandro paulista”, e enquanto tal aglutina a imagem de trabalhador, reforçada com o fato de morrer no mesmo dia em que se comemora o *Dia do Trabalhador*. A “arte” e a “inventividade” do “malandro”, em Senna, adquirem tons/nuanças de uma “arte de elite”, “sofisticada”, pelo universo no qual se insere e pelos recursos que lhe estão disponíveis.

“Foi um erro tático. Senna escolheu uma relação de marchas (uma segunda mais longa) que o prejudicou. Com isso, Prost, que havia optado por uma relação de marchas com uma segunda mais curta, ficou imbatível. Senna tanto forçou a ultrapassagem que acabou batendo e perdendo - apesar de ter voltado à pista e cruzado em primeiro. Foi desclassificado por reingressar cortando caminho e Prost levou o título (...) Senna foi à **forra** (grifos meus). Largou na *pole position* e forçou a passagem impedindo a ultrapassagem da Ferrari de Prost na primeira curva. Bateram. Só que, desta vez, Senna saiu beneficiado pela vantagem de pontos, **emplacando** o campeonato.”⁶³

⁶² “...em condições normais ele corria para vencer - e vencia; em condições adversas, ele mantinha suas chances e, mesmo em condições muito desfavoráveis, ainda era páreo.” (“Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”. *Quatro Rodas*. Mai. 95. p. 21).

⁶³ “Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”. *Quatro Rodas*. Mai. 95. p. 18-19).

“Ayrton Senna era bom de briga. Na pista, essa **qualidade** (grifo meu) lhe valeu 41 vitórias. Fora dela, uma coleção de inimigos. Senna odiava perder e, invariavelmente, suas desavenças começavam nas pistas e não terminavam no final do campeonato (...) A guerra entre Prost e Senna começou nos boxes em 1988, quando os dois corriam pela McLaren. A inimizade piorou em 1989, quando Prost acusou Senna de não cumprir um acordo feito nos boxes (...) Nigel Mansell foi o único a chegar às vias de fato. A rivalidade, nascida de uma fechada, teve cenas de pugilismo em 1987. Mansell (...) acertou um soco na cara do piloto brasileiro. No ano passado, Senna repetiu a história. Revoltado com a direção perigosa do piloto irlandês Eddie Irvine, Senna esmurrou o colega”⁶⁴

Em Senna não há espaço para erros, quando acontecem eles são atribuídos a alguma estratégia, a algum plano tático ou a algum outro ou outros responsáveis. Seus atos, quando considerados incorretos parecem ter sempre algum motivo, alguma explicação justa, ou ainda podem se transformar em qualidades. Por outro lado, enquanto símbolo de força e de perfeição, a condição de vítima não lhe cairia bem, valendo-se convenientemente da imagem de um caráter igualmente “genioso”.

“*Racing is in my blood*”⁶⁵. Senna: produto local, nacional ou global? O princípio distintivo, identitário de Senna, aqui, colocado em termos biológicos, do sangue, da raça. Lembrando Regina Abreu⁶⁶, ao analisar o culto ao escritor Euclides da Cunha, como símbolo nacional, a autora identifica uma preocupação em legitimar a aceitação do autor de “*Os sertões*” via miscigenação. O argumento que desfazia a cultura do mestiço, nascido nos trópicos, no século passado, no início deste passa a ser positivizado como exótico, autêntico, original, ímpar...

⁶⁴ Veja: Edição Extra. 03/05/94, n. 18A, p. 31.

⁶⁵ Ayrton Senna para sempre. Coleção Video Print. (fita vídeo).

⁶⁶ ABREU, Regina. *Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha*. RCBS, n. 24, fev., 94.

“*Simply the best*”⁶⁷. Senna incorpora/assume um quê dessa mesma mistura, de diversidade cultural, uma espécie de combinação especial de ingredientes, uma certa receita étnica, mais os temperos secretos do clima, da temperatura e da latinidade “*caliente*” e “*temperamental*”...: “*Senna*” é italiano do lado da mãe, enquanto o Silva, do lado do pai, o aproxima de tantos outros milhares de anônimos “*Silvas*” brasileiros. Contudo, Senna parece conotar uma preocupação em ter que demonstrar/provar constantemente sua especificidade, suas qualidades, o que o faz não na sua língua, mas em inglês, uma língua globalizada culturalmente.

Assim, Senna pode ser interpretado talvez como um “*produto*” nacional, mas vale recuperar aqui Renato Ortiz, ao falar da inserção do dito produto nacional, dos bens culturais, da “*indústria cultural*” no mercado internacional sob o aspecto do “*internacional-popular*”⁶⁸, ou seja, daquilo que produzido internamente, mantém um diálogo com o mercado externo, internacional. Uma versão global para o local.

As imagens predominantes são, portanto, de um país, ao mesmo tempo, cujas ambições de ser recebido no “*Primeiro Mundo*”, se revelam nas vitórias do “*campeão*” e que se sente injustiçado diante da morte, ou da interrupção de seus projetos.

O “*bom-moço*”, “*bom-filho*”, “*religioso*”, “*heróico*” (“*valente*”, “*corajoso*”, “*bravo*”), “*cidadão exemplar*” (amigo dos representantes do poder, apoiou Fernando Collor de Mello, em sua campanha para presidente em 1989 e, após sua posse, desceu com este a rampa do Palácio do Planalto, em Brasília), “*digno representante da pátria*” (que empunhava a bandeira de seu país a cada vitória e

⁶⁷ “*Simplemente o melhor*” (FSP, 02/05/94, cad. Esp., p. 10). Após sua 41ª e última vitória na F-1, Senna é convidado ao palco durante a interpretação, de música homônima, pela cantora norte-americana Tina Turner em seu show no mesmo país.

⁶⁸ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 1988.

que vestia um capacete com a cores da pátria com o nome Nacional (do banco que o patrocinava))... Imagens que mostram um país centrado nas noções de nação, família, religiosidade, moral, ordem, disciplina,...

O país de Senna já fora o de Tancredo Neves, de Elis Regina, de Glauber Rocha de Getúlio Vargas, de Francisco (Chico) Alves... Tancredo, sua morte lenta, em 1985, sua diverticulite, depois a infecção generalizada, acompanhadas em vigília durante 38 dias, botou 2 milhões de pessoas nas ruas, num velório itinerante que percorreu quatro cidades brasileiras, “*ao som do Hino Nacional e gritos de ei, ei, ei, Tancredo é nosso rei!*”⁶⁹.

Importante recuperar aqui que a morte de Tancredo, o presidente não empossado da República, o candidato da “*Campanha das Diretas*”, o primeiro civil desde o Golpe Militar de 64 no País, coincide com a primeira vitória de Senna na F-1, em 21 de abril (data também da morte de Tiradentes, “*o mártir da Inconfidência*”), no Estoril, em Portugal. Um ano depois, em 86 Senna comemora sua vitória no GP dos Estados Unidos carregando pela primeira vez a bandeira brasileira, na volta da vitória⁷⁰, no mesmo dia da desclassificação do Brasil na Copa daquele ano para os franceses. Essas e outras manifestações serviriam para fixar sua imagem enquanto símbolo de renovação/recuperação nacional.

Com Elis, em 1982, a morte por overdose descobriu uma das poucas heroínas-mulheres brasileiras. Representante de um gênero e interpretação musicais considerados inacessíveis/incompreensíveis para a maioria do público, a cantora é lembrada 15 anos depois pelo *Fantástico* (19/01/97), como “... *uma das maiores intérpretes do Brasil*”. Em Glauber, o controvertido cineasta, que numa época de oposições políticas claras, foi tanto combatido quanto criticado pelas então direitas

⁶⁹ Veja. 03/04/94, p. 52.

e esquerdas. A morte, em 1981, celebrou a reconciliação entre ambas as posições em torno do “*gênio incompreendido*”⁷¹.

Chico Alves, “*o rei da voz*”, segundo *Video Show* (27/09/97), arrebanhou, em 1952, meio milhão de pessoas na despedida a seu corpo, numa época em que o rádio era o principal conversor/articulador de paixões multimídias. Depois dele, em 54, Getúlio despede-se com um tiro: “*saio da vida para entrar na história*”, na história das imagens, das grandes imagens, dos cortejos monstros, das multidões nas ruas do País. Tudo isso, parece, serviu de treino, de aquecimento, para o que se sucedeu com Senna.

Empregando Roberto DaMatta, diria que se trata de um caráter conciliador, apaziguador dos mortos (ou ídolos), da relevância destes mais do que da própria morte, como nossos intérpretes, intermediários na superação das divergências entre mundos, o que poderia nos revelar uma sociedade fundada nas diferenças.

*“Essa imensa ternura do povo, sua generosidade com os ídolos, tem o condão, nas grandes tragédias e nas grandes vitórias, de unir uma sociedade tão maltratada por desigualdades.”*⁷²

Carnavalização da morte, parada fúnebre ou romaria festiva. Senna ainda recombina ordem/desordem, formal/informal, sagrado/profano, secular/religioso; numa reinterpretação da ritualização dos dilemas sociais de Roberto DaMatta⁷³. Movimentos cerimoniais, solenes, festivos. As imagens exibiram um Brasil imerso em dor e lágrimas. Numa conversa informal um amigo revelou que, após a morte de Senna, a namorada francesa no Brasil recebeu várias

⁷⁰ Gesto que vai ser seguido outras vezes por outros pilotos do automobilismo.

⁷¹ *Veja*. 03/04/94, p. 54.

⁷² *Veja*. 11/04/94, p. 7.

⁷³ DAMATTA, Roberto. Op. cit. 1990.

ligações do exterior, de parentes e amigos que acreditavam, pelas imagens que lhes chegavam, que o País havia parado e que a população inteira estava nas ruas.

O esquife transformado em andor ou em alegoria verde-amarela. Dor e lágrimas, respeito, devoção e fé, mas também sorrisos e fantasias na pele do persistente “Beijoqueiro” de celebridades vivas ou mortas, de uma falsa freira e um Papai Noel⁷⁴. A estética de um país em festa, como antes nas comemorações por suas vitórias ou como depois se repetiria na conquista pelo tetra campeonato mundial de futebol nos Estados Unidos, naquele mesmo ano.



Foto 34

Senna retornaria na música oficial das suas vitórias, na faixa “*Senna... aceleramos juntos, o tetra é nosso!*”, exibido pela seleção campeã, no capacete, relíquia de outros “*carnavais*”, de outras comemorações, ao lado do troféu campeão. O

⁷⁴ FSP. 05/05/94, cad. Esp., pag. 7.

corpos em bloco de novo nas ruas, a torcida perseguindo o cortejo, rostos ou corpos transfigurados, num exercício de múltiplas identidades.

Senna suspendeu a rotina, extraordinária e dramaticamente, se fez emblema, instrumento de fé, enredo, promovido ao panteão repositório do heroísmo imortal, mas de um heroísmo múltiplo e diverso.

SENNÁ 5

Senna não morreu

“... no dia seguinte, eu custei muito a dormir naquela noite. Mas no dia seguinte eu acordei bem. Eu tinha certeza que eu ia ligar a TV e ia ter uma notícia boa. Tipo: aqueles caras que o coração pára e depois volta a funcionar. Eu fiquei por uns dias acreditando que pudesse acontecer um milagre, alguma coisa que trouxesse ele de volta.”¹

“Eu falo o tempo todo dele no presente e só vim perceber isso depois que li o prefácio do Nirlando Beirão. Eu não sabia. Ele dizia: ‘eu vou te fazer uma surpresa. Uma coisa que você faz inconscientemente...’ Eu não conseguia entender o que era. Quando eu li, eu liguei para ele e ele falou para eu ler o livro. Já li o livro 27 vezes e na última vez que li eu peguei os detalhes, então eu percebi isso. Porque é uma coisa muito presente para mim. Quando eu falo dele, não tem como falar no passado; é uma coisa que não dá para concretizar.

“... eu acho que foi uma brutalidade, uma fatalidade, uma monstruosidade que não entra na minha cabeça e não entrava nem na hora que eu vi. Eu não queria acreditar em nenhum momento. Eu queria acreditar que ele quebrou uma perna, um braço ou desmaiou; menos que tivesse acontecido aquilo. Em nenhum momento, acho que a minha perplexidade, a minha catatonia foi tão grande que eu fiquei 4 ou 5 dias não acreditando... você podia jurar de pé junto e eu falava que não era, que não era possível (...) de repente ele não vem mais, nunca mais toca o telefone, nunca mais é ele, nunca mais eu imagino ele do meu lado. Não tem como, mas nos meus sonhos ele me acompanha sempre.”²

“... se ele aparecer assim, para mim não vai ser surpresa, porque eu nunca consegui, sabe? acreditar que ele estava ali dentro daquele caixão, está enterrado lá no cemitério do Morumbi (...) porque era uma coisa assim, até para a família é muito desgastante isso (...) aquelas homenagens para ele (...) então a família dele também passou a, não sei, prestigiar, participar dessas homenagens porque é aquela coisa, você nunca consegue, parece que aquilo sempre está na sua cabeça (...) Parece que não consegue morrer.”³

¹ Marcelo R. S. Silva, em entrevista citada antes.

² Adriane Galisteu, falando sobre seu livro à autora, durante entrevista citada antes.

³ Adilson Carvalho de Almeida, em entrevista citada antes.

*“A morte como foi, foi uma coisa absurda. Isso aí até hoje, as pessoas (...) como não viram ele morto, não viram ele, não conseguiram imaginar o personagem, então ainda continuam com aquela idéia do imaginário...”*⁴

*“... eu não sou o tipo de pessoa que sai por aí com maquininha aqui, que vai tentar comunicação, vibrações com pessoas que morreram, nos locais onde morreram. Eu nunca fiz isso e não sei (...), mas não sou daquelas também que acreditam que acabou, acabou...”*⁵

*

Senna sorrindo na beira de uma piscina ao lado de uma mulher. *“As férias na Polinésia do tricampeão com seu amor secreto: Ayrton Senna e Carol Alt”*⁶. *“Ele não tinha morrido?”* Pergunta Zardo, ironicamente, a seu amigo Luís⁷.

Ao fundo pareço ouvir a voz de Galvão Bueno: *“Bem, amigos da Rede Globo, Senna não morreu”*⁸.

Uma informação proveniente não se sabe de onde, pouco depois do acidente com Senna, dizia que ele não havia morrido, que a intensidade do choque o havia desfigurado (o que o obrigaria a fazer uma cirurgia plástica que alteraria sua fisionomia) e o impedido de continuar a correr, e que por isso ele tratara de sumir, de se refugiar em algum lugar onde não pudesse ser encontrado ou reconhecido⁹.

⁴ Paulo Scarduelli, em entrevista citada antes.

⁵ Ana Maria Batista, em entrevista citada antes.

⁶ *Caras*. 30/06/95. Capa.

⁷ Observação relatada por Luís de uma conversa com seu amigo numa banca de revistas.

⁸ Sobrepondo-se à frase habitual com que abre a participação nas locuções esportivas.

⁹ *“Há 20 anos Elvis não morreu”* (*Incrível*, jan. 97, n. 51, p.7), ainda que morto em 16 de agosto de 1977. Elvis Presley estaria supostamente escondido em alguma cidade do interior dos Estados Unidos, onde eventualmente pode ser visto. O mesmo com Kurt Cobain, roqueiro como Elvis, morto em 94, menos de um mês antes de Senna, com um tiro dado por ele mesmo na cabeça. Cobain foi cremado, mas tem ressurgido periodicamente das cinzas não apenas através dos meios formais da mídia, como pelos comentários que afirmam que ele não teria suportado a própria fama e teria se internado em uma clínica para recuperação de drogados. O boato, o rumor, assim como a fofoca, o diálogo entre os relatos anônimos, sem um ponto de origem definido; entre o “real” e o “imaginário”, “o verdadeiro” e o “falso”. Cláudia Lee W. Fonseca

Afinal, não há imagens de seu rosto depois do choque. Também não há imagens do seu corpo, depois que esse foi recolhido pelo helicóptero. Isso talvez explicasse o controle, em público, das lágrimas da família e quem sabe o caixão completamente lacrado.

“1. O corpo do piloto foi colocado numa urna de zinco, que foi soldada e lacrada. Isso impede o vazamento de líquidos ou fluidos do corpo. A urna foi colocada dentro do caixão. 2. O caixão foi colocado na aeronave antes do embarque dos passageiros em Paris. 3. A Varig criou um recinto para o caixão na classe executiva, retirando duas fileiras de cadeiras centrais. A área foi fechada com cortinas. 4. (...) o caixão foi inserido numa espécie de saco de lona. O saco é amarrado ao chão da aeronave, para impedir que o caixão se mova. O caixão foi então coberto com a bandeira brasileira. 4. Os passageiros foram proibidos de entrar no recinto ou tirar fotografias do caixão”¹⁰

Então quem morreu? O que, ou quem, havia no caixão que foi sepultado?

(Feminino, masculino e formas de poder: o código de honra em uma vila portoalegrense, 1988, p. 36-37) afirma, no caso sobre a fofoca (no contexto pesquisado por ela, permitida somente às mulheres praticá-la) tratar-se essa de um elemento importante da rede simbólica de trocas. Negativa, “*destinada a fazer mal a determinados indivíduos*” ou positiva, criando uma história social do grupo “*com o qual os moradores podem se identificar*”; definindo os limites do grupo, “*não se faz fofoca sobre estranhos*”; educando, “*... ouvindo histórias de comadres, (os filhos) aprendem as nuances cotidianas dos princípios morais do grupo*”; comunicando “*sobretudo entre analfabetos, é assim que se descobre o novo endereço de um parente, o destino de velhos amigos, etc.*” Um instrumento importante na manutenção da reputação da imagem pública de alguém e, portanto, um reequilibrador das relações de poder ali existentes. Jean-Nöel Kapferer (*Boatos: o mais antigo mídia do mundo, 1993*), pesquisador da comunicação, acredito que definiria a informação acima de Senna, na categoria dos boatos, ou dos rumores, por se tratar de uma informação não-oficial fortemente relacionada ao conteúdo da mensagem, ao seu potencial de intensificação e propagação, do que para a fofoca, o mexerico, o fuxico e outras fontes igualmente não oficiais, ligadas mais a sua fonte ou ao seu objeto. Com relação a Senna, a especialização, por parte da mídia formal, de boa parte das informações não-verificáveis sobre ele, não eliminou, ou substituiu o boato, como relativizador de verdades absolutas. Imagens travestem-se, sugerem uma nova roupagem, fisionomia, insinuam novas e diferentes imagens, migram de e para diferentes pontos. O boato expõe, explícita, visibiliza...

¹⁰ é a descrição (FSP, *Especial Senna*, 05/05/97, p. 4) que acompanha desenho-raio X do interior do vôo de Senna morto para o Brasil. As condições do transporte, a tentativa de garantir a inviolabilidade do corpo, das imagens do corpo, recuperam novamente um pouco daquele ilusionismo referido no Senna 4: do corpo mágico, que se oculta ao mesmo tempo que, apesar de todas as demonstrações de segurança, se revela numa fuga espetacular com a cumplicidade da platéia.

“*Senna vive*”¹¹, afirmam os adesivos nos carros. Fisicamente Senna pode estar morto e enterrado, mesmo que não se tenha visto seu corpo, é dessa morte que está se falando. Por outro lado, simbolicamente, Senna renasce, ressuscita, ressurgue periodicamente e nas mais diferentes formas.

Senna é reanimado (direta ou indiretamente) no vídeo (noticiários, programas esportivos, de entrevistas, especiais), nas bancas (revistas, jornais, encartes, pôsteres) e livrarias (biografias¹², em livros que contam a sua trajetória pessoal e profissional no automobilismo e a visão que dele tiveram pessoas que o conheceram de perto), nos produtos que levam a sua marca ou que fazem referência a ele e até nas 300 páginas, 200 fotos e gráficos, que compunham, até 28/04/96, segundo *Zero Hora* (p. 54), o processo investigativo de sua morte, movido pela Procuradoria de Bolonha, responsável pelo seu caso.

Senna é nome de pistas de competição, monumento, viaduto, rua, avenida, instituto e fundação beneficente, estrela, selos, moedas¹³,... Senna é adesivo, botom, boné, camiseta, réplica de capacete, cd rom, vídeo, vídeo game, filmes¹⁴, miniatura de

¹¹ “*Cristo vive*”, “*Elvis vive*”, outros vivem: , explodindo com os limites, as fronteiras entre a vida e a morte, física e simbólica, individual e coletiva, social, real, virtual ou simbólica. Recordo-me da Copa de 94, aquela em que o jogador argentino Maradona, afastado por ter sido reprovado em teste *anti-doping*, mergulha inúmeras vezes diante das câmaras, num aparente transe, num último gol antes do resultado do exame. Marcela, amiga do mestrado em Sociologia Política (UFSC), torcedora e campatriota do jogador, estava em seu país durante o ocorrido e diz que Buenos Aires parecia de luto, nas ruas, nas praças comentava-se Maradona, o seu afastamento em clima de perda, de morte, a ameaça de uma morte ainda em vida.

¹² *Manchete* de 12/08/95, p. 19 dizia, na ocasião, que, naquela data, o número de livros publicados no mundo inteiro sobre Senna já era de 25.

¹³ “*A cara do Brasil: com a efigie de Ayrton Senna, cunhada em prata 925 e em ouro 900, o Banco Central lança (...) suas duas e últimas moedas comemorativas deste ano (1995)...*” (*IstoÉ*, 06/1295).

¹⁴ *Manchete* (12/08/95 (p. 19) enumera, na data de sua publicação, até cinco projetos de filmes biográficos de Senna. Um deles, cogitando Hugh Grant, ator inglês, no papel do piloto. Em 1995, Grant foi flagrado em cena de sexo oral com a prostituta Divine Brown, em Los Angeles (EUA) o que, aparentemente teria sido suficiente para relativizar a escolha na associação da imagem dele com a de Senna. Apesar do reconhecido desempenho e da beleza de Grant, “... *Senna era um herói que ajudava criancinhas*”, diz Clóvis Bornai para a mesma revista, sugerindo uma incompatibilidade de tipo moral entre as imagens de ambos. Quase um ano depois, em *Caras* (14/06/96), Viviane Senna confirma a produção de um filme sobre a vida de seu irmão a ser interpretado agora pelo ator espanhol Antônio Banderas: “*O Banderas é perfeito para fazer o papel do*

fórmula 1, música¹⁵, buzina de automóvel (“*Hino da vitória*”), roteiro de visitas à São Paulo (*Senna tour*),... Senna é griffe, lancha, moto, bicicleta, relógio, óculos, caneta, personagem infantil (Senninha¹⁶), revistinha e produtos infantis, cartão de crédito...

Senna é “*candidato*” nulo nas eleições nacionais de 94 no Brasil; enredo da *Escola de Samba Tradição* no Carnaval de 95 no Rio de Janeiro e “*Orgulho de ser brasileiro*”¹⁷ da *Filhos do Continente* no Carnaval do mesmo ano em Florianópolis; <http://www.mit.edu:8001/people/squonk/auto/senna.html>, ou <http://www.acs.oakland.edu/mgscheue/senna.html>, ou ainda <http://s700.uminho.pt/anr/senna.html>, alguns de seus endereços na Internet; “*Hino da vitória*” na interpretação da *Orquestra de São Caetano* (PE), num dos domingos no *Fantástico*; curva em “S”, no autódromo de Buenos Aires na Argentina; bairro de periferia de Criciúma (SC) com problemas de esgoto no *Jornal do Almoço/Rede Regional* (RBS/TV); patrocinador de baloeiros no Paraná, mencionado em “*Encantado labirinto: um estudo antropológico sobre práticas das equipes de baloeiros na cidade de Curitiba*”,

Ayrton, porque além de tudo era seu fã (...) O filme será importante para captar recursos para o instituto (Instituto Ayrton Senna (ou IAS) de ajuda a crianças e jovens carentes), pois envolve a imagem do Ayrton”.

¹⁵ Em *Fantástico*, que antecipa os preparativos para o GP de 95 no Brasil, Rubens Barrichello mostra cd com músicas de diferentes países feitas em homenagem a Senna. Dizia na ocasião, que ouvi-las fazia parte de sua preparação para aquele Prêmio.

¹⁶ Versão infantil de Senna. Criação de Rogério Martins e Ridaut Dias Jr., publicitário e desenhista de animação; projeto aprovado e lançado por Senna no dia do seu aniversário, um ano antes do acidente: “*Senninha foi um personagem desenvolvido a partir do próprio Ayrton. A idéia dele era desenvolver um personagem educativo, porque as crianças, mesmo as muito pequenas, tinham uma ligação muito forte com ele e esta ligação continua existindo, pelo que eu observo. A idéia era atingir de maneira mais direta esta população infantil, que o via como modelo, através de um meio de comunicação de massa, de maneira a canalizar valores e posturas de vida positivas (...)* a possibilidade de ela retroagir em função da morte era muito grande. Aconteceu o contrário: houve um crescimento enorme e hoje estamos produzindo 200 mil exemplares. Este número supera as expectativas uma vez que, para os padrões brasileiros, considera-se muito boa uma produção de 70 mil exemplares” (Viviane Senna em *Viver Psicologia*, n. 33, p. 5).

¹⁷ “*Quando menino/Já demonstrava ser um grande campeão/Ayrton Senna/Acelerava com o coração/Nas manhãs de domingo/Nas pistas ele vivia/O continente exalta/Em forma de poesia/É carnaval no meu país/(bis) Homenagem para Senna/Deixa o meu povo feliz/Exaltamos/Os campeões da nossa Ilha/Que maravilha ver a prancha/Deslizar no mar/O peixe voador da natação/(bis) Avaí e Figueirense/São os nossos campeões/O tetra é nosso/Voleibol, basquetebol/Aeróbica e judô/São destaque mundial/Se destaca a arte marcial/(bis) O jogo da capoeira/Vivem agora em alto astral/Hê, hê, hê, Brasil/Eu tenho orgulho de ser brasileiro/(bis)/Hê, Brasil/Ser campeão/É fazer tetra o ano inteiro.*” Evidencia-se na música a exaltação de um sentimento de nacionalidade ligado aos esportes.

dissertação de mestrado de Sidinalva M. dos S. Wawziniak (05/09/95, PPGAS/UFSC), Museu no Japão; tema de festas infantis em loja de artigos de decoração de festas no *Mercado Público* e nos *souvenirs* do Camelódromo, em Florianópolis. Senna é comercializado ao longo da fila que conduz ao GP Brasil/95 e em praça próxima ao cemitério do Morumbi em São Paulo; Senninha é o pseudônimo usado por um(a) concorrente nas *Olimpíadas do Faustão* (23/10/94); homenagem de inauguração dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) de 94, em Florianópolis (27/10/94); Senna é referência para as colocações de metafísica sobre as projeções internacionais das potencialidades dos brasileiros no esporte (*Programa Mulheres, CNT*, 24/10/94); lembranças e homenagens aos seis meses da morte de Senna coincidem com as do Dia de Finados; Senna revisitado em *Galeria Ayrton Senna, Esporte Espetacular*, na programação dos domingos de 97 na Globo, na voz de Galvão Bueno...¹⁸

Transfiguração sênica

Transfiguração, transfigurar é tomada aqui no sentido da passagem, transformação de uma figura a outra. No dizer de Maffesoli¹⁹, a socialidade, numa contemporaneidade pós-moderna, é, por várias razões, transfigurada pelas imagens. A transfiguração opera uma mudança/alteração para uma dimensão além da material, corpórea. Diz de uma restauração entre “*sonho e realidade*”, “*natureza e cultura*”, “*corpo e espírito*”. Numa perspectiva holística, a atualidade das imagens, contamina o mundo e instaura uma globalidade até então dividida pela racionalidade em torno das quais se reúne, se comunga comunitalmente²⁰.

Nesse sentido que digo que o encontro trágico de Senna com a Tamburello impulsionou-o, favoreceu-lhe a chance de um outro tipo de vida. Assim como o carro, os destroços, Senna se fragmentou, se multiplicou. Transformou-se em muitos e diferentes Sennas, cujas possibilidades de recuperação/acesso parecem infinitas e

¹⁸ Algumas das muitas citações a Senna registradas em cadernetas de campo. Em função da característica dinâmica, breve e imprevisível com que boa parte delas de deram, mantiveram-se fragmentadas, sem uma cronologia linear, carecendo, inclusive, de maiores detalhes, ou mesmo do registro de algumas fontes.

¹⁹ MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. 1995.

²⁰ MAFFESOLI, Michel. Op. cit. p. 135-141.

inesgotáveis e nem sempre se dão de modo direto. Senna é citado/solicitado, por exemplo, através de seus herdeiros de profissão (como Rubens (Rubinho) Barrichello²¹, “*a esperança brasileira*”²²), da família²³ (que, com a morte, assumiu publicamente os seus negócios) ou da ex-namorada, a modelo Adriane Galisteu, o fenômeno mais forte dessa fragmentação.

“A Adriane eu sempre achei o fim do fim (...) Nem em termos de bonita, como eu acho que deveria ser... eu acho que ele fazia melhor negócio com aquela Carol Alt, sabe? Ou aquela Elle MacPherson (modelos), alguma coisa assim (...) Eu acho que ele fazia melhor negócio, sabe? Eu acho que ela era típica para o Piquet, sabe? típica. Eu acho que Adriane Galisteu e Piquet acho que nasceram um para o outro e não desconfiam. Não se tocaram ainda. A Xuxa eu achava legal, assim. Eu achei que ela usou o Pelé para dar uma de alpinista, mas o Ayrton Senna não porque até aquele ponto os dois já eram famosos [e a Adriane tu achas que...] Ah! com certeza, com certeza, mais alpinista que a mulher das calcinhas do Itamar, aquela que usou o Carnaval para se promover. Eu acho que está tudo no mesmo nível (...), embora a Adriane tenha

²¹ De certo modo, frustrando as expectativas, Barrichello ganhou uma personagem parônima, “*Rubinho Pé de Chinelo*”, no programa “*Casseta e Planeta*”, na *Globo*; um anti-Senna: simples, simpático, mas meio medíocre, meio azarão, que faz, ou para quem dá, tudo errado e que nunca ganha ou chega ao final de uma corrida.

²² In: *Grande Prêmio do Brasil: programa oficial do 24º GP do Brasil, de Fórmula 1*. FIA: Formula 1 World Championship. 1995. p. 36. Outro suposto herdeiro, esse mais reconhecidamente legítimo, seria Christian Fittipaldi, sucessor de um clã, cuja saga familiar prolonga-se por três gerações e que se transferiu para a Indy em 95. Depois, mais recentemente, Pedro Paulo Diniz, Tarso Marques e Ricardo Rosset (cuja equipe Lola faliu no início de 97) vieram dar continuidade à “*fábrica de pilotos*” (*IstoÉ*, 11/05/94, p. 60-61) inaugurada com Chico Landi, nas décadas de 30 e 40, o primeiro piloto brasileiro a participar de provas internacionais.

²³ O complexo familiar dos Senna da Silva envolve o pai Milton: “*ele sempre foi empresário (...) tinha fábrica de auto-peças e depois ele vendeu (...) o nosso ponto de vista, enquanto eles (os filhos) eram menores, é que ele (Ayrton) ia continuar no lugar do pai, na fábrica (...) No momento em que ele não quis (...) aí o meu marido resolveu vender. Ele vendeu a fábrica (...); tinha fazendas no norte e tudo, mas aí já se envolveu com o escritório do Ayrton, porque aí precisava de escritório, precisava de todo um trabalho. Começou novamente, através do Ayrton,, todo um processo novamente (...) até hoje ele está à frente de tudo isso. É um escritório que começou trabalhando com o Ayrton e continua até hoje*”, depõe a mãe Neide, que divide com a filha Viviane, os compromissos do Instituto (lançado na Inglaterra) e da Fundação Ayrton Senna (sediada no Brasil), que tem na *Senna Licence*, administrada por Celso Lemos e pela *Ayrton Senna Promotions* dirigida por Fábio Machado da Silva, os principais responsáveis pela manutenção e preservação da imagem do piloto, as captadoras de recursos para os projetos de ajuda a populações carentes, que em 1996 envolvia 13 projetos, em diferentes Estados brasileiros, segundo material fornecido na visita à Fundação. Leonardo, o irmão mais novo, é vice-presidente da *Senna Import*. Para Viviane (em *Caras*, 14/06/96) o Instituto e a Fundação atendem a uma idéia e a um pedido do próprio Senna, dois meses antes de morrer. Reforçando e ampliando a relação com o sagrado agora não apenas de Senna, mas dos Senna, Viviane, além de uma de suas herdeiras e principal relações públicas da família, afirma na mesma revista acima, compartilhar com o irmão morto de uma experiência com Deus semelhante

mais, sabe? (...) só que uma é mais desfavorecida pela circunstância, entende? e a outra não. Então, a Adriane Galisteu ainda consegue manter (...) sei lá vai ver que eu estou muito reacionária...²⁴

“Ah! uma baita duma vagabunda”²⁵

“Não, eu acho um absurdo (...) eu acho que a família dele agiu (...) com uma falta de humanidade. Pelo amor de Deus, a mulher estava com ele (...) no enterro dele eles proibiram ela, tiraram ela e botaram a Xuxa. Ridículo (...) foram muito frios (...) Depois já começaram a dividir os bens dele, não sei, sabe? (...) quem que é ela a Adriane Galisteu? Ela, não sei (...) Por um lado eu acho que ele gostava dela. Eu achei um absurdo tirarem todo o direito dela (...) Eu acho que, bá, acho que nada a ver, sabe? A mulher estava com ele (...) Se era para ter uma viúva, a viúva era ela, não a Xuxa. Achei nada a ver aquilo ali. E só que acho que também ela tirou proveito da morte dele.”²⁶

“... a frase dela, assim, na revista ‘não porque eu conheço, eu conheci o Senna, eu sei’, não sei o que, não sei o que, não sei o que. Ela não conheceu tanto assim, ficou o quê? um ano com uma pessoa. Um ano com uma pessoa tu não vai conhecer nada dessa pessoa.”²⁷

“... quando eu pensava que eu não fosse nunca nem conseguir levantar da cama. Graças às pessoas que amavam o Ayrton, que passaram este carinho para mim, minha mãe, os meus amigos... eu decidi que deveria tomar uma iniciativa; que foi escrever este livro, que foi dedicado para o Ayrton, mas é um presente para as pessoas que amaram verdadeiramente o Ayrton, para eles saberem que a gente não perdeu só um gênio da F-1 e sim um homem de grande caráter. Eu acho que esta história me pertence e eu tenho muito prazer em mostrar para o mundo como ele era maravilhoso.”²⁸

“Por um lado, assim, eu penso (...) foi a imprensa que começou a correr atrás dela. A mulher ia recusar dinheiro? Por um lado, assim, eu vejo (...) por um lado ela está mais do que certa, só que eu acho assim ó: está certo, tudo bem posar para a Playboy, sei lá que que ela fez. Tudo bem por enquanto, agora, usar o Senna? Isso aí eu já acho...”²⁹

a dele: “Eu conheço Deus. Tive, como Ayrton, uma experiência direta com Ele, que orienta toda minha vida”.

²⁴ Ana Maria Batista em entrevista citada antes.

²⁵ Camila Rocha em entrevista citada antes.

²⁶ Bianca Hort em entrevista citada antes.

²⁷ Continuando Camila.

²⁸ Adriane Galisteu em entrevista citada antes.

“Honestamente não é uma coisa que eu faria apenas por prazer (...) neste caso o que contou foi o dinheiro. Não me envergonho de fazer um trabalho por razões financeiras. Quem diz que o dinheiro não tem importância, ou é muito rico ou está mentindo. Tenho que pagar minhas contas, a vida não é tão bela como as pessoas pensam.”³⁰

“Acelera Galisteu”³¹

Galisteu, no caso, é livro/biografia (*Caminho das borboletas I e II*)³², talk book, griffe de biquíni, edição de aniversário da Playboy, programa teen, Adriane by phone, calendário, cd rom, site na Internet, fã clube, modelo, atriz, apresentadora, empresária, destaque de escola de samba, receita de sopa *diet*,... Galisteu está nas revistas, jornais, programas de entrevista³³, passarelas, comerciais; como um projétil, um fragmento desprendido da Williams de Senna, seguindo o mesmo rastro das demais partes que compõem as suas inúmeras imagens. Pertencendo à mesma complexidade. Galisteu só pode ser compreendida quando remetida à Senna. Sua imagem está associada/vinculada a dele, ao mesmo tempo que a complementa.

“Uma maneira de preservar sua própria imagem é não deixar que o mundo invada sua casa. Foi o modo que encontrei de preservar ao máximo meus valores.”³⁴

²⁹ Continuando Bianca.

³⁰ Adriane Galisteu comentando seu trabalho para a revista Playboy (*Caras*, 19/05/95).

³¹ *Vogue* (225, 1996, p. 41), parodiando uma expressão freqüente nas locuções de F-1.

³² “Ela tinha uma história consistente”, Nirlando Beirão, em *Walking Show, CNT*, 26/08/95, comentando o livro em que é *ghost-writer*, durante o lançamento da *Playboy 20 anos*, em que Galisteu aparece nua. Matérias com Galisteu em diversas fontes informam sobre contratos para o lançamento do seu livro também em outros países como Japão, Alemanha, Inglaterra, França, Portugal, Austrália, Hungria, Inglaterra e Itália. Até 03/05/96, quando Galisteu apresenta para *Caras* seu apartamento comprado com o cachê das fotos acima, o seu livro havia vendido 378 mil cópias no Brasil. Galisteu parece ter sido uma das principais leitoras de si mesma. Na entrevista de 1994, ela me afirmou já ter lido sua própria história 25 vezes. No ano seguinte, para *Zero Hora* (30/07/95, p. 4), esse número já era de 27.

³³ No Brasil e no exterior. *Vogue* (Op. cit., p. 44) diz que só em 1994 Galisteu foi citada 18 mil vezes pela mídia brasileira, ficando atrás apenas de Fernando Henrique Cardoso e Lady Dy. Já a *FSP* (27/12/95, cad. 5, p. 1), coloca Galisteu como campeã de aparições em *talk-shows* de 95: “O ‘arroz-de-festa’ (aqueles que estão em todas) vai ao ‘Jô Soares Onze e Meia’, conversa com Marília Gabriela, faz parte do quadro de entrevistas produzidas de Amaury Jr., passa pelo sofá da Hebe Camargo e não dispensa uma esticada no cenário de bar do programa de Bob Coutinho, na TV Manchete”.

³⁴ Ayrton Senna, em 1994. Depoimento publicado em “Ayrton Senna: frases e imagens”. *Super Sport: Especial*. N. 2, p. 40.

Através dela se expõe e se chega a um outro domínio, o do privado, das imagens de Senna (da intimidade, afetividade, sexualidade). Desse modo, as críticas dirigidas à Galisteu, principalmente de oportunismo (dirigidas também à família) de estar se aproveitando de Senna, da sua morte, não podem ser lidas descoladas do fenômeno mais amplo. Assim, portanto, a figura/imagem irretocável de Senna, com Galisteu adquire versões menos comportadas (“*Borboleta assanhada*”³⁵, “*cinderela*”, “*aproveitadora*”, “*viuvinha alegre*”³⁶, “*viúva oficiosa*”³⁷, nos veículos convencionais da mídia e “*Galinhesteu*”, “*Adriane Galinheu*” na mídia anônima), se fortalecendo em termos de imagem.

Logo, Senna não é só fonte de onde emergem outras imagens, mas também é construído e alimentado por elas e nesse sentido ele não morreu³⁸.

Moda Galisteu? Estilo Galisteu? Maurício Kubrusly conduz matéria e entrevista³⁹ com Galisteu, “*aquela do Ayrton Senna*”, diz, sobre foto em que ela depila a virilha com um aparelho masculino para a *Playboy*.

“... essa foto, a da depilação, não estava prevista. Foi o Duran (fotógrafo) que inventou no meio da produção. Eu nem queria fazer, achava que não tinha nada a ver (...) Durante a reunião, com o diretor da revista, o diretor de arte, o Duran e o Julio (então namorado), cada um escolheu suas fotos preferidas para a gente fazer uma triagem. O Duran pegou aquela foto e disse: ‘Essa é a que eu mais gosto.’ Fiquei olhando pra ele com aquela cara, sabe? E ele: ‘Olha, uma coisa é ganhar de 2 a 1. Outra é uma vitória de 6 a 0. O que vai acontecer é que nunca mais ninguém se atreverá a fazer uma foto dessas, e se fizer, todo mundo vai dizer que estão copiando a Adriane Galisteu. Segundo, isso vai dar pano pra manga, você vai ver’ (...) A idéia da matéria era mostrar uma intimidade feminina que o homem quase nunca vê, contar uma

³⁵ *IstoÉ*. 09/08/95. p. 78.

³⁶ *Nova*, n. 7, jul., 1995, p. 92.

³⁷ “... em contrapartida a Xuxa, a ‘oficial’”. *Interview*, n. 185, 1995, p. 35.

³⁸ Ayrton Senna não morreu. Elvis Presley não morreu. Kurt Cobain não morreu. John Lennon não morreu. Jim Morrison não morreu. Chê Guevara não morreu. Hitler não morreu...

³⁹ *Fantástico*, 27/08/95, *Globo*. Das poucas vezes em que consegui observar em que Galisteu apareceu na *Globo*. A *Rede Globo* parece ter perdido Senna, ao passo que os outros canais da mídia ganharam Galisteu, que já teve contrato com a *CNT*, *SBT*, *Manchete* e, atualmente, *MTV*.

história. Então a gente tinha feito uma cena passando roupa, outra tomando banho, etc. Mas tudo com muita fantasia, claro.”⁴⁰

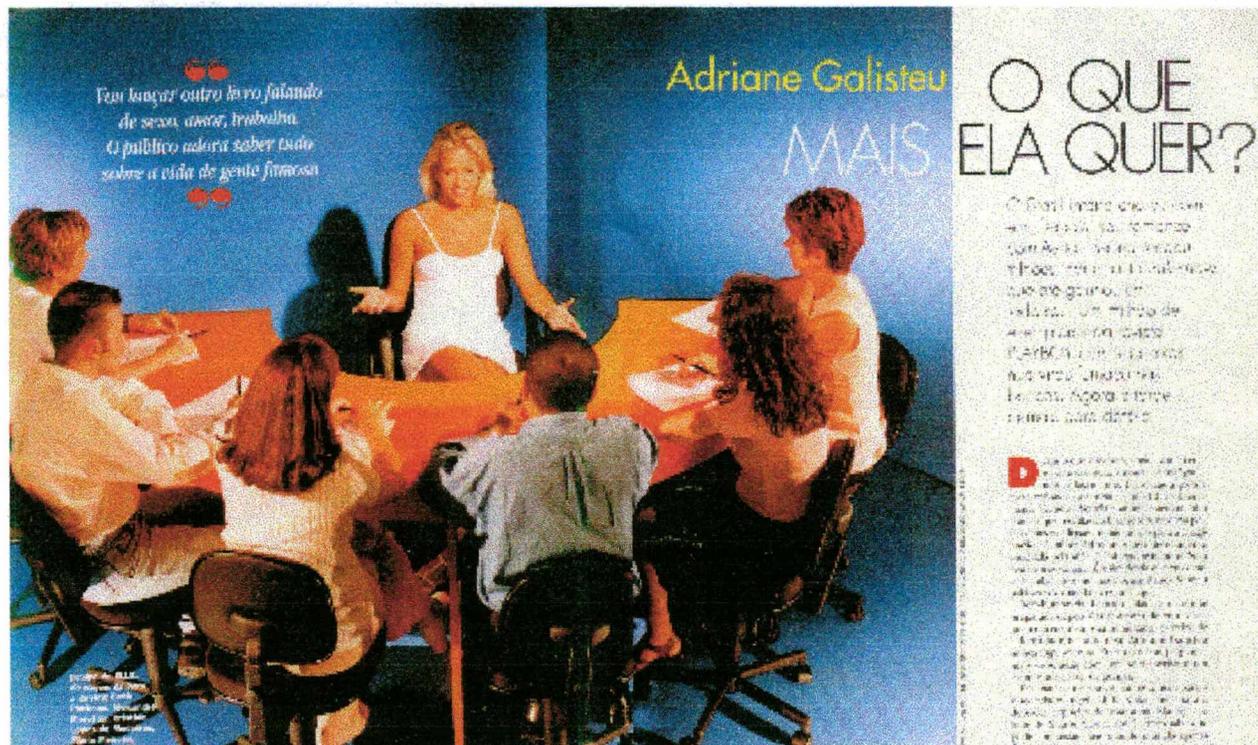


Foto 35

“*Instinto selvagem*”⁴¹. Galisteu incorpora uma porção Sharon Stone: “*microtubinho branco, que ressaltava o bronzado, revelava pernas e busto e deixava muito pouco para a imaginação (...) um belo sorriso e um estonteante cruzar de pernas*”⁴².

Galisteu é o centro de um semi-círculo em foto tipo interrogatório com a equipe de *Elle*.

Numa citação inversa, Sharon Stone aparece como candidata a personificar Galisteu em filme biográfico de Senna⁴³. Não seria apenas a semelhança física como o fato de ambas serem loiras ou por compartilharem o título de *sex-simbols* que as

⁴⁰ Responde Galisteu em entrevista a revista *Elle* (mar., 96, p. 18).

⁴¹ Filme de Paul Verhoeven de 1992.

⁴² Idem *Elle* acima, p. 15.

⁴³ *Manchete* (12/08/95, p. 18-19) e *Notícias Populares* (26/04/96, p. 6).

aproximaria. A relação que me parece estar sendo feita aí é também quanto à personagem de Sharon Stone, no filme citado antes, em que encarna uma ambígua escritora, com formação em psicologia, suspeita de assassinar seus parceiros sexuais com um picador de gelo e que manteria como álibi seus próprios livros, que seriam, em resumo, a história de seus próprios crimes. Mas, onde estaria o picador de gelo de Galisteu? Disfarçado em um inocente instrumento masculino de depilação?

“Pensa Ayrton Senna. Você é Ayrton Senna. Primeiro, existem pressões de milhões de lados diferentes, muita pressão em todos os sentidos. Segundo, é um cara que tem grana prá cacete, é um cara que pode ter tudo o que quer, que tem tudo o que quer e que está circulando cada dia num lugar diferente. Pô, o assédio deve ser brutal (...) eu acho muito difícil que alguém resista a (...) Mas tipo assim, acho que ele (...) eu estou dizendo tipo assim (...) é aí que eu digo que entrou a Adriane (...): que, a vida dele é aquilo ali, você tem 100% do tempo dedicado à tua profissão e quando sobra tempo e que você vai ter que dividir entre todas as outras coisas: lazer, alguém, que é o que eu acho que era dessa maneira que ele pensava. Então, que expectativa que você pode dar para alguém (...) como é que você pode dar esperança de viver, de ter uma família, bá-bá-bá, bá-bá-bá-bá? Não tem como. [Mas o Mansell (o piloto Nigel Mansell) tem (eu questiono)]. Mas o Mansell não é o Ayrton Senna, nunca (...). O Mansell corre por hobby (...) Para chegar ao nível dele (Senna) eu acho que tem que ter, tem que ter cabeça (...) Sabe, não é só treino (...) é ele, é a tua cabeça (...) te condicionar o tempo inteiro (...) Não estou dizendo que é positivo isso...”⁴⁴

Galisteu poderia estar sendo citada quase como uma co-autora, co-responsável indireta pela morte de Senna, na medida em que, como candidata a casar-se com ele o estaria desviando quase que literalmente de sua trajetória⁴⁵ e comprometendo sua dedicação, trabalho, rendimento...

“Para ser o melhor, é preciso abrir mão de privilégios, como mulheres, festas e diversão. O corpo tem que estar preparado para atender às exigências da mente.”⁴⁶

⁴⁴ Marcelo R. Santos Silva em segunda entrevista, um ano depois.

⁴⁵ “Adriane Galisteu as melhores curvas de Senna” é como se refere a revista Caras de 25/03/94 em entrevista com a modelo que afirma, na ocasião, ter dado um tempo na carreira para poder acompanhar Senna em suas viagens. Galisteu e Tamburello: as curvas no caminho de Senna?

“... (Senna) era um personagem que viveu todos os segundos da vida dele para o automobilismo até ele chegar aos 33 anos. Quando ele chegou aos 33 anos ele vinha de dois anos de F-1 que ele não estava conseguindo vencer (...) Existe uma teoria não sei se é Junguiana não sei qual é que diz que tem um momento na vida da gente que a gente faz uma análise de tudo que a gente conquistou até então e onde é que estão os nossos erros se é que tudo valeu a pena (...) Eu acho que o Senna entrava nos 33 com uma fase nova na vida dele (...) E a partir daí ele conhece a Adriane Galisteu e aí ele vive, na minha idéia (...), mas a impressão que eu tenho com o Nuno Cobra, por exemplo, que é uma pessoa que eu entrevistei e conhecia muito o Senna e disse: ‘Paulo, olha o momento mais feliz da vida do Senna com uma pessoa foi quando ele conheceu a Adriane. Ele estava apaixonadíssimo, ele estava feliz da vida, ele fazia tudo para ficar com ela’ (...), mas as vitórias no lado sentimental, no lado pessoal estavam trazendo derrotas no lado profissional. Ele já não era um bom piloto, ele já tinha perdido o reflexo, ele já não fez a preparação física que ele fazia todos os anos nas férias. Quer dizer, era um momento na vida do Senna que ele estava pelo menos descobrindo o que era o lado sentimental.”⁴⁷

Razão e sensibilidade. RazãoXsensibilidade. O feminino, a relação com o feminino, ou pelos menos a relação entre suas adjetivações e o prazer são desqualificadas e condenadas, ou consideradas incompatíveis com trabalho, êxito, sucesso, atributos privilegiados em Senna.

Senna ou super-Senna

“A questão é que ele preferia de longe o carro e as corridas (...) ninguém tinha dúvidas de que ele gostava mais de sua carreira do que de suas mulheres.”⁴⁸

Retomando uma suposta ambigüidade aqui não apenas sexual, mas também do herói, do “ser” além ou acima das capacidades mundanas, mortais. “Ayrton Senna: herói da mídia”, “Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”...⁴⁹ Senna, o homem além de seus limites “voando baixo” em sua nave computadorizada, “...lá vem Senna, na

⁴⁶ Ayrton Senna, publicado em “Ayrton Senna: o herói de corpo e alma”. *Quatro Rodas*. Mai., 1995, p. 11.

⁴⁷ Paulo Scarduelli, quando questionado sobre os bastidores da sexualidade de Senna.

⁴⁸ Patrícia Machado, modelo, ex-namorada de Senna em *Veja Extra*, 03/04/94, n. 18 a, p. 25.

⁴⁹ Títulos já citados antes.

ponta do dedos, vai chegar para a bandeirada...”⁵⁰. Seus poderes ou superpoderes lhe permitem ser visto em vários lugares quase simultaneamente, rompendo as barreiras do tempo⁵¹ e do espaço, pelos muitos canais inter/trans-comunicativos.

Béco, era um garoto normal, até os quatro anos de idade, quando uma mistura de óleo e gasolina (combustível dos carros de kart) modificou sua vida... Quando não está em ação, enfrentando seus “inimigos”, como poderiam ser interpretados seus adversários nas pistas, Senna atende/responde pela identidade de Ayrton, Ayrton Senna⁵², um bem sucedido homem de negócios⁵³, empresário brasileiro, considerado tímido, de estatura média, milionário tido como meio excêntrico, apaixonado por máquinas velozes que o permitem se deslocar rapidamente para qualquer lugar por terra, água e ar. Uma mansão em Angra dos Reis, litoral do Rio de Janeiro, funciona como uma de suas bases, cujos acessos são restritos (só se chega de barco ou de helicóptero) e de onde parte para enfrentar múltiplos desafios, que suas múltiplas identidades lhe reservam. Casado uma vez com uma aparente simples mortal⁵⁴, quase uniu-se em dupla à “*Xuxa: a rainha dos baixinhos*”⁵⁵.

⁵⁰ Galvão Bueno, nas narrações televisivas de F-1, na *Globo*.

⁵¹ Ver manobra em que Senna ultrapassa a barreira do som, em 1989, a bordo de um caça Mirage F-5 da Força Aérea Brasileira.

⁵² “*Na beira da piscina da casa de Angra, Ayrton vestia-se como mais gostava: usando apenas um short.*” (*Ayrton Senna: o herói de corpo e alma*). *Quatro Rodas*. op. cit. p. 48).

⁵³ Patrimônio estimado pelo jornal *Daily Mirror*, e publicado por *Interview* (182, 1995) em U\$ 200 milhões.

⁵⁴ *Cenas de um casamento: “Fevereiro de 1981, Serra da Cantareira, São Paulo (...) Eles tinha 21 anos e muita pressa de viver juntos. Ele, Ayrton Senna da Silva, um novo destaque nas corridas de Fórmula 3, Ela, Lillian Vasconcelos de Souza, filha única que mal saía sozinha do bairro onde morava, na Zona Norte de São Paulo. Os dois eram amigos de infância (...) namoravam há cinco anos quando resolveram se casar (...) Separaram-se 8 meses depois.”* (*Caras*, 13/05/94, n. 27). “...se tivessem esperado mais um pouco garanto que ele estaria casado com ela até o fim. Mas foram muito jovens para lá (Inglaterra) e muito inexperientes. Aí foi complicado. Ele queria porque queria vencer. Ela queria porque queria a casa bonitinha; dona de casa, tudo arrumadinho, (...) começou a entrar em choque e, mas tivessem esperado mais um pouco eles estariam, eles estariam juntos...” (Neide Senna da Silva, quando indagada sobre a relação de Senna com casamento).

⁵⁵ Cuja ascensão está associada e foi fortemente atribuída ao “rei” Pelé, outro símbolo que faz do Brasil uma monarquia esportiva (ver a “*rainha do basquete*” Hortênsia). Talvez fosse interessante desenvolver melhor, em outro lugar, essa forte relação entre esses personagens e todo um universo imaginário desse heroísmo

“... Espero que esse tal de Senna consiga logo essas proezas todas, esses recordes, e dê um pouco de paz para o Ayrton.

“Tive um relacionamento com o Ayrton, que era totalmente diferente do Senna. Eram duas figuras distintas (...) Na paz dos gramados do Cepeusp (Centro Poliesportivo da Universidade de São Paulo) (...) Conversávamos muito sobre esporte e olimpíadas. Ele gostava de saber dos recordes. Tinha admiração pelo **Serguei Bubka** (recordista mundial de salto com vara). Não era o Senna que estava lá correndo. Era o Ayrton, um amigo que soube me conquistar com sua meiguice, alegria de vida, sensibilidade...”

“... Nos domingos eu assistia aos desempenhos extraordinários, as façanhas sobre-humanas dele nas pistas. Era quase um ET naquele bólido. Depois me impressionava ver aquela pessoa transmutada. Chegava uma pessoa tão simples, guiando o próprio carro. Nunca teve motoristas, nunca teve guarda-costas. Essa pessoa ninguém conheceu, infelizmente. Ele não era nada ‘Senna’. Era aquela pessoa humilde, que me escutava, sedenta por informação, com enorme vontade de crescer - tinha o céu como limite.”⁵⁶

“Teimoso”, “levado”, “extrovertido” e “irriquieto” quando criança, revela a mãe em entrevista anteriormente citada. Achava ainda que o filho tinha algum problema neuromotor, porque vivia se machucando; chegou a fazer alguns exames para confirmar que não havia nada de errado com ele. Adulto “resguardado”, “concentrado”, “misterioso”, “tímido”; “gentil”, “cortês”, mas também “travesso”, “meninão”, “garoto trapalhão”, “traquina”, “moleque”, na versão de diferentes fontes,... “um criançao”, “muito brincalhão” completaria Xuxa, em entrevista para *Playboy* (ago., 1996, p. 50).

Qualificativos dirigidos a um Senna, como afirmam vários interlocutores seus, “pouco conhecidos”. Uma espécie de face oculta do dito “campeão”. Esses outros Sennas, apesar de pretensamente menos públicos, parecem completar-lhe, atribuindo-lhe aspectos excluídos de sua imagem pública mais ampla e acabam por reforçar uma idéia de incompatibilidades entre este e o universo do privado.

aristocrático. Galisteu, por outro lado, menos célebre do que Xuxa, parecia concorrer, a 1ª dama da F-1, a uma oficialidade menos nobre, porém, atualizada, talvez, pela modernidade representada pela F-1.

⁵⁶ Nuno Cobra falando de seus encontros preparatórios com Ayrton Senna para *Caras* (13/05/94).

Dupla, múltipla personalidade. A personagem que se transforma, se traveste, se monta - meio *drag* - para a cena, para o público, para o mundo. Barrichello, se juntando a Senna, em uma entrevista para *Jô Soares Onze e Meia*, fala dele mesmo e de Rubinho, na terceira pessoa do singular, numa indeterminação, entre duas personalidades distintas, autônomas, independentes, cujo ritual de transformação, de metamorfose de um para o outro, se efetiva/completa com a colocação do capacete.

Um processo consciente de incorporação de uma certa imagem, de uma representação que, por sua vez, tenta corresponder a determinadas expectativas. A performance parece vinculada ao poder quase involuntário e incontrollável dessa representação e o seu resultado, eficácia, à aproximação daquelas expectativas.

Eco, analisando o mito do *Superman*⁵⁷, observa o super-herói, vindo do planeta Círipton ainda bebê e revelando-se superdotado para os padrões dos terráqueos e que se revela não totalmente incompatível a uma identificação com estes. Lembra o autor sobre sua dupla-identidade:

*“o Superman vive entre os homens sob as falsas vestes do jornalista Clark Kent; e como tal, é um tipo aparentemente medroso, tímido, de medíocre inteligência, um pouco embaraçado, míope, súcubo da matriarcal e mui solícita colega Miriam Lane, que, no entanto, o despreza e está loucamente enamorada do Superman (...) Clark Kent personaliza de modo bastante típico, o leitor médio torturado por complexos e desprezado pelos seus semelhantes; através de um óbvio processo de identificação, um accountant qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade.”*⁵⁸

Sua bela forma, o corpo escultural, ainda é um corpo humano, o que não apenas o aproxima, dos terráqueos humanos, ainda que menos qualificados, pois privados de

⁵⁷ ECO, Umberto. “O mito do superman”. In: *Apocalípticos e integrados*. 1993. p. 239-279.

⁵⁸ ECO, Umberto. Op. cit. p. 247-248.

seus super-poderes, como o viabiliza enquanto modelo, referência na construção de uma certa imagem ou de uma subjetividade masculina.

“... ele me procurou, isso em janeiro de 84 e ele era um indivíduo realmente muito franzino, muito raquítico, muito fraco, um indivíduo nervoso, muito inseguro. (...) O Ayrton, quando eu o pus para correr 10 voltas na pista, ele parou na sétima com uma frequência de 240 batimentos por minuto. Um absurdo tal o estado de precariedade, de atrofiamento do seu aparelho cardiovascular e quando ele consegue correr 10 voltas ele sente que ele venceu um limite, que ele superou um obstáculo e na superação constante dos obstáculos que paulatinamente nós íamos colocando à sua frente foi se estabelecendo essa força mental, esse poder de ele achar que ele é capaz de todas as coisas...”⁵⁹

De procedência privilegiada, estranha à maioria de seus fãs espalhados pelo Brasil e pelo mundo, Senna não parece estar dentro dos padrões de beleza compatíveis com os de um *superman*, ou de algum outro modelo veiculado na mídia (Senna não era considerado um homem bonito), no entanto, era um modelo exequível. Seu corpo modelado, torneado ou esculpido, como gostaria Cobra, fora cuidadosamente construído, nos dez anos na F-1. Essa possibilidade de “*empurrar seus próprios limites*” (limites não apenas físicos), para o mesmo Cobra, dá-lhe outra chance de servir como modelo.

Ainda, para além dessas referências, há o interesse à violabilidade de seu mundo secreto, de sua mundanidade. Galisteu, anônima a princípio, é quem parece fornecer a medida desse interesse, descortinando esse mundo, revelando algumas de suas outras faces, ainda que buscando preservar-lhe *super-bem-dotadas* qualidades, como quando questionada por Marília Gabriela sobre a sua (dele) performance sexual, num dos programas *Cara a Cara*, após o lançamento de seu livro, ainda que demonstrando certo desconforto com a questão, ela mantém, resumindo, que ele era “*perfeito em tudo*”.

Gradualmente o super-herói Senna, é incorporado, tragado, absorvido pela cotidianidade, pelo anonimato das personagens do dia-a-dia. A heroicidade ou super-heroicidade passando por uma reatualização, perdendo exclusividade e excelência, dividindo-se com a platéia de anônimos(as) ou não e de *simples mortais*, se desdobrando, multiplicando e diversificando enquanto imagem. O que se traduziria num movimento de interesse por Galisteu, por seu lado confidencial e assim complementar a ele e, também em como Senna reúne grupos aparentemente tão diversos entre si.

Invasão, exposição ou expropriação da privacidade, do cotidiano, da rotina. O rompimento entre o público e o privado, o deslocamento ou a permeabilidade entre fronteiras segmentadoras de mundos, universos, entre celebridades e anônimos. A aproximação, reconciliação entre o “normal” e o “excepcional”, “extraordinário”. O desvelamento, a decomposição, explosão; recomposição, saturação de imagens.

“Produced under licensed from Ayrton Senna Foundation”⁶⁰

“Acho que a base do sucesso em qualquer atividade está primeiro em se ter uma oportunidade, que geralmente aparece não porque você cria o momento, mas porque alguém chega e abre uma porta.” A declaração assinada por Ayrton Senna aparece ao lado de foto sua em publicidade de duas páginas do *IAS* e *FAS*, em *Ícaro: Revista de Bordo Varig* (n. 142).

Empregando a fala de seu integrante mais ilustre, os Senna, que também não foram poupados de críticas pelo uso de sua imagem, justificam-se através de depoimentos gravados do próprio Senna, como o de 1993 impresso nos projetos do *IAS*, do desejo de seus planos virarem *“um sonho, que vejo crescer, progredir, vejo outras pessoas felizes através deles”*. Depoimentos que reforçam seu filantropismo tornado público

⁵⁹ Nuno Cobra, em entrevista citada antes.

somente após a sua morte - “*ele já vinha fazendo isso (ajudando pessoas necessitadas) religiosamente, com a condição de que seus atos não fossem divulgados*”⁶¹ - e redimensionado pelo IAS e FAS.

Filantropismo que, no entanto, parece não atenuar completamente as oportunidades de retorno nos negócios herdados por sua família. Os comentários à continuidade das boas ações de Senna aparecem comumente acompanhadas de algumas observações, algumas até bem diretas, apontando as portas abertas por Senna também à sua família:

*“Senna morreu há um ano e seu nome e imagem estão sendo utilizados para gerar lucros, por mais que os royalties sejam destinados para programa disso ou daquilo (...) Senna morreu e no lugar dele fabricaram um outro Senna que dá lucro...”*⁶²,

ou ainda,

*“Bons negócios e boas ações: a imagem de Ayrton Senna mantém intato o seu prestígio, alavanca os negócios da família e gera fundos para obras de assistência social (...) Além da demonstração de rara generosidade, o gesto serve também aos interesses comerciais do grupo. ‘A marca Senna ainda estava se consolidando no mercado e sem uma boa estratégia acabaria se diluindo rapidamente’, explica um especialista em comunicação e marketing. ‘O instituto serve para isso, e quem paga a conta, afinal, são os fabricantes dos produtos.’”*⁶³

Sob esse aspecto, talvez seja importante ressaltar que, ao mesmo tempo que uma das principais imagens de Senna o apontem como um tipo familiar, o modelo presente/encontrado aqui parece não ser ou concordar com aquele que se poderia afirmar de tradicional. Afinal, Senna (filho) era ou parece se sugerir que continue a

⁶⁰ É a frase nos produtos autorizados a fazerem uso da imagem de Senna.

⁶¹ *Manchete*, 18/05/96, p. 9.

⁶² MARIANTE, José Henrique. “*Rei morto, rei posto*”. *Folha de S. Paulo*. 29/04/95, cad. 4, p. 5.

⁶³ *Veja*, 03/05/95, p. 96.

ser o seu principal provedor, invertendo uma ordem mais ou menos previsível de que os pais são os principais responsáveis pela proteção e subsistência de seus filhos e estes seus herdeiros ou continuadores dito naturais. Apesar dos Senna já serem anteriormente bem sucedidos ou colocados profissional e economicamente, é Senna (filho) quem vai acrescentar-lhes ou atestar-lhes o seu ingrediente ou fórmula especial de sucesso.

“Campeão”, “o melhor”, “conforto”, “qualidade”, “velocidade”, “segurança”, “exigência”, “especialidade”, “experiência”, “agilidade”, “desempenho”, “eficiência”, “competitividade”, “alta tecnologia”, “sofisticação”, “performance”, “emoção”, “distinção”,... palavras-chaves que anunciam, oferecem e garantem Senna⁶⁴, o nome, a marca, os negócios, associando-os a um padrão internacional de qualidade, conotado a Senna também nas pistas.

Barriche(nna)llo

“... brasileiro foi um dos pilotos cogitados para substituir o tricampeão Ayrton Senna...” (FSP, 27/05/94, cad. 4, p. 8); “... - Estava muito bem, ganhando terreno. Estava chegando perto do Irvine, mas aí o motor quebrou...” (FSP, 30/05/94, cad. 4, p. 11), “- Aprendi que preciso ser o que sou. Com o tempo, as alegrias do Brasil vão voltar” (FSP, 28/03/95, cad. 1, p. 2), “Rubinho roda...” (DC, 08/07/95, p. 34), “Barrichello bate...” (FSP, 17/07/95, cad. 1, p. 1), “Barrichello perde dois pontos” (FSP, 17/07/95, cad. 4, p. 7), “Barrichello sofre com seu Jordan” (FSP, 11/09/95, cad. 4, p. 8), “Barrichello tem dia ruim” (FSP, 25/09/95, cad. 4, p. 8), “Barrichello é o mais pesado da categoria” (FSP, 09/03/96, cad. 3, p. 6), “... Barrichello erra e roda” (FSP, 01/04/96, cad. 1, p. 1), “... - Falta um pouquinho para chegarmos lá, e esse pouquinho vai vir com calma e paz de espírito...” (FSP, 01/04/96, cad. 3, p. 5), “Barrichello errou na freada” (FSP, 07/04/96, cad. 1, p. 6)...

“... Rubinho não quer comparações com Senna” (O Estado, 03/05/94), “Torcida aponta Barrichello como o sucessor de Senna (...) indica o resultado de pesquisa feita pelo Datafolha em todo o território nacional” (FSP, 29/05/94, cad. 5, p. 9), “... Para ele (Rubinho), a pressão da torcida diminuiu e o piloto prevê um GP

⁶⁴ “As empresas licenciadas para operar com a marca Senna em todo o mundo devem gerar negócios da ordem de US\$ 200 milhões desde o segundo semestre de 1994 até o final de 1997”, segundo estimativas da própria licenciadora, em FSP (14/08/95, cad. 2, p. 1).

tranquilo” (FSP, 28/03/96, cad 3, p. 5), “... Não deseja mais ser substituto do tricampeão e prefere seguir próprio caminho na Fórmula-1 (...) ‘Ele (Ayrton Senna) é insubstituível’” (DC, 31/03/96, p. 65).

“Jovial e cortês”, para o jornal espanhol *La Vanguardia* (FSP, 30/05/94, cad. 4, p. 11), “pequeno rapaz”, para José Simão na FSP (28/03/95, cad. 5, p. 8), *Ruby* ou *Baby*, como Eddie Jordan, o dono de sua equipe até 1996, o chama, ou “garoto” e “menino” como Barrichello, ele mesmo, se assume, falando de seu comportamento brincalhão fora das pistas para *Grid* (n. 11, nov. 1995). Expressões que remetem o então principal discípulo de Senna e seu suposto herdeiro ao trono brasileiro da modalidade, vago desde a Tamburello, a um universo de inexperiência e imaturidade.

A face/imagem de Barrichello, sempre sorridente e disponível, também não tem parecido aqui muito compatível com as expectativas a um candidato a se tornar um segundo *Senna*, cuja sisudez comumente era interpretada pelos vários veículos de mídia como sinônimo de seriedade, concentração, maturidade e responsabilidade. Os jogos e piadas, segundo depoimentos encontrados do próprio Senna e de alguns de seus amigos mais próximos, mantinham-se reservados aos bastidores, distantes dos olhares públicos das câmaras.

Com 22 anos, quando Senna morreu, Barrichello tem se dividido na imprensa entre afagos e cobranças que o infantilizam e o afastam mais do que o aproximam de seu principal mentor; admitindo formalmente seus insucessos a problemas com os carros, mas sugerindo também esse distanciamento às diferenças de talento entre ambos e/ou a ausência das qualidades acima. Assim, que a imagem de Barrichello está mais para uma versão inacabada, *trash* ou *comics* de Senna.

Interessante que Senna chegou à F-1 com 24 anos, ou seja, com dois a mais que Barrichello. Uma outra questão é que o *tempo*, crucial nesta categoria, nos

depoimentos observados de vários comentaristas e dos próprios pilotos, também o é com relação à sua vida útil, permanência e manutenção nas equipes. O que se verifica um pouco aqui é uma incompatibilidade entre a precocidade etária, valorizada para se ingressar na F-1, e um comportamento, que lhe é tido como característico.

Barrichello, Christian Fittipaldi (que se transferiu para a Indy), Pedro Paulo Diniz, Ricardo Rosset, Tarso Marques, outros “*meninos do Brasil*”, como *IstoÉ*⁶⁵ os apresenta em matéria publicada após o acidente com Senna e que coloca o Brasil como “*uma fábrica de pilotos notáveis que podem levar adiante a saga de vitória de Ayrton Senna*”. Uma geração de novos pilotos, um tipo de contingente de reserva, candidatos também na sucessão aos oito mundiais conquistados pelo País na categoria, o qual por sua vez, tem se reservado à condição de celeiro, não apenas da F-1 ou do automobilismo, mas que se entende como responsável por abastecer o universo esportivo de heróis mundiais⁶⁶

*

... Um corpo envolto em aparente lona, suspenso, içado por um helicóptero tendo a mata como cenário de fundo... O corpo-pêndulo semi-orbita sobre si mesmo enquanto sobrevoa em direção a um paredão cortado na montanha... No painel do radar um ponto luminoso descreve uma trajetória, arremete à esquerda e desaparece a 360Km/h, enquanto vozes no rádio comunicador pedem e cedem instruções, até que o sinal some... Outro corpo em forma de embrulho..., outro corpo, outro... Serra da Cantareira, Guarulhos, São Paulo. 1996. 2 e 3 de março.

*

⁶⁵ *IstoÉ*, 11/05/94, p. 60.

⁶⁶ Como o do futebol, por exemplo, que elegeu o jogador Romário, “*o melhor do mundo*” de 94 (*FSP*, 31/01/95, cad. 4, p. 4), por sua participação na Copa daquele ano, mesmo da morte de Senna; além de outros.

Mamonas em Senna

Caixões perfilados, cobertos com a bandeira brasileira, ocupam o centro do Ginásio, num velório para aproximadamente 60 mil pessoas⁶⁷. Enterro, reconstituição, cobertura. A simulação do acidente: morte quase ao vivo; trágica, violenta, instantânea, no auge. Morte sem corpo. O anúncio da morte no domingo, a alteração na programação: *Mamonas* invadem *Domingão do Faustão* e *Programa do Gugu*; versão triste/fúnebre de “*Pelados em Santos*” (a música da “*Brasília amarela*”, considerada uma das de maior sucesso da banda) trilha o cortejo das imagens.

As hipóteses causais, as responsabilidades. A descrição dos corpos..., o horror, o terror; o inexplicável. As personagens, os símbolos nacionais, as piadas, o trágico e o cômico, as premonições, o sagrado e o profano; as histórias de vida, a família, os herdeiros, as supostas viúvas...

A repetição das imagens. A repetição da repetição das imagens. As relações/associações, citações, apropriações... Ingredientes de uma *serial death-image*. Referências diretas e indiretas a Senna, num extensivo Efeito Tamburello.

Assim que, conforme já dito, Senna é resultado de um contexto e de um processo que lhe são anteriores, dos quais extrai e rearranja referências, intensificando-os, dando-lhes um novo sentido de continuidade. Mas também, Senna parece não ter deixado marcas apenas no muro da Tamburello. Seu “S” ou os seus desdobramentos continuam a repercutir positiva e eficazmente servindo ele também enquanto referência, modelo e/ou inspiração, ampliando sua expectativa de vida.

⁶⁷ Veja, 13/03/96, p. 102.

Cenas finais, reais e imaginais

Di, ou Diana, a princesa de Gales, figura entre uma das mais recentes imagens num desastre (multi-cult-real) fatal, de automóvel, com seu namorado-príncipe egípcio, Dodi Fayed, em 31 de agosto de 1997⁶⁸. A trajetória de Diana, enquanto imagem, foi fortemente marcada enquanto protagonista do chamado “*casamento do século*”, em 1981, com Charles, herdeiro do trono inglês. Sobre o *Royal Wedding*, transmitido pela TV, ao vivo para, estima-se, 1 bilhão de espectadores⁶⁹ em todo o mundo, comenta Eco:

“Estava absolutamente claro que tudo aquilo que acontecia de Buckingham Palace até a Catedral de Saint Paul fora ensaiado para a televisão. O cerimonial excluía as cores inaceitáveis, os costureiros e as revistas de moda haviam sugerido cenas em torno das cores pastel, de maneira que tudo respirasse, cromaticamente, não apenas um ar de primavera, mas um ar de primavera televisiva.

“... o vestido da noiva (...) fora feito para ser visto de cima (...) os cavalos da realeza tinham sido tratados durante uma semana inteira com pílulas especiais, de tal modo que seu esterco ficasse com uma cor telegênica. Nada podia ser confiado ao acaso, tudo era dominado pela transmissão da tevê”⁷⁰

Dezesseis anos e muitas imagens depois: “*A pessoa mais famosa do mundo*”, “... *a mais fotografada de todos os tempos*”, em 1995⁷¹, co-move olhares num funeral para 2 bilhões de telespectadores. Em meio a flores depositadas a Diana, diante de um dos castelos reais, uma anônima resume o fenômeno num dos noticiários, expressando a importância de estar ali, compartilhando (direta ou indiretamente) de

⁶⁸ O acidente, da madrugada de sábado para domingo, na França (no Brasil, ainda era sábado) recupera uma programação de plantão: notas e flashes no meio da programação, correspondentes especiais no exterior, *Faustão* e *Gugu* concorrem através de uma “*informação de última hora*”, “*especiais*” durante a semana, filmes biográficos são exibidos, o curso das investigações... e eis Senna de novo, como uma luminescência, no depoimento do jornalista Pedro Bial para *Faustão* sobre a responsabilidade dos *paparazzi*, caçadores de imagens, na morte da princesa. Fico sabendo, então, que a foto do rosto de Senna, a parte de seu corpo mais atingida pelo acidente de 94, teria sido divulgada três meses após sua morte, por uma revista alemã, contrariando um suposto acordo da imprensa internacional sobre a divulgação de imagens mórbidas de pessoas célebres.

⁶⁹ Segundo *SBT Repórter*, 03/09/97.

⁷⁰ ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 1984.

⁷¹ De acordo com diferentes fontes jornalísticas que cobriram a sua morte.

uma experiência, com outras pessoas (conhecidas ou não), chamando a atenção, portanto, para uma interação positiva, uma comunidade, ou “*tribo*” (de Maffesoli⁷²) imaginal, em que você configura como elemento, personagem ativo e interessado dessa imagem. Um roteiro, orientado, agora, não apenas pelas câmaras, mas também pelas próprias imagens.

⁷² Maffesoli, Michel. *A contemplação do mundo*. Op. cit.

SENNÁ FINAL

Considerações finais

*

“... *vai acender a luz verde, vai ser dada a largada...*”¹

*

Senna desliza sob os dedos nas teclas do computador. No monitor, Senna é letras, palavras, pontos, vírgulas, aspas, parágrafos, interrogações... Suas imagens se estendem, contraem, pulsam. Salvar, deletar, copiar, colar... Senna respira excitado, sob a guarda vigilante de um protetor de tela. Impaciente, como um bebê que já cumpriu sua gestação, parece chutá-la, ameaçando rompê-la, saltando diante dos olhos como um *alien* determinado a parasitar outras telas e prolongar-se enquanto imagem.

*

Cenas finais, momentos finais, imagens dramáticas, ficcionais, diria cinematográficas tentam encerrar uma participação constante e espetacular de Senna no dia-a-dia das atividades das mais rotineiras às mais excepcionais deste trabalho. Mas Senna não diz respeito somente a mim, nem este trabalho diz respeito apenas a Senna. Não se trata de um fenômeno único, extremo ou isolado, tem a ver com todo um contexto, uma continuidade que lhe é anterior e posterior assim como a leitura

¹ Na locução habitual de Galvão Bueno, indicaria mais um início das corridas de F-1. Aqui, colocado no final, procura indicar outros(s) início(s) possível(is), no sentido de continuidade ou do que este estudo permite ainda ser pensado.

sobre ele não é única nem terminal, mas igualmente contextual e temporária/provisória e limitada.

Senna é um fenômeno imagético complexo, que tem a ver com a contemporaneidade, com o nosso tempo. Senna faz parte de um cotidiano, tão próximo quanto possível, tão aparentemente banal quanto sintonizar o canal de TV durante o café, ler a manchete do jornal do dia ou da revista da semana ainda na banca e ao mesmo tempo tão aparentemente restrito e exclusivo quanto pilotar um F-1 a 350Km/h. Ao mesmo tempo saber-se compartilhá-lo com milhões de pessoas completamente desconhecidas entre si aqui ou em outra parte do mundo, numa experiência coletiva/comunal, mas particular e específica, de grandes proporções.

*

Senna e sua morte me aconteceram, inesperadamente, via TV e prolongaram-se por outros veículos de mídia igualmente familiares, insinuando-se enquanto um objeto presente/recorrente, potencialmente rico e, portanto, interessante de investigação. Ter me expressado sempre na primeira pessoa do singular pode ter dado um toque muito subjetivo a esta dissertação, no entanto tem a ver com assumir uma condição de autora e, assim, de intérprete dessa interlocução. Interlocução que se dá no jogo poderoso de olhares que confunde sujeito-observador e objeto-observado.

Pensar Senna implica pensar a atualidade, a contemporaneidade, a cotidianidade que se renova veloz e impetuosamente, exigindo uma, igualmente, atualidade quanto às abordagens teórico-metodológicas e é disso também que se trata esse trabalho. Pensar o presente é inserir-se enquanto objeto, é dirigir o olhar a si mesma e ir revelando suas próprias imagens.

Esse trabalho começou falando da morte de Senna, de seu encontro fatídico, para terminar falando de sua vida, ou melhor de sua sobrevivida ou uma forma de vida outra, especial, em que a referência principal continua viva e ativa, se reatualizando constante e periodicamente, sob diferentes tons, nuances, formas, ritmos... Este trabalho fala de Senna, de suas imagens, mas procurando oferecer pistas para se pensar sobre a presença das imagens que não se encerram nele, imagens de um modo geral, no mundo hoje. Fala de imagens, o que parecem nos dizer implícita ou explicitamente e sobre a sua intensa presença.

*

Senna: o piloto, o ídolo, o herói, o símbolo, a marca...: a morte célebre, ímpar, espetacular, violenta, trágica, ao vivo diante de milhões de olhares. Senna: o homem, o mito, o mártir, o santo... Senna preocupado com suas imagens, com a relação com o público. Senna fabricado, construído estrategicamente, sua imagem mais ou menos central, homogênea, predominante; da estréia na F-1 à repercussão/propagação e os cuidados com a herança dessa imagem.

Senna fragmentado, multiplicado, potencializado em termos de imagem, no choque final num efeito Tamburello. Imagens formais, oficiais alternam-se, dialogam com outras complementares ou menos sofisticadas ou destoantes/discordantes, controversas. Senna múltiplo e diverso é citação ou referência, modelo, elemento de comparação, de construção, de inspiração para outras e diferentes imagens.

Quatro anos ou mais de 1460 dias depois, suas imagens ainda ecoam, irradiam já com menor intensidade, direta ou indiretamente de diferentes formas, sugerindo múltiplas direções, versões, com as quais este trabalho admite também contribuir ou

se incluir como resultado desse mesmo efeito multiplicador, fragmentador e potencializador da Tamburello.

*

Senna coloca várias questões. Algumas delas tem a ver com a positividade das imagens, no que têm de eficiência; algumas das imagens, ou leituras possíveis de Senna; os valores agregados a ele, sua, familiaridade, localidade, nacionalidade, globalidade, religiosidade, ambigüidade, desproporcionalidade... que ressalta/destaca e a experiência comunal, integradora como um tipo novo de interação, de grandes dimensões.

*

Quando Senna irrompeu naquela curva, parecendo querer vencê-la, num mergulho sobre o desavisado e aparentemente indiferente paredão (como afirmariam posteriormente vários noticiários, em função do choque, deslocado alguns centímetros de seu lugar), deflagrou uma seqüência de imagens. À insistência que se seguiu, Senna parecia querer ultrapassá-lo, perfurá-lo como que alucinado ou anestesiado em sua cápsula suicida. A explicites do(s) golpe(s) mortal(is) surpreendeu(eram) ao mesmo tempo que pareceu suspender o tele-espectador dividido num trânsito acostumado a imagens esportivas espetaculares durante transmissões automobilísticas e imagens supostamente reais/verdadeiras buscadas por um certo tipo de jornalismo, dando margem a muitas e diferentes interpretações.

O piloto e a máquina, a máquina e o muro. O novo (a modernidade tecnológica da máquina e da mídia, o palco televisivo) e o velho (o antiquado muro). A morte de

Senna relaciona o novo e o velho numa atualidade pós-moderna em que novos limites, distâncias são/estão colocados.

A repetição, a serialidade, a estética de uma morte não anunciada, sob a mira indiscreta de milhões de olhares vorazes. Não foram apenas as imagens da sua morte que se repetiram incansavelmente/incessantemente. Senna esteve e ainda está lá, em cena, em episódios reprises ou sob outros arranjos. Mesmas imagens sob diferentes ângulos/versões. Sob uma mesma receita, é o tempo das reciclagens, das composições, quando o novo é apenas o mesmo com alguma outra variação, com um outro tipo de aproveitamento.

Ao pensar sobre Senna e sua morte, mas não apenas sobre ele, assim como também não apenas sobre imagens de mortes, mas sobre imagens de um modo um pouco mais geral, ele ilumina outros fenômenos imagéticos semelhantes, igualmente poderosos, recorrentes e atuais, que o antecederam e se seguiram a ele. Assim, a experiência com Senna não se resume/restringe aqui, o que o torna também uma experiência serial.

A morte real, inventada, reinventada, simulada. Senna construído, fabricado, fragmentado. O investimento na imagem é antigo. Senna inova quanto às técnicas, aos equipamentos e instrumentos utilizados e, ainda que não inaugure, quanto à importância, centralidade que assume enquanto imagem, representação. Reino da fantasia, da imaginação, da representação. Mas a representação, o estar no lugar do outro ou de alguma coisa, já só não basta. Imagens dizem-se explicitamente de si mesmas, sem necessariamente fazerem uso de metáforas, de outras imagens.

Identidades novas são experimentadas. Sob aqueles olhares Senna exercita um repertório de múltiplas e diferentes imagens, fartas e diversas verdades sobre ele

mesmo. O real e o irreal já se confundem ou mesmo inexistem. Não importa saber quem foi Senna, não se trata de falsos Sennas versus Sennas verdadeiros, e por mais que se persiga, como foi realmente sua morte, importam suas imagens no que elas tem de realidade, ou mesmo de irrealidade. Importa, igualmente, fazer parte da cena, do espetáculo, do circo, que vaza para o exterior, que já não é só da F-1, onde cada um desenvolve a(s) sua(s) própria(s) cena(s), performance(s), sua(s) própria(s) realidade(s).

O cotidiano se estetiza: a arte invade a vida, o mundo ou estes se apropriam da linguagem daquela, numa rotina imagética de grandes proporções. Câmaras inventam imagens, imagens inventam-se a si próprias. Celebidades e anônimos dialogam, trocam olhares, imagens, estabelecem uma rotina e um roteiro, subvertem o poder do olhar pretensamente único, esquadrinhador, enquadrador, classificador da câmara.

Nesse contexto imagens parecem reassumir um espaço outrora deslocado ou desvalorizado, ou domesticado, readquirindo respeitabilidade não mais apenas como expressão de uma certa verdade, uma vez que não se buscam mais unicamente supostas verdades, mas imagens-mundo, capazes de oferecer um universo abrangente de possibilidades participativas/interativas e interpretativas.

Igualmente importante perceber na contemporaneidade, a participação midiática como reserva salvaguardadora de uma memória histórica ou instrumento constituidor/construtor de nossos mitos contemporâneos ainda que seus valores estejam supostamente apoiados em referências de uma modernidade tardia.

Senna nos coloca que o público e o privado têm suas fronteiras esgarçadas. Senna é público e privado ou os limites que definem esses universos perdem resistência. Sua

imagem antes reservada estoura indiscretamente *nua em pêlo*. Galisteu *rouba* Senna; pouca ou nenhuma roupa, Senna reaparece travestido num corpo feminino poderoso que subverte em gênero, o universo masculino restrito da F-1.

Sennas reais, irreais, virtuais, triviais; simbólicos, explícitos... Sennas imaginários, imaginais, nobres ou marginais... Mundo imaginal, dos sentimentos, das emoções, sensações, dos sentidos, dos efeitos; experiências estética, plástica, dramaticamente adquirem visibilidade, realidade. Limites, fronteiras se embaralham/confundem, redesenhando trajetórias, descrevendo/re-escrevendo novos roteiros, novas geografias, cartografias, paisagens, experiências, encontros.

É a redescoberta das imagens a reconciliação do prazer pelo sensível. É o reino da fantasia; mundo rediviso, mundo-tela, grande vitrine, ver e ser visto; grande estúdio, ao mesmo tempo que sala de TV, se assiste e se atua. Mundo do fantástico, das alegorias, das ilusões, imagens saem das sombras, da obscuridade e ganham/conquistam espaço, vida.

*

Acho que o que faz de Senna esse fenômeno que se tornou tem menos a ver com os símbolos associados a ele, as imagens a ele associadas e mais àquele controle que lhe escapou, que fez de cada tele-espectador um piloto em potencial capaz de concluir sua própria trajetória, uma obra aberta/inacabada/inconclusa de onde se extrai uma experiência ímpar, singular e ao mesmo tempo plural, múltipla e comum.

TV, esse veículo transmissor de imagens, “*buraco*” por onde se perscrutam/evidenciam experiências, mas não só a TV. A minha experiência, a experiência do outro. O impacto de Senna não foi apenas dele. Foi compartilhado,

ainda que diferentemente tanto aqui quanto em outras partes do mundo, num fenômeno irradiador comparável/semelhante a tantos que se sucedem diariamente, em larga escala, via imagens.

Relação de fotos

1. "A última imagem divulgada da câmera de Senna: o piloto já sabia que havia algo errado e fazia um grande esforço para controlar o carro, que aqui já está fora do traçado normal". *Grid*. Mai., 1995. p. 27.
2. HILTON, Christopher. *Ayrton Senna: a face do gênio*. RJ, Ed. Rio Fundo, 1992. Capa.
3. *Grid*. Jul., 1994. p. 45.
4. Id. *Ibid*. p. 44.
5. Id. *Ibid*. p. 44.
6. *Veja*. 03/05/94. p. 11.
7. Id. *Ibid*. p. 8.
8. *Grid*. Jul. Op. cit. p. 44.
9. SANTOS, Francisco. *Ayrton Senna do Brasil*. SP, Edipromo, 1994. p. 73.
10. "Ayrton Senna: o herói de corpo e alma". *Quatro Rodas*. Mai., 1995. p. 11.
11. Pôster. "Ayrton Senna: o herói de corpo e alma". *Quatro Rodas*. Op. cit.
12. HENRY, Alan. *Recordando Ayrton Senna*. SP, Edipromo, 1994. Capa.
13. *Veja*. Extra. 03/05/94. Capa.
14. "Ayrton Senna: o herói de corpo e alma". *Quatro Rodas*. Op. cit. p. 31.
15. HILTON, Christopher. *Ayrton Senna*. RJ, Ed. Rio Fundo, 1994. p. 85.
16. *Ayrton Senna: a trajetória do herói*. N. 1. p. 49.
17. *Super Sport*. Especial. N. 3. p. 36-37.
18. "Ayrton Senna: o herói de corpo e alma". *Quatro Rodas*. Op. cit. p. 46.
19. Id. *Ibid*. p. 44-45.
20. Id. *Ibid*. p. 46.
21. Id. *Ibid*. p. 46.
22. Id. *Ibid*. p. 46-47.
23. SANTOS, Francisco. *Ayrton Senna do Brasil*. Op. cit. p. 173.
24. *Playboy*. Ago., 1995. p. 113.
25. *Veja*. Extra. 03/05/94. p. 48-49.
26. *IstoÉ*. 11/05/94. p. 13.
27. *Veja*. 11/05/94. p. 53.
28. *DC*. 01/05/95. p. 3.
29. *DC*. 05/05/96. p. 3.
30. *Carta Capital*. 05/03/97. p. 35.
31. *Manchete: histórica*. Mai., 1994. p. 10-11.
32. *IstoÉ*. 11/05/94. p. 2-3.
33. Pôster. *DC*. 01/05/95.
34. *Quatro Rodas*. Mar., 1995. p. 135.
35. *Elle*. Mar., 1996. p. 14-15.

Referências bibliográficas

Bibliografia citada

- ABREU**, Regina. Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha. RCBS, n. 24, fev., 94.
- ANDERSON**, Benedict. Comunidades imaginadas. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ARIÉS**, Philippe. O homem diante da morte. RJ, Francisco Alves, 1981. 2 v.
- BARBOSA**, Livia. O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros. 2. ed. RJ, Campus, 1992.
- BAUDRILLARD**, Jean. Modernité. In: Encyclopedie Universalis. Paris, 1985, v. 12. p. 424-426.
- _____. Simulacros e simulação. Lisboa, Relógio d'Água, 1991.
- BENTES**, Ivana. Aqui Agora: o cinema do submundo ou o tele-show da realidade. Imagens. Campinas, 1994.
- BERNARDO**, Adiléia Aparecida. Imagens em Senna. (Ensaio apresentado no GT de Antropologia Visual e da Imagem, na V Reunião da ABA(Merco)Sul), mimeo, 1995.
- BERNARDO**, Aglair M. Sexualidade virtual. Fpolis., mimeo, 1995.
- _____. Um novo tipo de "impulso" na cidade: um estudo do serviço telefônico Disque Amizade de Florianópolis. (Dissertação de Mestrado). Fpolis., mimeo, 1994.
- BUCCI**, Eugênio. O fator Leo Minosa: ou uma das possibilidades de violência nos meios de comunicação. Imagens. Campinas, 1994.
- BURKE**, Peter. Cultura popular na Idade Moderna. RJ, Cia. das Letras, 1989.
- _____. A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV. RJ, Jorge Zahar, 1994.
- CALDEIRA**, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. Novos Estudos CEBRAP. 1988.
- CANEVACCI**, Massimo. Antropologia da comunicação visual. SP, Brasiliense, 1990.
- CARVALHO**, José Jorge de. Antropologia: saber acadêmico e experiência iniciática. Mimeo.
- CHEVALIER**, Jean, **GHEERBRANT**, Alain. Dicionário de símbolos. RJ, José Olympio, 1988.
- CONNOR**, Steven. Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo, Loyola, 1992.
- CRESPO**, Jorge. A história do corpo. Lisboa, Difel, 1990.
- DAMATTA**, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. 5. ed. RJ, Guanabara, 1990.
- _____. Morte: a morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro. In: A casa e a rua. 4. ed. RJ, Guanabara Koogan, 1991.

- EAGLETON**, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. SP, Martins Fontes, 1994.
- ECO**, Umberto. Apocalípticos e integrados. 5. ed. SP, Perspectiva, 1993.
- _____. A inovação do seriado. In: Sobre os espelhos e outros ensaios. RJ, Nova Fronteira, 1989. p. 120-140.
- _____. Viagem na irrealidade cotidiana. 9. ed. RJ, Nova Fronteira, 1984.
- ELIADE**, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. SP, Martins Fontes, 1992.
- ELIAS**, Norbert. A busca da excitação. Lisboa, Difel, 1992.
- FEATHERSTONE**, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. SP, Studio Nobel, 1995.
- FITTIPALDI**, Emerson. A arte de pilotar. POA, L&PM, 1990.
- FONSECA**, Cláudia Lee W. Feminino, masculino e formas de poder: o código de honra em uma vila portoalegrense. Mimeo, 1988.
- FOOTE-WHYTE**, William. Treinando a observação participante. In: **GUIMARÃES**, Alba Zaluar (org.). Desvendando máscaras sociais. 2. ed. RJ, Francisco Alves, 1980. p. 77-86.
- FOUCAULT**, Michel. O panoptismo. In: Vigiar e punir. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GALISTEU**, Adriane. Caminho das borboletas: meus 405 dias ao lado de Ayrton Senna. SP, Caras, 1994.
- GEERTZ**, Clifford. A interpretação das culturas. RJ, Zahar, 1978.
- GIDDENS**, Anthony. As dimensões institucionais da modernidade. In: As conseqüências da modernidade. SP, Ed. UESP, 1991.
- _____. A transformação da intimidade. 2. ed. SP, Ed. UNESP, 1993.
- GOFFMAN**, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____. A elaboração da face. In: **FIGUEIRA**, Sérvulo (org.). Psicanálise e Ciências Sociais. RJ, Francisco Alves, 1980. p. 76-114.
- GROSSI**, Miriam. Devaneios íntimos, teorias explícitas: gênero e subjetividade na Antropologia. Fpolis., mimeo, 1992.
- _____. (org.). Trabalho de campo & subjetividade. Fpolis., UFSC, 1992.
- HARVEY**, David. A condição pós-moderna. SP, Loyola,
- HENRY**, Alan. Recordando Ayrton Senna. SP, Edipromo, 1994.
- HILTON**, Christopher. Ayrton Senna: a face do gênio. RJ, Ed. Rio Fundo, 1992.
- _____. Ayrton Senna. RJ, Ed. Rio Fundo, 1994.
- HORKHEIMER**, Max, **ADORNO**, Theodor W. A indústria cultural. In: **LIMA**, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. RJ, Paz e Terra, 1978. p. 159-204.
- HUYSSSEN**, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: **HOLLANDA**, Heloísa (org.). Pós-modernidade e política. RJ, Rocco, 1991. p. 15-80.
- JAMESON**, Fredric. El posmodernismo como lógica cultural del capitalismo tardío. (Pos modernism, or, the cultural logic of late capitalism. 1984).

- _____. Transformações da imagem na pós-modernidade. In: Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios. RJ, Ed. UFRJ, 1994. p. 115-143.
- KAPFERER**, Jean-Nôel. Boatos: o mais antigo mídia do mundo. RJ, Forense Universitária, 1993.
- LEAL**, Ondina Fachel. A leitura social da novela das oito. Petrópolis, Vozes, 1986.
- LIMA**, Edvaldo Pereira. Ayrton Senna: guerreiro de aquário. SP, Brasiliense, 1995.
- LINS**, Daniel Soares. Ayrton Senna: a imolação de um deus vivo. Fortaleza, Ed. UFC, 1995.
- LOPES**, J. Sérgio Leite. Esporte, emoção e conflito social. Mana: Estudos de Antropologia Social. 1995. p. 154-155.
- LIPOVETSKY**, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. SP, Cia. das Letras, 1989.
- LYOTARD**, Jean-François. O pós-moderno. RJ, José Olympio, 1986.
- MAFFESOLI**, Michel. A contemplação do mundo. POA, Artes e Ofícios, 1995.
- MALINOWSKI**, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. 2. ed. SP, Abril Cultural, 1978.
- _____. La socialidad en la postmodernidad. In: VATTIMO, G. y outros. En torno a la posmodernidad. Anthropos Editorial del Hombre. p. 103-110.
- MAUSS**, Marcel. Sociologia e Antropologia. SP, EPU, 1974.
- OLIVEN**, Ruben. A antropologia de grupos urbanos. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- ORTIZ**, Renato. A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural. SP, Brasiliense, 1988.
- PARENTE**, André. Imagem máquina. RJ, Ed. 34, 1993.
- RIAL**, Carmen S. Análise crítica do artigo de Alain Testart, 'L'objet de l'Anthropologie Sociale' em L'Homme n. 97-98, 1986. Texto apresentado em concurso para professor do PPGAS, 1992.
- _____. Publicidade e etnia no Brasil. In: PINHO, J. B. (org.). Trajetória e questões contemporâneas da publicidade no Brasil. SP, Intercom, 1995. p. 129-145.
- RIBERO**, Nice. Fórmula-1: o circo e o sonho. 3. ed. SP, Best Seller, 1990.
- RODRIGUES**, José Carlos. Tabu de corpo. 3. ed. RJ, Achiamé, 1975.
- ROSALDO**, Renato. Cultura y verdad. México, Grijaldo, 1991.
- SAMAIN**, Etienne. Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica. ANPOCS, HUCITEC. SP, 1995.
- SANTOS**, Francisco. Ayrton Senna do Brasil. SP, Edipromo, 1994.
- SCARDUELLI**, Paulo. Ayrton Senna: herói da mídia. SP, Brasiliense, 1995.
- SILVA**, Hélio R. S., **MILITO**, Cláudia. Vozes do meio fio. RJ, Relume-Dumará, 1995.
- TEDLOCK**, Dennis. A tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica. Anuário Antropológico/85. 1986.

THOMAS, Louis-Vincent. *Antropologia de la muerte*. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

TUBINO, Manoel. *O que é esporte*. SP, Brasiliense, 1994.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. RJ, Zahar, 1973.

Bibliografia consultada

AUGÉ, Marc. *L'anthropologie aujourd'hui*. Tramandaí, ABA(Merco)Sul, 1995.

_____. *Los "no lugares": espacios del anonimato: uma antropologia de la sobremodernidad*. Barcelona, Gedisa, 1993. p. 9-13.

BARTHES, *Mitologias*. 9. ed. RJ, Bertrand Brasil, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. SP, Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. SP, Perspectiva, 1992.

_____. *How can one be a sports fan?* In: **DURING**, Simon. *The cultural studies reader*. New York, Routledge, 1994.

BROMBERGER, Christian. *Paraître en public: des comportements routiniers aux événements spectaculaires*. Terrain. oct./1990, n. 15. p. 5-11.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Antropologia e poder: uma resenha de etnografias americanas recentes*. BIB. RJ, 1989, n. 27. p. 3-50.

_____. *Uma incursão pelo lado "não-respeitável" da pesquisa de campo*. Ciências Sociais Hoje. V. 1. CNPq/ANPOCS, 1981.

CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica*. RJ, Paz e Terra, 1986.

COELHO, Teixeira. *Moderno pós moderno: modos e versões*. 3. ed. SP, Iluminuras.

COLLIER JR., John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. SP, EPU, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

CRAPANZANO, Vincent. *Diálogo*. Anuário Antropológico/88. RJ, Tempo Brasileiro/UNB, 1991. p. 59-80.

DAYAN, Daniel. *Présentation du pape en voyageur: télévision, expérience rituelle, dramaturgie politique*. Terrain. oct./1990, n. 15. p. 13-28.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. SP, Perspectiva, 1976.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* 5. ed. RJ, Rocco, 1991.

_____. *Trabalho de campo*. In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. RJ, Rocco, 1987. p. 143-173.

DORFLES, Gillo. *A moda da moda*. Lisboa, Edições 70, 1984.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. SP, Ed. Paulinas, 1989.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 11. ed. SP, Perspectiva, 1994.

_____. *Obra aberta*. SP, Perspectiva, 1976.

_____. *O super-homem de massa*. SP, Perspectiva, 1991.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O que é herói*. SP, Brasiliense, 1984.

FISCHER, Michael M. J. *Da antropologia interpretativa à antropologia crítica*. Anuário Antropológico/83. RJ, Tempo brasileiro/UNB.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. RJ, Graal, 1985.

FREY, James H., **EITZEN**, D. Stanley. *Sport and society*. Annu. Rev. Sociol. 1991, 17. p. 503-522.

- GASPAR**, Maria Dulce. Notas sobre o trabalho de campo. In: *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. RJ, Jorge Zahar, 1985. p. 41-61.
- GEERTZ**, Clifford. *Negara: o estado teatro no século XIX*. Lisboa, Difel, RJ, Bertrand Brasil, 1991.
- GIL**, Gilson. O drama do “futebol-arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. *RBCS*, n. 25, jun., 1994. p. 100-109.
- GIDDENS**, Anthony. *A transformação da intimidade*. 2. ed. SP, Ed. UNESP, 1993.
- GIRARDELLO**, Gilka. *Leitura e diálogo no texto da cobertura Senna*. SP, mimeo, 1994.
- Os **GRANDES** pilotos de todos os tempos. 2. v. SP, Abril Cultural, 1974.
- GROSSI**, Miriam Pillar. *Em busca de outros e outras: gênero, identidade e representação em Antropologia*. Florianópolis, mimeo, Seminário Regional ABRALIC, 1991.
- _____. *Na busca do “outro” encontrando-se a “si mesmo”*. In: *Trabalho de campo & subjetividade*. Florianópolis, GEN/UFSC, 1992.
- HOBSBAWN**, Eric, **RANGER**, Terence. *A invenção das tradições*. RJ, Paz e Terra, 1984.
- JAMESON**, Fredric. *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. RJ, Ed. UFRJ, 1994.
- JOLY**, Martine. *Introdução à análise da imagem*. SP, Papirus, 1996.
- LEAL**, Ondina Fachel. *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. POA, Ed. da UFRGS, 1995.
- MacALOON**, John J. *La pitada olímpica: Puerto Rico, internacional sport, and the constitution of politics*. In: **BRUNER**, Edward M. *Text, play, and reconstruction of self and society*. Illinois, Wavvland, 1988. p. 315-355.
- MACHADO**, Arlindo. *A arte do vídeo*. SP, Brasiliense, 1995.
- MARANHÃO**, José Luiz de Seouza. *O que é morte*. 2. ed. SP, Brasiliense, 1986.
- MENEGUELLO**, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas, Ed. Unicamp, 1996.
- MICELI**, Paulo. *O mito do herói nacional*. 4. ed. SP, Contexto, 1994.
- OLIVEIRA**, Roberto C. de. *A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade da Antropologia*. In: *Sobre o pensamento antropológico*. RJ, Tempo Brasileiro, Brasília, CNPq, 1988. p. 91-107.
- OLIVEN**, Ruben. *A parte e o todo - diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- ORTIZ**, Renato. *Cultura e modernidade*. SP, Brasiliense, 1991.
- _____. *Mundialização e cultura*. 2. ed. SP, Brasiliense, 1994.
- QUEIROZ**, Renato da Silva. *Um mito bem brasileiro: um estudo antropológico sobre o Saci*. SP, Polis, 1987.
- RAMOS**, Fernão Pessoa. *Imagem traumática e sensacionalismo: a intensidade da imagem-câmara em sua adesão ao transcorrer e sua tematização ética*. *Imagem*. UNICAMP, 1994, n.
- RIAL**, Carmen S. *Os charmes dos fast-foods e a globalização cultural*. *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, UFSC, 1995.
- _____. *A globalização publicitária: o exemplo dos fast-foods*. SP, Intercom, *Rev. Bras. de Com.* V. XVI. 1993, n. 2. p. 134-143.

- _____. Japonês está para TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, UFSC, 1995.
- _____. Fast-foods: a nostalgia de uma estrutura perdida. *Horizontes Antropológicos*. PPGAS/UFRGS. n. 4, jn./fe., 1996. p. 94-103.
- RODOLFO**, Adriane (e outros). Inventariando a grafia da luz nas dissertações de mestrado do programa de pós-graduação em antropologia social/UFRGS. *Horizontes Antropológicos*. POA, n. 7, out., 1997. p. 316-348.
- ROCHA**, Everaldo P. G. *O que é mito*. 3. ed. SP, Brasiliense, 1988.
- SALAZAR**, Claudia de L. C. O “outro” enquanto sujeito: a problematização pós-estruturalista. Florianópolis, mimeo, Seminário Regional da ABRALIC, 1991.
- _____. *Textos/sujeitos/contextos*. Florianópolis, mimeo, 1991.
- SANTOS**, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. SP, Brasiliense, 1986.
- SANTOS**, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. SP, HUCITEC, 1994.
- SOUZA**, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. SP, Brasiliense, 1995.
- TASSARA**, Helena Rosalia de O. *As crianças, a televisão e a morte de um ídolo: Ayrton Senna*. Aracaju, Intercom, 1995.
- TAUSSIG**, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. SP, Paz e Terra, 1993.
- VELHO**, Gilberto. *Observando o familiar*. In: **NUNES**, Edson de Oliveira. *A aventura antropológica*. RJ, Zahar, 1978.
- VIRÍLIO**, Paul. *Guerra e cinema*. SP, Página Aberta, 1993.
- WITTER**, José Sebastião. *O que é futebol*. SP, Brasiliense, 1990.